

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA

**O MERCADO DOS ORIXÁS:
UMA ETNOGRAFIA DO MERCADÃO
DE MADUREIRA NO RIO DE JANEIRO**

CARLOS EDUARDO MARTINS COSTA MEDAWAR

Prof. Dr. MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO
ORIENTADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política – PPGACP, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – ICHF, da Universidade Federal Fluminense – UFF, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia.

NITERÓI

2003

Medawar, Carlos Eduardo Martins Costa

O Mercado dos Orixás: Uma Etnografia do Mercadão de
Madureira no Rio de Janeiro/ Carlos Eduardo Martins Costa
Medawar. – Niterói: UFF/ICHF/ PPGACP, 2003.

xi, 148 p. il.

Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade
Federal Fluminense, ICHF, PPGACP.

1. Mercadão de Madureira
2. Mercado
3. Religião e economia
4. Orixás
5. Madureira, Rio de Janeiro

I. Título

CARLOS EDUARDO MARTINS COSTA MEDAWAR

O MERCADO DOS ORIXÁS: UMA ETNOGRAFIA DO MERCADÃO DE
MADUREIRA NO RIO DE JANEIRO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antonio da Silva Mello – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Ari de Abreu Silva
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr^a. Fátima Regina Gomes Tavares
Universidade Federal de Juiz de Fora

NITERÓI

2003

Aos meus filhos: Pamela, Leonardo e Beatriz; razão de minha existência;

A meus pais Gerdal e Déa, e a minha avó Nancy, dedico carinhosamente este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Não há árvore que sobreviva sem raiz, nem boa árvore que morra sem dar frutos, assim agradeço aos meus pais, avós e ancestrais a solidez do solo pelo qual caminhei até hoje e aos meus filhos o espaço roubado de suas vidas, a paciência dos últimos momentos e o incentivo sempre constante nos olhos de carinho e de admiração que sempre me dedicaram.

Um trabalho desse porte exige muito tempo da nossa vida pessoal. Durante longos meses passa a nortear nossas atitudes, nossos relacionamentos e até mesmo nossa maneira de ver o mundo, nos colocando diante de pessoas que muitas vezes eram desconhecidas e que passam a exercer papel fundamental em nossas vidas.

Entre todas as pessoas que conheci nesse novo processo algumas passaram, com certeza, a ocupar um espaço bastante especial na minha vida. E se cabe uma dedicatória acadêmica, antes mesmo daquela afetiva aos nossos entes mais queridos, eu também dedico o fruto desse trabalho, com um profundo agradecimento, àquele que sem dúvida foi o grande incentivador e mentor do tema que desenvolvi: Ao Prof. Dr. Marco Antonio da Silva Mello, por sua orientação, por seus ensinamentos e pela perseverança, às vezes maior do que a minha, em fim, por não ter me deixado desistir.

Agradeço também ao corpo docente do PPGACP, sobretudo a professora Lívia Neves, que me possibilitou em seus cursos a realização de trabalhos finais sobre o tema desta pesquisa, que puderam ser incorporados à dissertação.

Sou particularmente grato aos professores Arno Vogel, Michel Misse e Isidoro Alves, que muito contribuíram para o desenvolvimento do meu trabalho, dando-me sugestões, reaproximando-me do meu rumo e indicando bibliografia preciosa.

Agradeço também, sem menor importância, a todos que contribuíram para a execução desse trabalho:

Ao “povo do mercado”: clientes, administradores e lojistas, que me emprestaram um pouco de seu tempo, contando as histórias de suas vidas e me fazendo perceber a importância que o mercado tinha para eles;

Aos babalorixás Robson de Oxaguiã, meu mentor e conselheiro espiritual, e Jason de Oxalufã que comigo compartilharam de suas experiências me apresentando um mundo de significados novos, fundamental ao desenvolvimento de minha pesquisa;

Aos membros do Ilê Axé Ewellejigbô, minha Casa de Santo, filhos e irmãos de santos queridos, que muito me incentivaram;

Aos meus queridos colegas e amigos da UFF, pela possibilidade de os ter conhecido, por nossa irmandade acadêmica, pelo grande estímulo e pelas críticas e contribuições inestimáveis: Felipe Berocan Veiga, Soraya Silveira Simões, Wilma Leitão, Paulo Thiago de Mello, Fábio Reis Mota, Patrícia Brandão Couto, entre outros tantos que estiveram ao meu lado;

Aos queridos alunos do meu estágio de docência na disciplina Antropologia I, possibilitado e orientado pelo Prof. Marco Antonio da Silva Mello na turma de Geografia – UFF – 2001/2º semestre, cuja experiência ímpar me fez acreditar numa nova geração capaz de participar ativamente dos projetos acadêmicos e que com imensa satisfação me ajudaram muito nas minhas pesquisas de campo;

Aos amigos Maria Laura Diaz de Oliveira e Luiz Antonio Deiró Hanh, por sua grande contribuição;

Aos professores Gláucia Oliveira da Silva e Eduardo Gomes, coordenadores do PPGACP;

A CAPES pelo financiamento desta pesquisa acadêmica, e ao corpo de funcionários do PPGACP, nas pessoas de Inês e Graça;

Ao Projeto Faperj-Premio Cientista de Nosso Estado, Coordenado pelo Professor Marco Antonio da Silva Mello;

Aos professores Ary de Abreu Silva e Fátima Regina Gomes Tavares, por aceitarem a tarefa de avaliar esse trabalho;

Por fim, ao meu começo, a Oxaguiã, Babá Eweleejigbô Oxakeadjáxé, por permitir a essência de minha existência.

“No princípio era o mercado. No princípio e também por todo o sempre que veio depois. Base de um avanço e de um encontro, chão do homem já civilizado, nada supera o mercado como elemento aglutinador por excelência das comunidades que, heteromorfas mesmo quando unidas por interesses e idiomas comuns, precisam de pontos de reunião e de permutas, de entendimento eventual e de trocas de produtos. No princípio era o mercado e, através dele, aprendeu o homem a lidar com o outro, a respeitá-lo, em muitos casos a amá-lo, no sentido evangélico do verbo. No princípio era o verbo, e este se exercitava comunalmente nos lugares de compra e venda, em que a necessidade absoluta de comunicação aguçava o raciocínio, despertava idéias e provocava planos e itinerários.”

(Antônio Olinto)

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
RESUME.....	xi
APRESENTAÇÃO: EM BUSCA DO MERCADO.....	1
I – O MERCADO: SUA ORGANIZAÇÃO E SUA HISTÓRIA.....	9
1) Mercadão de Madureira – Retrospectiva Histórica.....	11
2) Estrutura e Aspecto Geral do Mercado.....	19
3) Fregueses, Freqüentadores e Comerciantes.....	28
II – A IMPORTÂNCIA DO MERCADO DE MADUREIRA PARA OS CULTOS RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS.....	33
1) Uma breve história do Povo-do-Santo.....	35
2) Um Mercado para os Orixás.....	48
III – O INCÊNDIO DO MERCADO E SEU IMPACTO SOBRE O COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS NO GRANDE RIO.....	60
1) O Incêndio.....	62
2) O Comércio de Artigos Religiosos Antes e Depois do Incêndio.....	77
IV – CONCLUSÃO: O NOVO MERCADO DE MADUREIRA.....	87
1) A Reconstrução do Mercado e a Participação do Poder Público.....	89
2) Situação atual e Perspectivas para o Futuro.....	98
BIBLIOGRAFIA.....	115
ANEXOS.....	119
1) Anexo 1: Decretos e Portarias Estaduais.....	120
2) Anexo 2: Notícias de Jornais.....	129
3) Anexo 3: Modelos Básicos de Entrevistas Aplicadas.....	146

RESUMO

O Mercado de Madureira é um dos espaços comerciais populares mais importante do Rio de Janeiro. Responsável por cerca de 40% da movimentação econômica do bairro de Madureira mantém direta ou indiretamente cerca de 20 mil empregos e atende diariamente a milhares de pessoas dos mais diversos níveis sociais.

Ao longo do século XX passou a se tornar o maior centro comercial de artigos religiosos dos cultos afro-brasileiros de todo o país, passando a exercer papel fundamental na vida de seus adeptos e se tornando um grande centro de referência social e cultural para todos os que mantinham alguma proximidade de relações com essas religiões.

Em janeiro de 2000, um incêndio de grandes proporções quase o destruiu completamente. Esse golpe que desarticulou este grande pólo comercial atingiu impiedosamente fornecedores, lojistas e clientes, aturdindo toda a cidade e repercutindo por todo o país. As diversas causas possíveis para o evento, bem como o processo desencadeado para sua recuperação, trouxeram a importância desse mercado para o centro das discussões, identificando as mais diversas teias de relações sociais que o compunham.

Em outubro de 2001 o Mercado de Madureira voltava a funcionar. Sua nova estrutura, bastante diferente da anterior, apesar de causar novo impacto na sociedade, mexendo com as expectativas de milhares de pessoas, o reconduzia ao rumo e ao cumprimento do papel que a história do último século lhe reservara.

ABSTRACT

The Orixás Market: An Ethnography of Madureira Big Market in Rio de Janeiro

The Madureira big market is one of the most important of Rio de Janeiro. It is responsible for about 40 per cent of the economic movement in Madureira and direct or indirectly 20,000 employments that supports thousands of people from different social levels.

During the 20th century, the big market became the greatest trade center that sells religious products of african-brazilians worship.

The big market of Madureira has an important role in the life of followers of this kind of religions and it is a social reference for all.

In January, 2000, a great fire almost destroyed it completely. This tragedy with the market activities brought a lot of sadness in all the country the several causes of this event and the process for its recuperation brought us the knowledge of its meaningful importance as a point of discuss and we can identify it as a relationship.

RÉSUMÉ

Le Marché des Orixás: Une Ethnographie du Grand Marché du Madureira a Rio de Janeiro

Le Grand Marché de Madureira c'est un des endroits commerciaux populaires de grande importance a Rio. Responsable par, a peu près, 40% de la mouvementacion économique du quartier de Madureira et que fait tenir, direct ou indirectement, vingt milles postes de travail, et que reçoit, tous les jours, plusieurs personnes des toutes classes sociaux.

Pendant le 20ème siècle, c'est devenu le plus grand entrepôt commercial d'articles religieux afro-brésiliens au pays, et s'est tourné un centre de référence social et culturel, d'une façon fondamentale, pour ceux qui suivent cette religion.

Le Janvier 2000, le feu lui a detruit complètement. Ce coup-là qui a disarticulé ce grand pol commercial afait atteindre les fournisseurs, les marchands et les clients. Cet événement a eu des répercussions sur tous. Les possibles raisons pour ce malheur et les efforts pour qu'il fusse rebâtit ont signalé l'importance de ce marché, même au centre des discussion académiques.

En octobre 2001, le Grand Marché a ouvert ses portes de nouveau. Sa nouvelle structure, différente de l'antérieure, malgré l'impact sur la société, a frapé avec les attentes de tout le monde et lui a reconduit a sa place de renom.

APRESENTAÇÃO: EM BUSCA DO MERCADO

“Olho a olho, cara a cara, e quando estiveres perto, eu arrancarei os teus olhos e os colocarei no lugar dos meus e tu, me arrancarás os meus olhos e os colocarás no lugar dos teus. Assim eu te enxergarei com os teus olhos e tu me enxergarás com os meus.”

(J. Moreno)

O Mercado de Madureira já era meu velho conhecido. Desde 1989 fazia nele minhas compras com certa regularidade e, exatamente por esse motivo, minha primeira indagação foi saber como poderia olhar para o mercado sem aquela familiaridade capaz de banalizar o seu cotidiano.

Sabia que deveria procurar interagir com o campo sem torná-lo trivial, impossibilitando, assim, qualquer análise mais profunda e, por isso, a questão metodológica tornou-se alvo de minhas preocupações.

Na realidade não estava diante de qualquer mercado, mas, do maior centro comercial de artigos religiosos destinados aos cultos afro-brasileiros, e nem tão pouco eu era um cliente qualquer, mas, um iniciado no rito do Candomblé.

Como conciliar tudo isso? Como fazer uma etnografia capaz de dar conta dessas relações?

Ao meu redor, as opiniões eram bastante diversas. Alguns acreditavam que a minha proximidade com o objeto poderia macular todo o trabalho, outros viam nela a possibilidade de uma maior compreensão e interação com o campo. Contudo, sabia que só caberia a mim encontrar o equilíbrio necessário, até mesmo porque, estudar o candomblé nas suas mais variadas dimensões, era o que sempre tinha desejado fazer, só não sabia se era no mercado que queria me situar, e essa dúvida me perseguiu por alguns meses.

Agora eu tinha dois grandes problemas, um era o de saber se seria competente no ofício de antropólogo diante de minha religião, o outro o de perceber que o mercado poderia ser uma porta de entrada para os meus estudos sobre os cultos afro-brasileiros.

O segundo problema foi bastante facilitado depois que realizei um trabalho intitulado “*O Preço de um Iaô*”,¹ que tratava da questão do consumo no candomblé, abordando especificamente o processo econômico da feitura de santo.

Naquele momento minha pesquisa começou a mostrar a relação entre o mercado e o processo iniciático, e o trivial passou a ganhar sentido. Percebi, então, que o segundo problema só existia em função do primeiro. Na verdade ainda não tinha aprendido a olhar para o mercado sem ver nele apenas o local comum onde se fazem compras, e isso não me instigava em nada.

Fundamental foi a perseverança de meu orientador, o Prof. Dr. Marco Antonio da Silva Mello, que aos poucos me descortinava as múltiplas facetas e implicações desse objeto de estudo. Graças a ele, e ainda com muita resistência de minha parte, comecei a perceber aonde as coisas podiam chegar, e hoje sei que poderiam ter ido muito mais além do que foram, não fossem os entraves comuns à quase todo estudante brasileiro que, infelizmente, tem que conciliar com seus estudos a sua sobrevivência e às vezes a de sua família.

Restava-me, portanto ir ao campo, e fazer o melhor que pudesse. Decidi, então, que a melhor maneira para desenvolver o trabalho seria ouvindo as pessoas. Afinal, se soubesse escutá-las poderia afastar o medo de estar falando para mim mesmo.

Prontamente montei e remontei por várias vezes roteiros para entrevistas. Precisava de um ponto de partida para entender a representação que o mercado tinha na vida das pessoas. Logo percebi que não bastava um roteiro único, afinal a perspectiva do lojista, não era exatamente igual à do cliente e a dos adeptos

¹ Trabalho apresentado na disciplina Antropologia Contemporânea, ministrado pela professora Livia Neves.

das religiões de origem africana envolvia situações específicas, diferenciadas das de outros clientes.

Quase sempre os assuntos abordados nas entrevistas se desdobravam em muitos outros, e uma única questão prevista no roteiro se multiplicava também em muitas outras.

Situação particular e de grande importância, que marcou o eixo das entrevistas, foi o grande incêndio ocorrido em janeiro de 2000. Primeiro porque causou grande destruição atingindo a lojistas e clientes; segundo porque foi um marco fundamental na história do mercado. Saber como tal situação tinha afetado a vida das pessoas foi primordial, pois através dela diversas outras vieram à tona. Talvez esse momento de crise tenha sido o grande revelador das múltiplas relações existentes no mercado.

As causas atribuídas ao incêndio foram as mais diversas possíveis e as maneiras de se falar sobre elas também. Alguns dos entrevistados que pareciam bem confortáveis em relatar a vida cotidiana do mercado, quando questionados sobre esse assunto em particular, demonstravam um certo desconforto. A desconfiança era, às vezes, sinalizada, quando me questionavam se eu era da polícia, ou de alguma companhia de seguros. Estabelecer um elo de confiabilidade nesse momento não foi muito fácil, afinal as pessoas não sabiam como as informações dadas por elas seriam utilizadas, e algumas me pediam para não ser identificadas. Entretanto, de uma forma geral, os entrevistados estavam sempre ávidos em falar. Talvez o momento escolhido para a primeira visita tenha proporcionado isso, já que foi o dia da reabertura do mercado ao público, depois de longos meses com as portas fechadas.

A ansiedade pelo novo e o clima de esperança e alegria era bastante visível. Talvez por isso todos quisessem falar. Seja de seus infortúnios anteriores ou do sacrifício vivido no período de reconstrução, seja da nova estrutura do mercado ou de suas perspectivas para o futuro.

Informado das dificuldades que muitos clientes passaram nesse período, sobretudo daqueles ligados as lojas de artigos religiosos, procurei ampliar os estudos de *“O Preço de um laô”*, evidenciando o impacto do fechamento do Mercado na formação de preços desse comércio específico.

Fundamental também foi a coleta de informações através dos principais jornais do país, que retrataram passo a passo o episódio do incêndio.

Depois de coletados todos os dados, veio a mais difícil de todas as tarefas. Como iria comunicar tudo aquilo que havia ouvido? Como transformar todo esse material num trabalho antropológico com os devidos suportes teóricos? Como analisar e entender tudo que eu havia ouvido? Como escrever sobre a vivência de outras pessoas sem saber se realmente eu havia captado suas verdadeiras impressões.

Percebi que a importância não estava somente naquilo que tinha sido me dito. Muito mais havia no como tinha sido dito.

Mais do que a realidade importava a percepção que se tinha dela. Foi exatamente aí que entendi que eu também era mais um e não devia temer de forma tão compulsiva que minhas impressões pudessem mascarar todo o processo, afinal elas também existiam. Não podiam ser absolutas, mas estariam ali no contexto, querendo eu ou não. Afinal todas as impressões passavam por mim.

Foi quando nas palavras de Vagner Gonçalves da Silva encontrei sentido para o que estava fazendo, mesmo sabendo que isso não era definitivo.

“Assim, uma das respostas possíveis à pergunta de Malinowski sobre *“qual é , então, esta magia do etnógrafo, com a qual ele consegue evocar o verdadeiro espírito dos nativos, numa visão autêntica da vida tribal?”*, é a de que consiste numa “auto-ilusão” que isto seja plenamente possível, pois não existe, percebemos cada vez mais, um “verdadeiro” espírito dos nativos nem uma “visão autêntica” da vida dos grupos. Ambas são construções realizadas a partir da convivência entre pessoas que se observam e se interpretam mutuamente, não sendo possível haver “palavras finais” além das que são pronunciadas continuamente no fluxo ininterrupto do diálogo cultural.”²

Procurei, então, estruturar meu trabalho. Decidi que em primeiro lugar deveria organizar todo o material de forma que pudesse ser bem entendido. Criei uma trajetória para isso.

No primeiro capítulo busquei apresentar o Mercado, contando a sua história, identificando a organização do seu espaço físico e caracterizando os grupos sociais que determinavam sua rede de relações.

O segundo capítulo reservei para analisar a importância do mercado para os adeptos dos cultos afro-brasileiros. Para tanto senti a necessidade de apresentar mais detalhadamente esses grupos religiosos, mostrando um pouco de sua história e organização.

O terceiro capítulo foi destinado a demonstrar o impacto causado pelo incêndio do Mercado na vida das pessoas e, mais especificamente, no comércio de artigos religiosos no Grande Rio.

² SILVA, Vagner Gonçalves da. *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo, SP. Edusp, 2000, p. 184.

O quarto capítulo, à guisa de conclusão, destinei as questões que envolveram o processo de reconstrução do mercado, analisando o impacto de sua nova estrutura diante de lojistas e clientes e buscando avaliar as perspectivas de suas novas dimensões.

Na realidade ao produzir esse trabalho não esperava encerrar nele todas as questões relativas ao tema.

Muito sei que ainda há para se explorar, mas mesmo diante do pouco que atingi, temia não chegar ao fim. Restava-me, entretanto, ir em frente. Apesar das perdas durante o processo terem sido muito grandes, e muitas vezes me sentir num abismo sem fim, já não podia mais parar. Tinha investido muito de mim, muito de meus sonhos e expectativas. O Mercado de Madureira já era também parte integrante de minha vida.

I - O MERCADO: SUA ORGANIZAÇÃO E SUA HISTÓRIA

“O Pensamento humano é rematadamente social: social em sua origem, em suas funções, social em suas formas, social em suas aplicações. Fundamentalmente, é uma atividade pública – seu habitat natural é o pátio da casa, o local do mercado e a praça da cidade”

(CLIFFORD GEERTZ)

1) Mercado de Madureira – Retrospectiva Histórica

O Mercado de Madureira é um dos mercados populares em atividade mais antigos do Rio de Janeiro. Originado do antigo mercado de Cascadura, passou, ao longo do século XX, por diversas mudanças e alterações.

Eduardo Almeida, um dos pioneiros do mercado, em depoimento para a revista Rio Ilustrado – Madureira de 1937, demonstra bem parte dessa trajetória, dizendo que tudo se iniciou em 1914:

“- Havia em Cascadura, em terreno fronteiro à estação, um velho mercado. O prefeito Bento Ribeiro já havia dado a várias localidades concessão para que fossem nelas instalados recintos semelhantes, concessão com que foi também aquinhoadada Madureira. Acontece que, por escassez de espaço, o mercado de Cascadura se transferiu para o Campo dos Cardosos, na estação de Engenheiro Leal. Um grupo de moradores de Madureira, do qual faziam parte entre outros, Antonio Pereira, o despachante Joaquim Ribeiro, já falecido, e este seu criado, buscou entendimento com os mercadores do Campo dos Cardosos e lhes propôs ocupar o Mercado de Madureira, já então instalado. Aceita a sugestão, o grupo se dirigiu ao então agente da prefeitura, João José de Abreu, também já falecido, na solicitação de um pedido que visava dar ao mercado, espaço ainda maior, visto que suas dimensões eram consideradas insuficientes. A light resolve dar-nos um terreno à rua Oliva Maia, para que nele fosse enfim instalado o Mercado. A inauguração deste, verificada na gestão do Prefeito Amaro Cavalcanti, deu motivo a novas manifestações de regozijo.”³

³ Revista Rio Ilustrado – Madureira – depoimento de Eduardo Almeida, sobre os pioneiros do antigo Mercado de Madureira – 1937 – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, citado na Revista “Mercado de Madureira”. Acogramm (Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira) – Edição especial – reinauguração – 2001 – p. 10.

Dois anos depois, em 1916, a Central do Brasil necessitando de alguns terrenos da rua Olívia Maia para fazer a duplicação da Linha Férrea Auxiliar, propôs a troca da antiga área do mercado por outra, também em Madureira, onde hoje se encontra instalada a sede da Escola de Samba Império Serrano. Nesta área o mercado sofreu grandes transformações e ampliações:

“Em 1929 é iniciada a obra de ampliação e o Mercado de Madureira seguia sua trajetória como o maior centro de distribuição de alimentos da zona Suburbana. Pela sua grandiosidade, as instalações do Mercado tornaram-se reduzidas para o crescimento de suas atividades, até que em 1949 o Prefeito do Distrito Federal, General Mendes de Moraes, cumprindo sua promessa de acabar com os intermediários que encarecem o preço das mercadorias em todos os locais em que atuam, manda construir 26 boxes no centro do Mercado de Madureira para serem entregues a produtores, para venda direta ao público. Após a concorrência pública, que teve por base a produção de cada um, realizou-se, na Secretaria Geral de Agricultura, a entrega destes pontos de venda, sendo 24 deles para verduras e hortaliças, um para venda de peixe e outro para leite e derivados”.⁴

⁴ Jornal do Commercio – Seção Memória: Há 50 anos – 1999, citado na Revista “Mercadão de Madureira” - ACOGRAMM (Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira) – Edição especial – reinauguração – 2001 – pág. 10.



1930 - Lavadores. Foto de Augusto Malta, gentilmente cedida pela Fund. Museu Imagem e do Som.



1949 - Inauguração de 26 boxes pelo Prefeito Mendes de Morais. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Em 1959, devido ao adiantado processo de urbanização pelo qual passava a cidade do Rio de Janeiro e com o conseqüente crescimento do comércio, o presidente Juscelino Kubistchek inaugura um novo espaço para o Mercado, na Avenida Edgar Romero, local onde se encontra até hoje. Este local passa, a partir de então, a ser denominado popularmente como “Mercadão” tornando-se um dos pólos de venda que fez com que Madureira chegasse a ocupar o primeiro lugar no Rio em arrecadação de ICMS. A ida de todos os comerciantes para o novo

local se deu ao longo de quatro anos, ainda não havia espaço acabado para todos, tanto que o antigo mercado só foi demolido em 1963.

A importância do Mercado para o comércio do Rio de Janeiro foi tamanha que em 1959, em discurso de inauguração, o próprio Presidente Juscelino Kubistcheck fez questão de declarar:

“Acredito desnecessário também, fazer novos elogios a esta obra. O Rio de Janeiro está precisando há tantos anos de organizações desse gênero, que esta agora vai ser o modelo, o exemplo, o símbolo, o estímulo para os outros, eu quero portanto, apenas fazer esses votos para que outros acompanhem e sigam os senhores e proporcionem ao Rio de Janeiro e ao Governo uma esplêndida colaboração como esta.”⁵



1954 - Mercado de Madureira.
Acervo Arquivo Nacional. - Correio da Manhã.

⁵ Revista “Mercadão de Madureira”, p. 9.



1959 - Inauguração do Grande Mercado de Madureira.
Arquivo Nacional - Agência Nacional.



1959 - Presidente Juscelino Kubitschec em discurso na inauguração
do grande Mercado de Madureira. Rep. Arquivo Nacional - Agência Nacional.

O grande sucesso do mercado também foi fruto da localização estratégica do bairro de Madureira.

Situada às margens da principal rodovia da cidade, a avenida Brasil; estabelecida próxima as duas principais rodovias do Estado, Washington Luís e Eurico Gaspar Dutra e centralizada em meio ao entroncamento da Central do Brasil e da Leopoldina, as duas linhas férreas que, com suas linhas auxiliares, cortam todo o município se intercomunicando com os municípios vizinhos, Madureira bem cedo se tornou o centro convergente de pessoas de todas as vizinhanças.

Com essa sua posição central, Madureira passou a ser centro comercial atendendo a moradores de diversos bairros: Cascadura, Jacarepaguá, Irajá, Penha, etc., e aglutinando pessoas vindas de todas as regiões, fossem elas das zonas norte, sul e oeste do Rio de Janeiro; fossem elas dos municípios da baixada fluminense: Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé, Nilópolis ou Nova Iguaçu; ou mesmo de locais mais distantes como Niterói ou São Gonçalo.

Como a maior parte das áreas adjacentes ao bairro era basicamente rural, o Mercado de Madureira se estabeleceu com a tradição de venda de produtos agrícolas, sobretudo para atender a demanda da sua grande vizinhança sem fronteiras, se caracterizando, sobretudo como ponto de venda para os pequenos produtores rurais da região. Logo o mercado tornou-se um tradicional centro na venda de hortifrutigranjeiros, ervas, cereais e de animais de pequeno porte para abate, como aves, cabras, etc.

Com a inauguração do CEASA (Centrais de Abastecimentos do Rio de Janeiro S.A.), em 28 de agosto de 1974, no bairro de Irajá, com os objetivos de reduzir custos de comercialização de produtos hortigranjeiros ao

nível do atacado; de melhorar as condições de abastecimento, proporcionando a formação de preços mais justos e de propiciar facilidade para o escoamento da produção agrícola, o Mercado passa a sofrer uma grande concorrência obrigando-se a uma maior diversificação de seu comércio. Dessa forma começam a surgir lojas e boxes com outros tipos de mercadorias, tais como: artigos de festas e aniversários, doces, pipas e, sobretudo, artigos religiosos, voltados para cultura afro-brasileira, o que chegou a corresponder a grande parcela do comércio do mercado, se considerarmos outras lojas, como as de animais e ervas, cujos produtos são também utilizados no culto religioso.

Afinal a concorrência acabou por ser extremamente benéfica, assim ele acabou por ampliar ainda mais a sua clientela, agora bem mais diversificada, prosperando muito mais, além de reiterar seu conceito de mercado tipicamente popular e de também se tornar um grande centro de referência para os adeptos das religiões como a umbanda e o candomblé.



1960 - Reunião de lavradores no centro de lavoura comércio e indústria.
Acervo ACOGRAMM.



1963 - Demolição do antigo Mercado de Madureira.
Arquivo Nacional - Correio da Manhã.



1963 - Preparativos à mudança para o Grande Mercado de Madureira.
Arquivo Nacional - Correio da Manhã.

2) Estrutura e Aspecto Geral do Mercado



2001 - Foto da Fachada do Novo Mercado de Madureira
Entrada Av. Edgar Romero

O Mercado de Madureira, situado na Avenida Edgar Romero nº 239 e com saída lateral para a rua Conselheiro Galvão nº 58/96, no bairro de Madureira - Rio de Janeiro, ocupa uma área de aproximadamente 40.000 m² e possui, no total, 13 galerias, identificadas pelas letras de A à M, além da Galeria denominada Conselheiro Galvão e a área dos Box.

O Mercado é dividido em duas grandes áreas, a principal e sua expansão contígua chamada de área Anexa. Essa área foi criada para servir de estacionamento, mas, na década de 60 foi destinada a agricultores removidos do local onde hoje se situa a escola de samba Império Serrano.

“(…) Políticos da época, então, permitiram que estes agricultores construíssem na parte anexa, já que não tinham recursos para instalarem-se na parte principal. A denominação de anexo e

principal se deu por parte dos donos lojistas da época de sua construção. No caso do anexo se denominou assim porque foi construído quatro anos depois do principal e, além do mais, as duas repartições tem suas respectivas administrações separadas.”⁶

Nas galerias se situam as 375 unidades físicas do Mercado o que compõe 277 unidades comerciais com atividades das mais diversificadas. No tocante a essa classificação, resolvi identificar sob a denominação de unidade física os espaços físicos individualizados, Lojas ou Box, que são utilizados como áreas comerciais, posto que as unidades comerciais podem ocupar uma ou mais unidades físicas.

CATEGORIA DAS LOJAS	UNIDADES FÍSICAS	UNIDADES COMERCIAIS
ADESIVOS EM GERAL	03	02
ARAMADOS	01	01
ARTESANATO - BORDADOS DE MINAS	01	01
ARTIGOS DE MAQUINAS, ALUMÍNIO / PANEAS.	08	08
ARTIGOS DE MERCEARIA E LATICÍNIOS	24	16
ARTIGOS DE MIUDEZAS	12	10
ARTIGOS DE PAPELARIA	25	19
ARTIGOS PARA DOCEIRAS E CONFEITARIAS	05	05
ARTIGOS PARA FESTAS	35	32
ARTIGOS RELIGIOSOS	47	33
BEBIDAS	04	02
BIJUTERIAS E PRESENTES	17	15
BISCOITOS	04	03
BRINQUEDOS	38	27
CARNES EM GERAL	13	08
CASA LOTÉRICA	01	01
CEREAIS E CONDIMENTOS	15	10
CESTAS DE VIME	02	02
CHAVEIRO	01	01
DOCES	28	10
EMBALAGENS E DESCARTÁVEIS	20	14
ERVAS/PAVILHÃO DAS VERDURAS	07	07
FLORES NATURAIS E ARTIFICIAIS	04	04
FRUTAS E LEGUMES	02	02
HORTIGRANJEIROS	02	02
IMPORTADOS PORTUGUESES E OUTROS	02	02

⁶ Entrevista com o Vice-Presidente da ACOGRAMM - Horácio de Carvalho Afonso em julho de 2002.

CATEGORIA DAS LOJAS - Continuação	UNIDADES FÍSICAS	UNIDADES COMERCIAIS
LANCHONETES E BARES	20	14
LOJA DE PLÁSTICOS	01	01
LOJAS DE ANIMAIS	05	03
LOJAS DE TELEFONIA CELULAR	02	02
PERFUMARIAS	10	06
PRODUTOS HIDRÁULICOS E ELÉTRICOS	06	06
PRODUTOS NATURAIS	01	01
PRODUTOS VETERINÁRIOS	03	01
ROUPAS PARA GINÁSTICA FEMININA	01	01
SALÕES DE CABELEIREIROS	02	02
TABACARIAS E CHARUTARIAS	03	03
TOTAIS	375	277

No quadro anterior observamos que a categoria de artigos religiosos ocupa a maior área física e o maior número de lojas. Essa concentração torna-se ainda maior se pudermos acrescentar outras lojas cujos produtos também são fundamentais aos cultos religiosos, tais como ervas, animais e cereais amplamente utilizados nos ritos e festas dos terreiros de umbanda e candomblé.

CATEGORIA DAS LOJAS	UNIDADES FÍSICAS	UNIDADES COMERCIAIS
ARTIGOS RELIGIOSOS	47	33
CEREAIS E CONDIMENTOS	15	10
ERVAS/PAVILHÃO DAS VERDURAS	07	07
LOJAS DE ANIMAIS	05	03
TOTAIS	74	53

A distribuição das lojas ao longo do mercado não segue um padrão pré-estabelecido. Elas se distribuem de forma aleatória, não sendo agrupadas nas galerias conforme o gênero de suas mercadorias⁷.

O Mercado de Madureira é organizado sob a forma condominial. Sua administração é dividida em dois setores: O Condomínio Entrepasto do Mercado do Rio de Janeiro, responsável pela área principal e o Condomínio do Edifício Comercial Anexo do Grande Mercado de Madureira, responsável pela área anexa.

⁷ Verificar tabelas das páginas 23 à 27.

Além dos dois condomínios gerenciados por seus respectivos síndicos é de fundamental importância a ACOGRAMM, Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira, que, através de sua diretoria, tem o objetivo de desenvolver as atividades comerciais do Mercado, buscando sempre manter, conforme é relatado pelos próprios lojistas, um espírito colaboracionista, que procure atender aos interesses dos comerciantes.

“Somente atuando coletivamente é que teremos força para enfrentar qualquer dificuldade...”⁸

“Já era acalentado o sonho de criação de uma associação há muitos anos. Mas para se chegar até esse ponto, seria necessária toda uma prévia organização, o que leva algum tempo, e no nosso caso foram anos. Havia um natural receio pelo fato de uma associação, como uma instituição política, estar sujeita à contaminação por aquilo que se verificava na política tradicional. A ampliação dos contatos políticos trazendo consigo as soluções arranjadas, o jeitinho, a corrupção e etc. Quem seria o presidente? E, se como presidente, havia a possibilidade de desviar-se de seus objetivos? Não! Chegamos à conclusão que não. Nos conhecíamos muito bem. Confiávamos nos nossos e na nossa escolha. Foi assim que em 7 de abril de 1956, foi fundada a ALPREMM (Associação dos Locatários Prepostos e Representantes do Mercado de Madureira), com sede à estrada da Portela nº 24, sala 402. Em março de 1957 foi dada uma nova denominação com a sigla ACOMM (Associação Comercial do Mercado de Madureira), e hoje ACOGRAMM (Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira).”⁹

⁸ Depoimento de Alípio Vieira, um dos antigos lojistas do mercado, para a Revista “Mercadão de Madureira”, contracapa.

⁹ Depoimento de Artur Leite, Presidente da ACOGRAMM, para a Revista “Mercadão de Madureira”, contracapa.

DISTRIBUIÇÃO DAS LOJAS NO
MERCADÃO DE MADUREIRA

Artigos Religiosos

Galeria	Nº da Loja (s)
A	213 À 219
B	102 À 104
B/F	211/213
B	223 À 227
C	111 ^A
C	144
C	207
C	211
C	223 À 225
C	221
C	222 E 224
C	230
C	250 E 252
C	220
D	201
D	207
D	206
D	107
E	219
F	203
F	204
F	210 E 212
F	222 E 224
F	204 E 206
G	209 E 211
G	225
G	210
G	220 E 222
H	207
H	126
H	216
H	217
K	216

Tabacarias e Charutarias

Galeria	Nº da Loja(s)
B	107
G	114
M	121

Artigos de Máquinas, Alumínios e Panelas

Galeria	Nº da Loja (s)
C	204
C	216
C	217
C	226
D	203
D	205
E	202
E	215

Importados

Galeria	Nº da Loja (s)
B	119
C	238

Ervas - Pavilhão das Verduras

Galeria	Nº da Loja(s)
B	115
BOX	07
BOX	08
BOX	09
BOX	10
BOX	22
BOX	23

Frutas e Legumes

Galeria	Nº da Loja(s)
B	213
G	212

Carnes em Geral

Galeria	Nº da Loja(s)
A	207 À 211
B	215
B	212
C	205
G	217/219
G	233
G	226/228
L	224/225

Artigos de Época

Galeria	Nº da Loja(s)
B	105
E	221
G	213
G	227
H	124
K	108

Bordados de Minas

Galeria	Nº da Loja (s)
B	113

Cereais e Condimentos

Galeria	Nº da Loja (s)
C	215
F	107
H	219
M	107/108
M	117 À 119
M	215
K	201/202
L	207/208
L	233/234
Cons. Galvão	110 ^A

Biscoitos

Galeria	Nº da Loja(s)
G	201
M	104/105
Cons. Galvão	110B

Produtos Hidráulicos, Elétricos e Utilidades

Galeria	Nº da Loja(s)
F	207
G	203
H	125
H	58C
K	227
Cons. Galvão	58C

Plásticos

Galeria	Nº da Loja(s)
G	205

Flores Naturais e Artificiais

Galeria	Nº da Loja(s)
A	201
C	156
E	205
E	208

Produtos Veterinários

Galeria	Nº da Loja(s)
H	130/132/134

Adesivos em Geral

Galeria	Nº da Loja(s)
D	104/106
K	109

Aramados

Galeria	Nº da Loja(s)
C	239

Salão de Cabeleireiro

Galeria	Nº da Loja(s)
C	219
D	208

Lojas de Bebidas

Galeria	Nº da Loja(s)
G	221/223
L	110/111

Roupas para Ginástica Feminina

Galeria	Nº da Loja(s)
K	203

Cestas de Vime

Galeria	Nº da Loja(s)
E	213
M	204

Hortigranjeiros

Galeria	Nº da Loja(s)
H	122
M	115

Produtos Naturais

Galeria	Nº da Loja(s)
F	118

Lojas de Doces

Galeria	Nº da Loja(s)
B	116 À 120
E	104 À 108
H	113 À 123
L	123 À 125
ABC	46
Fachada	56
A	56
B	56
A/B à F	58/96
B	112

Artigos para Doceiras e Confeitarias

Galeria	Nº da Loja(s)
D	108
E	203
J	204
L	209
M	209

Fotografia

Galeria	Nº da Loja(s)
A	LJ/C

Lojas de Brinquedos

Galeria	Nº da Loja (s)
A	101 E 103
B	123 E 125
C	105
C	112
C	125
C	119
C	104 E 106
C	110
C	116
C	118
E	210 E 212
F	101
F	103
F	106 E 108
F	109
F	110
G	117
G	116
G	107 À 113
H	112
H	101B
H	103
H	107
H	109
M	123 À 125
M	126 E 127
K	226

Lojas De Telefonia Celular

Galeria	Nº da Loja (s)
A	102
J	214

Lanchonetes e Bares

Galeria	Nº da Loja(s)
B	239
B	239
C	136 A 142
C	201
G	112
H	210
J	114
J	209

Artigos de mercearia e Laticínios

Galeria	Nº da Loja (s)
B	209
B	202
B	219
C	203
F	218 E 220
H	128
H	226
H	230
H	221
H	201 E 203
J	201
L	112 E 113
L	215 E 216
M	112/113/114
M	216 E 217
K	219 E 220

Embalagens e Descartáveis

Galeria	Nº da Loja(s)
C	123
C	218
F	109
F	122 E 124
G	103 E 105
G	115
H	118 E 120
J	202 E 203
L	102 E 103
L	217
M	106
M	120
K	213
K	230 E 231

Artigos de Miudezas

Galeria	Nº da Loja (s)
B	111
B	113
B	133
B	221
B	233
E	105 E 107
H	116
K	107
D	58
M	102/103

Artigos de Papelaria

Galeria	Nº da Loja(s)
A	203 E 205
A	108
A	115
B	214 E 216
B	201
B	239
B	112 ^A
C	232
E	109 E 111
G	119
G	127
G	129
G	131 E 133
G	102 E 104
G	106 E 108
H	215
M	224
K	103
K	108
K	225

Loteria

Galeria	Nº da Loja(s)
C	234

Chaveiro

Galeria	Nº da Loja(s)
A	LJ/B

Perfumarias

Galeria	Nº da Loja(s)
B	108
B	208
B	206
C	150 À 154
K	205/206
L	204/205

Artigos Para Festas

Galeria	Nº da Loja(s)
A	107
A	104
A	106
A	202
A	206
B	103
B	210
C	115 E 117
C	126
C	148
C	212
C	244/246
C	254
E	101
E	110
E	204
E	206
E	211
F	111
F	102
F	114
F	116
G	204
H	101 ^A
H	201B
H	218 E 220
J	210
J	212
L	226
L	227
M	224
K	228

Bijuterias e Presentes

Galeria	Nº da Loja(s)
A	111 E 113
A	117
A	110
C	107
C	109
C	114
C	120
C	122
F	105
F	104
G	125
G	224
H	114
L	127 E 128
K	113
L	115
L	221 E 222
L	228 A 231
M	128
K	101
J	215

3) Fregueses, Freqüentadores e Comerciantes.

A clientela do Mercado não representa um grupo ou segmento social específico. Muito diversificada, aglutina pessoas de todos os níveis sociais, independente de cor, sexo ou mesmo de religião, ainda que nesse aspecto os adeptos dos cultos afro-brasileiros sejam a maioria. São donas de casa, religiosos, pequenos comerciantes, gente de todo os tipos, vindos de todos os lugares. Em sua entrevista Horácio de Carvalho Afonso, lojista e 2º vice-presidente da ACOGRAMM, informa com maior precisão:

“Nosso público alvo é o consumidor final que é a dona de casa, interessada em produtos que abastecem o lar, e hoje tem lojas de enfeites do lar, cosméticos e perfumarias; lojas de artigos religiosos para os adeptos dessas religiões e existem muitas lojas de atacado que abastecem os camelôs, o pequeno comerciante e até mesmo o comerciante de varejo do próprio mercadão que compra lá mesmo no atacado. Não tem principal corrente, pois o mercadão é único no Rio de Janeiro com clientela de tudo quanto é jeito”¹⁰

Dois segmentos comerciais têm crescido enormemente atraindo, assim, outros grupos de clientes. São os setores de brinquedos e de artigos para festas, que ocupam respectivamente o 2º e o 3º lugar em número de estabelecimentos no mercado. Sendo assim, é muito comum encontrarmos agora em seus corredores, organizadores de festas de aniversário e casamentos, bem como, lojistas do varejo de brinquedos de outros lugares.

Embora, o crescimento de outros seguimentos comerciais seja percebido, o comércio de artigos religiosos sempre ocupou o 1º lugar, essa predominância

¹⁰ Trecho da entrevista com o Sr. Horácio de carvalho Afonso, lojista e 2º Vice-Presidente da ACOGRAMM (Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira)

pode ser confirmada através de notícia do Jornal o Dia que, em ampla reportagem sobre o incêndio, dizia em uma de suas colunas intitulada “*Shopping dos pais-de-santo*”:

“O Mercadão de Madureira era o paraíso dos pais-de-santo. Havia de tudo para os rituais, de galinha preta a cabrito, muitos dos quais morreram nas chamas. Trinta e três lojas vendiam artigos para despachos e oferendas. Outros 29 boxes negociavam ervas que combateriam doenças e os males do espírito. Não havia lugar melhor para achar manjericão, cantiga-de-mulata, guiné, alecrim e abre-caminho. O lugar concentrava ainda artigos de papelaria, doces e carnes.(...) Apesar da crise, o Mercadão recebia de 30 a 40 mil pessoas por dia. Em datas religiosas, o movimento saltava para 100 mil visitantes. A horda procurava os preços baixos oferecidos. Era o lugar da pechincha.”¹¹

Foi exatamente essa enorme concentração de clientes e visitantes, que, conforme a época variava de 30 a 100 mil pessoas por dia, aliada a concentração de produtos populares dos mais diversos, que deu ao Mercadão de Madureira a posição de um dos maiores mercados populares do país, sendo ele responsável por cerca de 40% da arrecadação de ICMS (imposto sobre circulação de mercadorias e serviços) do bairro de Madureira, dando a esse bairro um status comercial ímpar, no Rio de Janeiro.

Como lojistas podemos encontrar também gente de todos os tipos. Alguns são donos de suas próprias lojas, outros são locatários. Alguns possuem mais de um estabelecimento no mercado. Existem aqueles que estão lá por mais de 30 ou 40 anos, existem outros mais novos, que só iniciaram suas atividades após a reinauguração.

¹¹ Jornal O Dia – 17 de Janeiro de 2000 – Geral – p. 03.

Como já tivemos a oportunidade de demonstrar, há uma grande diversificação comercial no mercado, entretanto os gêneros ali vendidos, no atacado ou no varejo, ainda que se possa encontrar lojas mais “sofisticadas”, como as que trabalham com produtos importados, são tipicamente populares, tais como: artigos de papelaria, panelas e artefatos de cozinha, bebidas, doces, carnes, cereais, tecidos, artigos e enfeites para festas, artigos religiosos de todos os tipos (santos de gesso, louças, ervas, animais, enfeites, ferramentas de santo, contas para colares, sementes nacionais e africanas, velas de qualquer tipo e tamanho, etc.).

Os que trabalham direta ou indiretamente nas atividades comerciais, mantêm relações das mais diversas com os lojistas. Há empregados registrados, portanto, regidos pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Há empregados que não mantêm vínculos trabalhistas. Alguns trabalham temporariamente, em épocas de maiores piques de venda, outros, ainda que permanentes, não são legalizados, portanto clandestinos, aos olhos da lei.

Há aqueles que são altamente especializados no tipo de comércio que praticam, como nos relata o babalorixá Robson de Oxaguiã em sua entrevista, sobre os vendedores de artigos religiosos:

“Alguns vendedores depois de anos de venda para grandes babalorixás acabam reunindo conhecimentos tão vastos que muitos babalorixás não possuem. Sabem muitas vezes o que leva ou não naquele tipo de santo, sabem até mais do que o comprador que é membro da religião ou do que o próprio pai-de-santo. É verdade que alguns são também da religião, mas, muitos não são, passaram a conhecer com a experiência do próprio comércio.”¹²

¹² Trecho da entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã – outubro de 2001.

Entretanto, como pude observar no caso desse mesmo grupo de vendedores, há aqueles que se quer sabem o significado de um artigo ritual específico que esteja vendendo, ora recorrendo a outros, provavelmente mais antigos ou mais experientes, para explicar sua função, ora buscando explicá-la, ainda que de forma muito criativa, pouco convincente.

Em algumas de minhas visitas ao mercado aconteceram situações bastante interessantes, que ilustram bem esse fato. Fui procurar um “*coloboxé*” (na língua iorubá, concha grande em espiral) a vendedora me entregou uma pequena cuia (que no mesmo idioma se chama “*colobó*”). Quando expliquei o que queria ela disse que o nome estava errado, pois “*colobó*” e “*coloboxé*” eram a mesma coisa.

Em outro momento, numa outra loja pedi um “*osun*” (pigmento ritual de cor vermelha, inclusive a palavra “*osun*” em iorubá, já significa vermelho), o vendedor, então, me perguntou de que cor eu queria meu *osun*, já que havia pigmentos de várias cores.

Além de clientes, lojistas e vendedores, circula também pelo mercadão um grupo grande de fornecedores de diversos tipos. Muitos deles praticam um tipo de economia informal. São eles artesãos, agricultores, horticultores, herbanários e granjeiros que produzem ou criam seus animais em pequenos sítios, ou mesmo nos fundos de seus próprios quintais, que buscam vender seus próprios produtos, abastecendo, assim muitas das lojas do mercado. Outros são representantes de pequenas, médias ou grandes indústrias buscando fornecer velas, doces, bebidas, artigos de papelaria e de festas, entre muitos outros gêneros comercializados nas lojas do mercadão.

De qualquer forma o Mercado de Madureira tornou-se, por tudo isso, um grande centro empregador na área de comércio e de serviços, independente dos vínculos formais ou informais das relações trabalhistas ali praticadas.

A manchete do Jornal do Brasil do dia 17 de janeiro de 2000, dia seguinte ao incêndio do Mercado de Madureira, ressaltava bem essa importância quando noticiava : *“Fogo acaba com 20 mil empregos”*¹³.

¹³ Jornal do Brasil – 16 de Janeiro de 2000 – 1ª página.

II – A IMPORTÂNCIA DO MERCADO DE MADUREIRA PARA OS CULTOS RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS

“... diziam que os Orixás estavam proibidos, mas dentro do mercado é como se não houvesse proibição alguma, talvez o mercado fosse o refúgio dos Orixás...”

(Antonio Olinto)

1) Uma breve história do Povo-do-Santo

O candomblé, religião de origem africana surgiu em meados do século passado no Brasil. Suas bases africanas são inquestionáveis, entretanto, são definidas por um conjunto de mitos variados, originados de regiões africanas distintas, que só vieram se encontrar no Brasil.

Sendo assim, as bases ritualísticas e litúrgicas, ainda que dotadas de muitos fundamentos praticados na África, foram estruturadas em nosso país e acabaram por determinar um complexo sistema de interpenetrações, permeado por elementos comuns e diferenciadores.

Os sistemas de culto passaram a referendar grupos que, conforme o grau de afinidade, se constituíram em verdadeiras famílias. Dessa forma “o povo-do-santo”, designação bastante apropriada para definir o grupamento maior dos adeptos às religiões afro-brasileiras, acabou por compreender famílias diferentes, articuladas conforme o sistema referencial de culto comum.

No período colonial e na época imperial, enorme quantidade de negros foi trazida para o Brasil. Dois grandes grupos étnicos concentravam esses escravos.

O primeiro era composto por Sudaneses advindos da Nigéria (os chamados Nagôs ou Iorubás), de Benin (antigo Daomé, de língua Fon), ou de regiões como, Togo, Ghana, Alto Volta, Costa do Marfim e Guiné ou das áreas Negro-Maometanas, abrangendo o Málí, Sudão, Chade e Níger.

O segundo grupo, também de grande expressão, foi o dos Bantos, advindo do centro-sul africano, das regiões do Congo, de Angola e de Moçambique.

CULTURAS	NAÇÕES	GRUPOS ORIGINADOS E OBSERVAÇÕES
CULTURAS SUDANESAS NIGERIANAS	Iorubás ou Nagôs (língua Iorubá)	<ul style="list-style-type: none"> • Keto • Ijexá • Xangô do Nordeste
	Ewês (Jeje) (origem Daomé, língua Fon)	<ul style="list-style-type: none"> • Jeje Mahii, Jeje Dagomé, Jeje Mundubi. • Efon (Efan) • Mina-Jeje
	Fanti-Ashanti	<ul style="list-style-type: none"> • Mina (região de Ghana e Costa do Ouro)
CULTURAS SUDANESAS NEGRO-MAOMETANAS	Haussás	(Região do Mália)
	Tapás	
	Mandingas	
	Fulas	
	Malês	(cultura muçulmana)
CULTURAS BANTO	Angola e Congo (Línguas: Kibundo e Kiribum)	<ul style="list-style-type: none"> • Angola • Congo • Angola-Congo • Benguela • Omolocô • Canbinda • Lunda-Quiôco • Kassanges • candomblé de Caboclo
	Moçambique	<ul style="list-style-type: none"> • Moçambique

Essa múltipla origem do povo negro em nosso país determinou predominância de quatro nações¹⁴ principais e distintas na prática do candomblé, são elas: Keto, Jeje, Efon e Angola.

Suas diferenças se apresentam, muitas vezes, nos termos religiosos, nas formas e fundamentos de seus cultos, nos nomes de seus deuses, na organização de seus rituais. Por exemplo, na nação de Angola e na nação de Congo, os orixás

¹⁴ Esta denominação é utilizada pelos adeptos do candomblé para identificar a que grupo pertencem, perde-se aqui o sentido de Nação vinculado a Estado, organizado politicamente, para se entender a procedência africana a que se atribuem.

são chamados de Inkices, já na nação de Jeje recebem o nome de Voduns. Em cada uma delas, Orixás, Inkices ou Voduns receberão nomes diferenciados, entretanto, os nomes mais comuns e difundidos são os de procedência Nagô-lorubá, pois, essa cultura foi a mais difundida no Brasil.

Essa preponderância da cultura iorubana¹⁵ é decorrente da maior quantidade do número de escravos de origem nagô vindos para o nosso país em meados do século passado, quando as principais casas de candomblé foram formadas.

Pierre Verger, em sua obra *“Notas sobre o Culto de Orixás e Voduns”*, mostra isso de forma bem clara:

“Uma distribuição dos negros por nação, baseada nos contratos de compra e venda de escravos, entre 1838 e 1860, extraídos do Arquivo Municipal da cidade de Salvador (Bahia), indica as seguintes cifras: nagô (2049), djédjé (Jejes) (286), mina (117), calabar (39), benin (27) e cachéu (12), ou seja, 3.060 de origem sudanesa; e: angola (267), cabinda (65), congo (48), benguela (29), gabão (5), cassange (4) e moçambique (42), ou seja, 460 de origem banto.”¹⁶

Conforme nos demonstra Frei Volney J. Berkenbrock em seu livro: *“A Experiência dos Orixás – Um estudo sobre a Experiência Religiosa no*

¹⁵ Apesar da preponderância iorubana, a Nação de Angola teve marcante influência na formação da umbanda, surgida como dissidência de um centro espírita kardecista em 15 de novembro de 1908, no bairro de Neves, em Niterói, Rio de Janeiro. Também foi fundamental na formação, por volta da década de 40, de uma nova nação chamada omolocô, que representa, na visão de muitos, a “umbanda traçada”, por justamente misturar práticas rituais da umbanda, com as do candomblé.

¹⁶ VERGER, Pierre. *Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns*. Edusp. São Paulo, SP. 1999, p. 23.

candomblé”, podemos dividir em quatro períodos, segundo a procedência geográfica, a vinda de contingentes negros para o Brasil:¹⁷

CICLOS	REGIÃO DE ORIGEM
Ciclo da Guiné Séc. XVI	Nigéria, Togo, Ghana, Benin, Libéria, Costa do Marfim, Ilhas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.
Ciclo de Angola-Congo Séc. XVII	Camarões, Zaire, Gabão e República Central Africana
Ciclo da Costa da Mina Séc. XVIII	Nigéria, Togo, Ghana, Benin, Libéria, Costa do Marfim, Ilhas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.
Séc. XVIII e XIX	Nigéria e Benin

Durante estes quatro séculos de escravidão, o número de escravos trazidos da África foi imenso e cada vez maior com o passar do tempo, seja pelas necessidades do crescimento das áreas produtivas, ou seja, pelo pouquíssimo tempo de vida dos escravos (de 5 à 10 anos em média), devido ao árduo trabalho e as péssimas condições de vida a que eram submetidos. De acordo com as estatísticas do IBGE (1997) os números prováveis de entrada de escravos no Brasil até 1850 foram: século XVI – 50.000; século XVII – 560.000; século XVIII – 1.680.000 e século XIX – 1.732.200.

Se durante muito tempo os negros, que vinham para o Brasil procedentes de grupos étnicos diferentes, eram misturados nos próprios navios negreiros e, quando aqui chegavam, eram espalhados por diversas regiões para impedir a sua unidade e, conseqüentemente, possíveis levantes; a reaproximação desses grupos, conforme suas nações originais, só foi possível, por mais paradoxal que

¹⁷ BERKEMBROCK, Volney J. *A Experiência dos Orixás – Um Estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro, RJ, 1998, p.70.

pareça, pelo seu agrupamento por etnias, devido a intervenção da Igreja Católica.

Sendo a Igreja a única instituição a exercer o papel de registro civil na época, foi a maneira mais adequada que encontrou para manter esses grandes contingentes de negros sob o seu controle direto.

Com essa finalidade foram instituídas as confrarias ou irmandades católicas que agrupavam estes negros conforme as suas procedências - banto, daomeana ou nagô-iorubana; representadas por suas três principais nações:

NAÇÕES	IRMANDADES OU CONFRARIAS
ANGOLA Bantos	Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, fundada na Igreja de N. S ^a do Rosário do Pelourinho.
JEJE Daomeanos	Ordem de Nosso Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos, fundada na Capela do Corpo Santo, na Cidade Baixa – Salvador.
KETO Nagôs	Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja do Barroquinha – para as mulheres. Confraria de Nosso Senhor dos Martírios, destinada aos homens.

A formação dessas irmandades acelerou o processo de resgate das bases culturais desses grupos que passaram a praticar seus cultos em locais clandestinos.

O culto africano era discriminado pelos brancos, considerado como um conjunto de práticas supersticiosas e, muitas vezes maléficas, que feriam os princípios cristãos. Não podemos esquecer que o catolicismo era a religião oficial do Estado.

Eram constantes as perseguições policiais, pois as reuniões de candomblé eram também vistas pelas autoridades como núcleos onde poderiam

surgir associações de negros alforriados, agitadores com pretensões abolicionistas, organizando levantes e motins, o que ameaçava a ordem pública.

O primeiro terreiro de candomblé de que se têm notícias na Bahia surgiu no século XVII, na cidade de Cachoeiro, no Recôncavo baiano, com o nome de Obi Tedor, de culto Jeje-Nagô. Entretanto, os mais divulgados tiveram origem na cidade de Salvador, que se tornou o berço dessa religião.

Na primeira metade do século XIX, fundado pelas mulheres de Keto pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, surgiu o primeiro terreiro da cidade que recebeu o nome de Iyá Omi Axé Airá Intilé, que mudando de endereço por diversas vezes, sediou-se definitivamente no Engenho Velho, subúrbio de Salvador, onde permanece até hoje com o nome de Ilê Axé Iyá Nassô.

Segundo Pierre Fatumbi Verger em seu livro "*Orixás*"¹⁸, problemas na sucessão da Mãe de Santo do Ilê Axé Iyá Nassô acabaram por provocar a criação de dois novos terreiros dissidentes. O primeiro foi o Iyá Omi Axé Iyámase, no alto do Gantois, que se tornou muito famoso nos anos de 1960 e 1970, sob a direção da Mãe Menininha do Gantois e pela adesão a ele de muitas personalidades famosas do meio artístico-cultural.

O outro terreiro proveniente desta dissidência foi o Centro da Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá, depois conhecido como Ilê Axé Opô Afonjá, famoso também por abrigar pessoas ilustres como o próprio Pierre Verger, Caribé, etc. Hoje em dia, abrangendo um complexo de cerca de 100.000 metros quadrados, o Ilê Axé Opô Afonjá, dirigido pela ilustre ialorixá, Mãe Estela de Oxóssi, realiza um

¹⁸ VERGER, Pierre. *Orixás*. Corrupio. Salvador, BA.1997, p.28-31.

trabalho social de grande porte na cidade de Salvador, mantendo creches, escolas, além de inúmeras famílias residentes.

Desses terreiros originais da Bahia surgiram muitos outros, não só na nação de Keto, como nas diversas outras nações em todo o país, sobretudo a partir de 1930.

Do Ilê Axé Opô Afonjá originou-se, por exemplo, o Axé Opô Aganju, na Bahia; o Ilê Orixalá Funfun em Guarulhos, na cidade de São Paulo e o Axé Opô Afonjá de Coelho da Rocha, no Rio de Janeiro.

Muitos terreiros também surgiram em Pernambuco, onde ficaram famosos os terreiros de Xangô, também denominados de “Xangôs do Nordeste”.

O mais impressionante é que a formação dos terreiros em todo país não significou uma ruptura com os laços em relação às casas originais. Existe todo um respeito à hierarquia e à genealogia nas nações religiosas, originando-se assim toda uma linhagem de santo com filhos, pais, avôs, bisavôs etc., ainda que seus iniciados transitem de uma a outra linhagem, hoje em dia, com uma certa flexibilidade. Sendo assim, não é incomum que um iniciado de Jeje, por exemplo, faça suas obrigações de renovação em Keto ou em Angola, ou vice-versa.

QUEM É O IAÔ?

O termo iaô (lyawô) significa originalmente em iorubá, noiva, independente do sexo do iniciado. Tornar-se um iaô, então, traduz-se no compromisso sublime entre o iniciado e seu orixá. Antes desse momento o adepto é considerado um abiã (aquele que ainda está nascendo para o culto). Desposando o orixá, ao iniciado é dado o conhecimento de sua essência e dos mistérios da religião, durante o longo percurso de sua formação religiosa.

Um iaô permanece nessa condição normalmente por cerca de 7 anos, salvo algumas exceções, como, por exemplo, quando recebe precocemente um cargo dentro da hierarquia de sua nação de candomblé.

“No candomblé cargo não tem tempo, é escolha divina e tem que ser respeitado. Numa sucessão de ialorixás na Bahia pode ser verificado o que estou dizendo. A herdeira de uma casa de santo pode ser bem mais nova que outros membros da casa, mas quando assume seu cargo os mais velhos lhe reverenciam..Seus tios e tias de santo passam a bater cabeça para ela, lhe chamando de mãe.”¹⁹

Após o seu longo período iniciático o iaô torna-se um ebomi (egbomim), ou seja, elemento mais antigo, categoria dos mais velhos.

A preparação de um iaô começa com o seu processo de iniciação, propriamente dito. Recolhido no roncó (câmara de reclusão ritual) entre 21 e 28 dias, conforme a prática de cada nação, o iaô dará os seus primeiros passos no culto aos orixás. Durante o período de recolhimento ele passa por ritos específicos, de acordo com o orixá que rege sua cabeça. Esse processo, chamado de feitura de santo, culmina com a saída pública do iaô durante festividade que envolve toda a comunidade. Durante todo o período de recolhimento muitos são os trabalhos realizados, envolvendo, quase sempre, um grupo grande de iniciados mais velhos sob a direção do pai de santo.

Independentemente da nação seguida ou dos cultos e ritos por ela estabelecidos, o processo de iniciação sempre representará a transformação profunda do iniciado. Através dele o iniciado renasce, obtém nova identidade, recebendo, inclusive, um novo nome. Esse renascimento está intimamente

¹⁹ Entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã, outubro de 2001.

associado ao nascimento de seu orixá, força universal que, nesse momento, se personifica, se torna individual, pessoal e intransferível.

Sendo assim, seja qual for o orixá, ele receberá um nome (orunkó), simbolizando sua força e energia naquele indivíduo específico.

Com o passar dos tempos os cultos afro-brasileiros foram mudando o seu perfil.

Antes, perseguidos pela polícia, se concentravam em terreiros discretos, em lugares distantes ou de difícil acesso, como nos altos dos morros. Em fim, eram localizados de forma a não chamarem muita atenção, em locais onde poderiam estar protegidos da ação policial.

Durante muito tempo alguns ogãs foram escolhidos sob a forma de protetores dos terreiros. Tais cargos eram dados a pessoas influentes, fossem elas do meio policial, empresarial ou elementos ligados à política. Esses ogãs funcionavam como protetores das casas de santo, patrocinando, assim, uma certa tolerância em relação ao funcionamento dos cultos nos terreiros.

Com a legalização dos terreiros, a partir da década de 50, uma maior liberdade foi conquistada e, hoje, amparados por toda uma legislação que combate à discriminação religiosa, conseguem funcionar sem os entraves de outrora.

Por esse motivo, muitas casas de santo começaram a surgir nos centros urbanos, dentro de bairros residenciais, às vezes nos fundos das casas de seus zeladores. Dessa forma, passaram a ocupar espaços físicos menores e tiveram que se adaptar as suas novas condições.

Esse processo de “urbanização” da vida no santo fez com que muitos dos elementos naturais, antes produzidos nos próprios terreiros ou buscados diretamente na

natureza, tivessem que ser adquiridos nas lojas, nos herbanários, nas casas de animais, enfim, nos mercados. A livre concorrência entre as lojas e a lei de oferta e procura passaram a determinar os preços dos produtos, numa relação verdadeiramente mercantil.

A concentração desses terreiros nos meios urbanos, bem como a divulgação dos cultos afro-brasileiros na imprensa, através, sobretudo, da adesão de muitas pessoas do meio artístico-cultural brasileiro, foi fundamental para despertar o interesse de segmentos da classe média e dos grupos mais abastados de nossa sociedade. “Macumba” não era mais uma coisa de preto e de pobre. Pessoas renomadas se confessavam adeptos de diversos cultos ligados à tradição afro-brasileira.

Toda essa situação foi fundamental na transformação da fisionomia de muitas casas de santo. Graças às contribuições ou iniciações de pessoas com uma melhor condição financeira, alguns terreiros abandonaram suas simples acomodações para se transformarem em templos, mais adequados ao novo perfil de seus iniciados. Para as classes menos abastadas isso se tornou um sério limitador à iniciação, porém, nunca um impeditivo. Com o tempo, mesmo elas, passaram a se inserir no novo contexto, se adaptando as novas condições.

Fazer o santo deixou de ser um rito exclusivamente iniciático para representar também um estilo de vida, muitas vezes pouco condizente com o cotidiano das pessoas. As apresentações públicas dos iaôs – “saídas-de-santo” – foram se transformando em verdadeiros shows, com desfile de belas roupas e performances dignas de qualquer espetáculo teatral de primeira linha, fazendo com que muitas casas de candomblé passassem a figurar no roteiro turístico de algumas agências de viagens.

Pouco a pouco o poder, antes concentrado apenas na apresentação do fundamento do orixá, centrado no seu orunkó (cerimônia pública de manifestação do nome do santo), passou a ser manifestado na ostentação do próprio culto. A cerimônia mais bonita plasticamente, mais sofisticada e a melhor apresentação da dança e dos atos do orixá (rum), passaram a simbolizar a competência do pai-de-santo e o maior axé (força) do iniciado. Em cada terreiro, iniciados e iniciantes passaram a lutar para ver quem produziria um melhor espetáculo. Também internamente isso acabou por acirrar disputas, verdadeiras competições para ver quem se saiu melhor ou mais bonito.

Com tudo isso, por mais paradoxal que possa parecer, as religiões afro-brasileiras, tidas como as mais populares, sempre identificadas com as classes sociais mais desprovidas financeiramente, acabaram, por se tornarem nos sistemas de cultos mais caros do Brasil.

Quanto custa uma iniciação na Igreja Católica? Quanto custa uma iniciação em qualquer uma das igrejas evangélicas? Quanto custa um iaô? Com certeza, na primeira, nada mais do que uma vela e a taxa do batistério, nem sempre cobrada de todos; na segunda o compromisso com o dízimo e na terceira, como veremos, algumas vezes vultuosas somas.

Como o processo iniciático não é estanque e necessita de votos renovatórios periódicos esse fenômeno se repete, de forma cada vez mais cara, proporcional a cada obrigação de tempo que o iniciado tenha que fazer ao longo de sua vida no santo, sobretudo quando completa 1, 3, 5, 7, 14 e 21 anos, conforme os preceitos de cada nação.

No final da vida sacerdotal, sem considerar oferendas menores ou a discrepância de algumas casas de santo que giram em torno de cifras astronômicas,

um ebomi, com mais de 21 anos de santo, poderá ter gastado bem mais que R\$ 25.000,00.

Contra-senso ainda maior reside no fato de que, por mais caros que sejam, os cultos afro-brasileiros continuam abrigando enormes contingentes de pessoas das classes mais populares, que para fazerem o santo sempre dão seus jeitinhos, passando listas entre irmãos de barracão, amigos e parentes, além de abrirem crediários em lojas, contraindo dívidas que às vezes não são salgadas nem no final de um ano.

“Antigamente, em muitos terreiros, não se dava lista para iaô. O pai-de-santo estabelecia um valor para o seu trabalho, incluindo todo o material necessário à iniciação e ele mesmo fazia as compras. Isso garantia um maior sigilo nos ingredientes levados no processo iniciático. Hoje isso não é mais possível, o iaô precisa passar sua lista para irmãos, familiares e amigos, para arrecadar o material necessário à sua feitura.”²⁰

É claro que existem terreiros de candomblé em que tais volumes de gastos são bem menores, sejam os raros que não cobram a feitura ou chão do iaô (taxa cobrada pelo pai de santo pelo seu trabalho e pelo uso das dependências do terreiro) ou os que a fazem por preço mais razoável ou até mesmo simbólico.

Há, ainda, aqueles que em seus preceitos de iniciação não fazem matança de bichos de quatro patas (cabritos, carneiros, etc.), minimizando o custo com os bichos do ritual neste momento.

Estes últimos terreiros deixam as oferendas desses bichos mais caros para obrigações posteriores, posto que os consideram como sacrifícios

²⁰ Trecho de entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã - outubro de 2001.

complementares aos orixás. Mesmo porque, para todos os terreiros de candomblé o animal mais sagrado e indispensável à iniciação é a galinha d'Angola.

“Não se faz Santo no candomblé sem Galinha d'Angola. Esse é o bicho de maior fundamento”.²¹

“É por causa da galinha-d'angola que a seita existe, se reproduz e se reconhece. Graças a ela os seres humanos podem ser iniciados. E, por isso, os deuses podem vir dançar o şirê montados em seus “cavalos” nas noites de candomblé. Assim, não hesitamos em concluir que a galinha-d'angola se revela uma das matrizes fundamentais da cosmologia e da existência sociológica do povo-de-santo.”²²

A Galinha d'Angola é, assim por dizer, o símbolo sagrado do candomblé e como nos diz Mello, Vogel e Pessoa de Barros *“Ir ao mercado equivale a embrenhar-se numa densa e variegada “floresta de símbolos”*²³. Logo, o mercado surge aqui como um segundo templo, aquele onde o iaô vai dar os seus primeiros passos, onde vai exercer suas primeiras experiências com a religião.

²¹ Trecho de entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã - outubro de 2001.

²² MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno & BARROS, José Flávio Pessoa de. *Galinha D'Angola – Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira*. Ed. Pallas. Rio de Janeiro, RJ. 1998, p.67

²³ *ibid.* p. 27

2) Um Mercado para os Orixás.

“Ọloya, Ọloya,
Óba Şire
Óba sa re Lojá, Ọloya”²⁴

“Um mercado coberto não é apenas um lugar onde se realizam trocas comerciais ou onde se compram e vedem gêneros alimentícios e produtos artesanais considerados “curiosos” para o homem urbano. É local de encontro de pessoas integrantes das várias categorias (...) Nele são representadas cenas que falam da sociedade onde estão inseridos e apresentados numerosos aspectos da cultura popular e da vida do proletariado”²⁵

Mundicarmo Ferreti nos apresenta argumentos de fundamental importância para que possamos entender o mercado não exclusivamente na sua dimensão comercial, mas como um centro muito mais amplo; um espaço sócio cultural, um palco onde atores diversos atuam, interagem e manifestam, dia-dia, a expressão de sua cultura, de sua sociedade.

Os mercados para as religiões afro-brasileiras possuem exatamente esta função social na medida em que se tornam centros fundamentais de expressão dessa cultura específica. São, na verdade, difusores primordiais, centros de comunicação e de encontro, espaços, que ainda que “profanos”, se constituem

²⁴ “*Senhora Iansã, Senhora Iansã. Ela pula e brinca. Ela pula e brinca no mercado, senhora Iansã*” - Cantiga de Iansã, grafada em Yorubá e traduzida para português pelo babalorixá Robson de Oxaguiã.

²⁵ FERRETI, Mundicarmo. *De Segunda a Domingo, Etnografia de um mercado coberto, Mina uma religião de origem africana (Mercado Central de São Luís do Maranhão ou Mercado Grande – São Luís*. Sioge. São Luís, MA. 1985 p.10

como elementos fundamentais do sagrado. Verdadeiros templos, onde sacerdotes e diversos adeptos do culto fazem suas convenções informais.

“Tudo começa no mercado e assim sempre foi. Quando o iniciante no candomblé, o abiã (aquele que está nascendo para o culto) vai comprar as suas coisas no mercado para a sua iniciação, ali já começou o ritual. Mesmo na África o mercado era importante. As pessoas se encontravam no mercado, pois ali era um centro de comunicação, não só de compra de mercadorias, mas de troca de informações. Mesmo as coisas tiradas da natureza e não compradas no mercado, para elas há de ter pagamento. É tudo uma troca. Se o africano pegasse uma cabaça diretamente da árvore para o seu ritual, depositava nos pés da árvore um certo número de cauris (búzios – moeda africana), o mesmo devemos fazer quando retiramos qualquer coisa da natureza, seja um mais pequeno otá (pedra), devemos colocar algumas moedas no rio de onde o tiramos. O mercado pertence a Exu. Ele é o senhor do mercado e por isso recebe o nome Exu Olojá (Exu, senhor do mercado). Exu tornou-se senhor do mercado pelo seu poder de comunicação. Ele é o pai da barganha, sempre recebe uma parte de tudo o que é feito no candomblé. Ele usa lansã como sua marqueteira, pois como ela sempre foi faceira, com um comportamento muito dinâmico e desprendido, adorava se divertir no mercado, como mostra a cantiga: Oloya, Oloya, Óba Şire Óba sa re Lojá, Oloya (Senhora lansã, Senhora lansã. Ela pula e brinca. Ela pula e brinca no mercado, senhora lansã.). Todos donos de loja devem oferendas a Exu, para que possam prosperar em seus negócios, sobretudo quando suas mercadorias pertencem aos rituais.”²⁶

O babalorixá Robson de Oxaguiã demonstra a importância do mercado, inserindo-o como elemento fundamental no próprio rito religioso e justificando seu papel através do próprio mito.

²⁶ Trecho da entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã – outubro de 2001

Exu é o senhor dos caminhos e das encruzilhadas (encontro entre os caminhos), orixá responsável pelas comunicações. Exatamente por isso é o senhor do mercado.

Na região do Daomé, na África, os nagôs praticavam um estilo de comércio tradicional, aquele em que a produção não é comprada no local onde as mercadorias são produzidas e sim comercializada através de mercados. Segundo Pierre Verger e Roger Bastide esse comércio tradicional adotava quatro formas diferentes; a forma dos grandes mercados, itinerantes, que aglutinam milhares de pessoas de todas as regiões e que ocorrem a cada quatro dias em cidades diferentes, não se localizando em um espaço fixo determinado como estamos acostumados a observar; a do pequeno mercado que ocorre todos os dias numa mesma cidade, cuja freguesia é composta, na maior parte por mulheres velhas e crianças, não atraindo grandes contingentes de fregueses; a do mercado noturno, que também se caracteriza como um pequeno mercado, destinado a atender as necessidades mais imediatas e localizadas da comunidade e o mercado de comércio de vendedoras isoladas, geralmente encontradas nos cruzamentos das estradas ou nos campos, próximo às fazendas, ou mesmo nas ruas das cidades.

Por mais que a forma de organização dos mercados da África se difira da dos mercados do Brasil e de Cuba, destino de grandes quantidades desses africanos, é também para o povo nagô o mercado inserido em seu contexto religioso, local de grande importância para seus deuses.²⁷

É também para estes mercados nagôs, dentre todos os Orixás, Exu o grande protetor, o mais importante a se reverenciar quando se trata de comércio,

²⁷ VEGER, Pierre e BASTIDE Roger. *Contribuição ao estudo sociológico dos mercados nagôs do Baixo Daomé* in Verger/Bastide – Dimensões de uma Amizade. Org. Ângela Lühning Ed. Bertrand. Rio de Janeiro, RJ. 2002, p.181.

pois, é aquele que abre e fecha todos os caminhos, o que possibilita todos os fluxos, todas e quaisquer circulações.

“Dinheiro e mercadorias; narrativas, informações e cumprimentos têm em comum o fato de serem coisas trocadas. São regidas pelo princípio que governa todas as formas de troca. E por que a troca é movimento e o movimento implica transitividade, todas elas estão subordinadas a Èşú, o grande princípio dinâmico na cosmovisão do candomblé. Não é pois de estranhar-se que dentre os títulos de Èşú, que são muitos, se encontra também o de Oloojá, isto é, “dono-do-mercado”.

O mercado é, justamente com os caminhos e suas encruzilhadas, o domínio por excelência de Èsu.²⁸

E assim é o mercado, comparado com as esquinas e encruzilhadas das estradas, o ponto de encontro e, ainda na visão de Verger e Bastide, embora centro de transações capitalistas um grande espaço comunitário.

“O mercado africano é o lugar ideal de reunião, um dos melhores foros de ação do controle social. É no mercado que o rei dá a conhecer suas decisões, que suas esposas em procissão apresentam ao povo, por ocasião das cerimônias, as magníficas riquezas reais... É no mercado que se fica sabendo das novidades do país, é no mercado que a mãe apresenta seu recém-nascido e que a mulher elegante se faz admirar por seus trajes comprados caro, cujas cores ou cortes vão determinar as novas modas. Em uma sociedade hierarquizada e freqüentemente compartimentalizada, haja vista a importância do papel desempenhado pela família como célula social fechada, o

²⁸ MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno & BARROS, José Flávio Pessoa de. *Galinha D'Angola*. 1998 - p. 7.

mercado surge como o único meio de contato entre agrupamentos sociais.”²⁹

Como é na África é também assim no Brasil. O candomblé se organiza como um grupo extremamente hierarquizado e compartimentado, dada sua origem diversificada que fez surgir em seu seio diversos grupos distintos (Keto, Jeje, Angola, Efon, Ijexá, etc.). Essa fragmentação ainda é maior se considerarmos que cada um desses grupos se divide em vários outros, seja agrupados por famílias de santo, ou por sub-grupos formados pela junção de práticas rituais dos grupos maiores.

Mas é exatamente no mercado onde todos se encontram, espaço onde essa fragmentação se aglutina, onde o nexos entre as partes se faz.

No Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, o Mercado de Madureira vem desempenhar exatamente esse papel. Independente do que grupo a que pertencem, todos vão ao mercado com suas listas de compras.

Os vendedores mais experientes são até capazes de identificar as diferenças, mas, para a maioria dos freqüentadores ou observadores que não conhecem as especificidades do candomblé ou da umbanda, todos são tratados como povo da macumba (aqui surgindo como um termo genérico aglutinador dos diversos cultos afro-brasileiros) ou, então, como o povo-do-santo.

O mercado como a própria religião em si cumpre funções sociais, que transcendem a busca pelo bem estar material. Muitos dos adeptos do candomblé e da umbanda buscaram a religião na tentativa de resolver questões financeiras, afetivas, espirituais ou de saúde. Uma série de trabalhos para que tais males possam

²⁹ LOMBARD, J. *Contrôle social dans l'ancien Dahomey, Le monde non-chrétien*, 38,1956, p.152. – Apud Verger/Bastide – *Dimensões de uma Amizade* – 2002 – p.178.

ser vencidos são indicados. Todos os ingredientes para esses trabalhos são adquiridos no mercado.

Entretanto e independente disso, a religião abrange muito mais do que a simples barganha de se buscar nela as curas para os diversos males. Ela na realidade se torna suporte de uma condição de existir, conferindo ao seu adepto um local mais preciso no seu meio social.

Essa também é a dimensão do mercado, um local muito mais abrangente do que aquele onde se compram e vendem coisas. Um local onde a condição de existir produzida no espaço religioso, ou em qualquer outro, se realiza; se reproduz, possibilitando interlocuções; se intercepta com outras e se torna palco de contatos de todas as esferas, criando e recriando um campo social e uma memória cultural ímpar. Então, independente do tamanho ou da maneira como funciona, o mercado será sempre maior do que ele mesmo, portanto passível, como a religião na acepção compreendida por Pierre Bourdieu, de análise sociológica.

“Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livra-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificação de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.”³⁰

Para Robson de Oxaguiã o mercado é espaço fundamental, tanto a nível comercial, como ao nível das relações sociais travadas entre os diversos cultos

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Perspectiva. São Paulo, SP. 2001, p.48.

afro-brasileiros, representados por seus adeptos e sacerdotes, e é nesse contexto que exalta especificamente a importância do Mercado de Madureira:

“No mercado de Madureira você sabe tudo o que acontece, tudo o que aconteceu e tudo que acontecerá nas grandes casas de candomblé do Rio de Janeiro. Ali mesmo nos seus botequins se contrata ogãs para se fazer o candomblé. Precisa fazer candomblé e não tem ogã vá ao mercado de Madureira. O conhecimento no Mercado de Madureira tornou-se tão grande que muitos dos orôs e fundamentos de santo são buscados lá. Já bolaram (passar mal de santo) dentro do mercado de Madureira. Por que não o orixá manifestar sua satisfação em ver seu filho comprando suas coisas?”³¹

Os pensamentos de Robson de Oxaguiã são bastante procedentes, pois, o Mercado de Madureira constitui na realidade, se não o maior, um dos maiores mercados de produtos religiosos do Brasil, atraindo milhares de candomblecistas, umbandistas, clientes dos terreiros, adeptos constantes ou circunstanciais das religiões de origem africanas.

Tudo isso fez com que seu papel fosse extremamente fundamental para as religiões afro-brasileiras, constituindo seu espaço como elemento essencial no processo de iniciação de seus adeptos.

Na realidade o processo de iniciação de um candomblecista antecede ao seu período de recolhimento. O marco inicial de sua relação com todo o processo de feitura se dá a partir do momento em que recebe de seu pai de santo a lista contendo todos os itens essenciais à sua iniciação. Com sua lista na mão e, normalmente, acompanhado de um elemento mais velho no culto, o iaô vai ao mercado.

³¹ Trecho da entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã – outubro de 2001.

“Dentre os freqüentadores deste mercado destacamos, para os nossos fins, uma dupla que é recorrente, formada por um ebomim e um abiã. Um mais velho e um mais novo, nos termos do ritual; um que conhece e um que ignora. Um iniciado e um neófito, portanto. Os dois trazem consigo uma lista que contém itens necessários para o rito de iniciação. Essa lista diz o que é preciso comprar, mas não fornece nenhuma indicação sobre como devem ser, de onde vêm e como foram fabricados os requisitos que devem ser obtidos. Cabe ao mais velho suprir essa deficiência, conduzindo o mais novo aos lugares certos e indicando-lhe as mercadorias apropriadas. Além disso, cabe-lhe a função de apresentar ao neófito, preparando-o para outras oportunidades em que terá que fazer aquisições para a sua vida-no-santo, sozinho ou acompanhando, por sua vez na qualidade de sênior, um novo iniciado.”³²

O mercado a que se referem os autores, muito mais do que genérico, como fonte de suas pesquisas, é o próprio Mercadão de Madureira que durante longos anos constituiu ponto de referência para o povo-do-santo. Nele se obtinha mais do que mercadorias. Como ponto de encontro da maioria dos pais e filhos de santo, ele tornou-se num verdadeiro espaço de socialização de todos os integrantes dos cultos afro-brasileiros. Na realidade poderíamos considerá-lo como o primeiro elemento de iniciação do neófito no culto dos principais centros de candomblé e umbanda do Rio de Janeiro.

Nesse caso, é verdadeiramente através deste lugar, como nos relata Mello, Arno e José Flávio; que muitas vezes, se dá o primeiro passo dentro da religião. O ato de ir às compras constitui em si mesmo um ritual, extremamente elaborado e estruturador de muitos dos ritos que compõem o processo de

³² MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno & BARROS, José Flávio Pessoa de. *A Moeda dos Orixás*. Apud *Religião e Sociedade*. ISEER. Rio de Janeiro, RJ. 1987, p. 8.

iniciação. O corre-corre em busca dos melhores preços faz parte desse ritual que, por vezes ocupa semanas nas vidas de todos os envolvidos.

“O mercado de Madureira tem, no entanto, uma outra singularidade: é a maior concentração de lojas que atendem ao povo-do-santo. Estão reunidas aí as diferentes tradições religiosas afro-brasileiras. Aí são divulgadas as festas; comprados os requisitos dos atos litúrgicos; trocadas as informações relativas à distribuição social do conhecimento pertinente ao universo do culto. Através desses processos são estabelecidas, consolidadas ou abaladas reputações sacerdotais: eles podem conferir ou recusar legitimidade e prestígio. Em suma, o mercado cumpre um papel crucial no próprio processo de socialização das diversas categorias de pessoas que fazem parte do povo-do-santo.”³³

No entanto, ainda hoje, nem tudo se compra no mercado, como podemos ver, ainda nas palavras dos autores, no texto já citado:

“(…) Há coisas necessárias para fazer o santo que não permitem uma operação mercantil. Um otá, por exemplo, não pode ser comprado. Se o fosse, não passaria de uma pedra. Para que seja, verdadeiramente, um otá, é preciso que um especialista ritual vá apanhá-lo, em circunstâncias também elas ritualizadas, num córrego, num regato, ou nas águas do mar. O mesmo acontece com parte das ervas empregadas nos banhos e ritos sacrificiais. Essa fronteira entre o que pode, ou não, ser comprado revela-se, por sua vez, sujeita à mobilidade das conjunturas. Determinados itens, outrora excluídos do comércio, podem hoje ser obtidos em troca de dinheiro. Um exemplo disso são os trajes de gala das “saídas”. Antigamente, tinham que ser confeccionados no decorrer do processo de iniciação. Agora é possível compra-los prontos, numa espécie de prêt-à-porter dos Orixás (...).”³⁴

³³ MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno & BARROS, José Flávio Pessoa de. *A Moeda dos Orixás*. 1987, p.8.

³⁴ *ibid.* p. 10-11.



2001 - Loja Orixás em Festa: Artigos religiosos afro-brasileiros



2001 - Loja Orixás em Festa: Artigos religiosos afro-brasileiros



2001 - Loja O Mundo dos Orixás – Artigos religiosos afro-brasileiros



2001 Loja O Mundo dos Orixás –
detalhe de vitrine – indumentárias de santo



2001 - Loja O Mundo dos Orixás – detalhe de balcão

III - O INCÊNDIO DO MERCADO E SEU IMPACTO SOBRE O COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS NO GRANDE RIO

“Embora possamos argumentar que o drama social é uma história na terminologia de White, pois apresenta temas inaugurais, transacionais e terminais discerníveis, isto é, um começo, um meio e um fim, minhas observações me convencem de que é, na verdade, uma unidade espontânea de processo social e um fato de experiência de todos em toda a sociedade humana.”

(Victor Turner)

1) O Incêndio

No dia 16 de janeiro de 2000 o Mercado de Madureira foi vítima de um incêndio que durou cerca de 14 horas e destruiu 378 lojas. O fogo atingiu também duas galerias do prédio anexo e obrigou 200 famílias vizinhas a deixarem suas casas. Conforme noticiário da época, da noite para o dia cerca de 20.000 pessoas ficaram desempregadas, lojistas tiveram suas mercadorias perdidas, todo o seu patrimônio destruído e os adeptos das religiões afro-brasileiras, entre milhares de outros clientes, viram transformado em cinzas seu principal centro de referência comercial, cultural e social.

“Era muita fumaça. Esse é um susto que não vou esquecer nunca mais. Minha maior preocupação é que tivesse ficado algum faxineiro lá dentro. Pois muitos passam da hora”. (Jorge Nascimento – Vigia do Mercado)³⁵

O incêndio, que não deixou vítimas, acabou com 95% lojas e boxes do mercado, distribuídos em 40 mil metros quadrados, causando um prejuízo de R\$ 30 milhões para os 350 comerciantes do local.

No Mercado, eram arrecadados 40% dos impostos do comércio do bairro. O subprefeito de Madureira, Paulo Tarso, preocupado com o impacto que o incêndio poderia acarretar para o comércio local, informou que o centro arrecadava aproximadamente R\$ 1,5 milhão de reais por mês em Imposto sobre Serviços (ISS).

Assim que soube da gravidade da situação, Luiz Paulo Conde, prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, mesmo não tendo idéia de onde retiraria recursos,

³⁵ Jornal O Dia – 17 de Janeiro de 2000 – Geral – pág. 4.

se manifestou com a intenção de atuar o mais rápido possível na reconstrução do Mercado. O prefeito acreditava que buscando ajuda de financiamentos do BNDS e da Caixa Econômica Federal poderia reinaugurar o local até junho de 2000.

Com essa mesma intenção foi acompanhado pelo Governador do Estado do Rio, Antony Garotinho, que afirmou não medir esforços para a reconstrução do espaço.

Ainda sem referências sobre a causa do incêndio, suspeitou-se de que o fogo tenha começado bem no centro do mercado. Segundo especialistas do Corpo de Bombeiros, as chamas alastraram-se rapidamente devido ao material inflamável estocado e à precariedade das instalações elétricas. A maioria das lojas trabalhava com artigos religiosos, de papelaria e tintas, estocando, assim, produtos de fácil combustão.

O Corpo de Bombeiros usou 200 homens, solicitando reforços de quartéis de toda a região metropolitana do Rio de Janeiro. A principal reclamação dos moradores foi em relação à falta de água, que, segundo eles, contribuiu para que o incêndio se alastrasse. Para possibilitar o seu trabalho de combate ao incêndio, os bombeiros tiveram que contar com 47 carros pipas, além de ter que contar com o auxílio de 360 mil litros de água do Madureira Shopping Days e das piscinas do Madureira Futebol Clube.³⁶

“O foco central do incêndio no Mercado de Madureira é a maior dificuldade para o trabalho dos bombeiros que tentam combater o fogo. A afirmação é do coordenador da Defesa Civil Estadual do Rio de Janeiro, coronel Jorge Lopes. Ele acrescentou que o fogo já era grande quando os bombeiros do quartel de Campinho chegaram ao local, e que eles não dispunham de material suficiente para combater

³⁶ Passim , O Globo – 16 de Janeiro de 2000.

as chamas, tendo que pedir ajuda a outros quartéis. Segundo o coronel, neste momento há cerca de 80 carros de diversos quartéis do Corpo de Bombeiros. Ele não soube avaliar, entretanto, qual teria sido a causa do incêndio. De acordo com Lopes, esta informação só poderá ser levantada após a perícia. Os bombeiros ainda não conseguiram controlar as chamas.”³⁷

“Eles (bombeiros) tiveram que buscar água em Irajá e no Madureira Futebol Clube. O combate parou várias vezes por não ter água”. (João Rodrigues de Andrade Neto, 65 anos, dono do Império das Drogas no Mercado)³⁸

Assim que encerrou o trabalho de rescaldo, iniciou o trabalho de perícia, na tentativa de descobrir a causa do incêndio. O coordenador da Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro, Coronel Jorge Lopes, afirmou que a demora no combate ao incêndio foi causada, principalmente, pelos obstáculos formados pelos escombros do mercado que dificultaram a chegada dos bombeiros ao foco central das chamas.

Embora o incêndio não tivesse causado vítimas diretas a situação dos prédios mais próximos foi muito grave. Em um prédio na entrada do mercado, 72 famílias precisaram se retirar às pressas entre um total de 200 famílias das redondezas que tiveram que abandonar suas casas, muitos perdendo todos os pertences. O prédio de 132 apartamentos da Avenida Ministro Edgard Romero nº 245, teve quatro pilares destruídos e parte do chão cedeu. Ele foi interditado pela defesa Civil, assim como a Vila Mário Pimpa, ao lado do mercado, onde quatro de suas trinta e duas casas desabaram e três outras foram condenadas. Os moradores não puderam retornar a suas casas até que a Defesa Civil pudesse

³⁷ Jornal do Brasil – 16 de Janeiro de 2000 – WEB.

³⁸ Ibid. 17 de janeiro de 2000. pág. 16.

fazer um levantamento minucioso das condições dos alicerces dos prédios e das residências na vila.³⁹

“Foi uma madrugada angustiante, pois não sabia o que estava acontecendo na minha casa. Passei a noite rezando, com medo de perder tudo. Felizmente, minha casa está inteira, mas o muro do Mercado caiu no quintal. A máquina de lavar e uma frangueira ficaram nos escombros. Moro aqui há 19 anos junto com meu marido e quatro filhos e jamais passei um sufoco desses”. (Suzana Pereira da Cunha, 36 anos, moradora da casa 11 da vila Mário Pimpa)⁴⁰

“Primeiro quero acordar desse pesadelo. Comprei meu apartamento há um ano e meio e minha noiva está grávida de três meses. A gente vai se casar em algumas semanas e não temos mais onde morar. Meu apartamento foi o mais atingido no incêndio e tinha acabado de reformá-lo: gastei R\$ 10 mil. Não sobrou nada na sala: minha televisão de 29 polegadas derreteu junto com outros equipamentos”. (Nilton Mônica, 32 anos, morador do prédio nº 206)⁴¹

“Estou sentindo um mal estar muito grande e dor na vista esquerda, que operei há pouco tempo. Quero pegar as minhas coisas, mas os Bombeiros não deixam. Moro sozinha e só eu sei onde estão minhas roupas e documentos. Quando tocaram a campainha estava dormindo. Saí só com a roupa do corpo. Não tem como uma pessoa não ficar triste vendo sua própria casa cair.” (Delia dos Prazeres, 80 anos, aposentada, moradora da vila Mário Pimpa)⁴²

³⁹ Passim – Jornal O Estado de São Paulo – 17 de Janeiro de 2000.

⁴⁰ Jornal do Brasil – 17 de janeiro de 2000 – Cidade – pág. 16.

⁴¹ id.

⁴² Jornal O Dia – 17 de Janeiro de 2000 – Geral – pág. 4.

O posto médico montado no local atendeu cerca de 30 pessoas, sendo 20 delas bombeiros com irritação nos olhos e intoxicação.

O desespero dos lojistas que viam seu patrimônio, conquistado com sacrifício ao longo de muitos anos, todo perdido foi inenarrável. Muitos queriam enfrentar o fogo para tentar salvar alguma coisa de suas lojas, fossem máquinas, equipamentos, produtos, documentos, ou mesmo cheques e dinheiro que tivessem ficado guardados na loja. Outros, apesar de sua dor, buscavam num ato de fé e solidariedade, bastante comum para quem vivia o cotidiano das relações comunitárias, e muitas vezes familiares do mercadão, consolar seus companheiros mais desesperados.

“Me mata. Tomara eu morrer agora. Estou na miséria”.

(Diamantino doas Anjos Homem, 65 anos, dono da loja de móveis Estrela de Madureira)⁴³

“Deixa eu entrar para orientar os bombeiros, pelo amor de Deus. Prefiro morrer lá dentro do que ficar assistindo minha vida se queimando desse jeito. Não posso agüentar essa tragédia. Todo o meu patrimônio está virando cinzas. Por favor façam alguma coisa. Aí, meu Deus, o que vai ser de mim agora? Deixa eu entrar por favor! Vim pra cá logo que o mercadão foi inaugurado. Toda a minha vida foi construída com o dinheiro daqui.” (Diamantino doas Anjos Homem, 65 anos, dono da loja de móveis Estrela de Madureira)⁴⁴

“Estou aqui desde a fundação do Mercadão de Madureira , em 1959. Comecei carregando caminhão e trabalhando 20 horas por dia. Não posso mostrar o desespero que estou sentindo porque sou um dos líderes dos comerciantes. É duro ver muitos colegas chorando desesperados porque podem perder o emprego ou não

⁴³ Jornal do Brasil – 17 de Janeiro de 2000 – Cidade – pág. 16.

⁴⁴ Jornal O Dia – 17 de Janeiro de 2000 – Geral – pág. 3.

ter dinheiro para as contas”. (João Rodrigues de Andrade Neto, 66 anos, dono da Farmácia Império das Drogas)⁴⁵

“Foi horrível ver o patrimônio que levei 37 anos para conseguir sendo destruído pelo fogo. Naquele instante, pensei em invadir a galeria em chamas para salvar o que tinha. Botei as mãos na cabeça e não pude conter as lágrimas. Agora, mais calmo, estou refletindo sobre o meu gesto de bater com a cabeça contra o muro da linha de trem. Naquele momento, não conseguia pensar em nada. Aos sete anos, fui para feira vender limão para ajudar meu pai e minha mãe. Sempre trabalhei muito com o objetivo de comprar uma loja no Mercado. Depois de anos, pude enfim realizar meu sonho. Mas agora tudo acabou.” (Marcos Antônio Duarte – lojista do Mercado)⁴⁶

O desespero ainda tornou-se maior quando muitas lojas, segundo seus proprietários, não conseguiriam condições financeiras para se restabelecerem em outros lugares. Muitos já lutavam com dificuldade e não contavam com seguros contra incêndio, seja por não os terem renovado já há algum tempo, seja por não estarem com suas prestações em dia. Outros só imaginavam a possibilidade de se transferir para outros locais, muitas vezes pouco atrativos para o tipo de comércio.

“Seguro, eu tinha, mais era mixaria. Acho que vou ter que virar camelô junto com os meus 15 funcionários. Isso aqui marcou a minha vida. O primeiro dono foi o meu sogro, que repassou para mim e o meu marido. Estão falando que a gente pode tentar um crédito para comprar novas mercadorias, mas como vamos pagar? Se minha situação já é difícil, fico imaginando a de um rapaz que tinha aberto uma loja de biscoitos há apenas três dias e investido tudo que tinha”. (Fátima Estupendo, 30 anos, dona da casa Angola)⁴⁷

⁴⁵ Jornal O Dia – 17 de Janeiro de 2000 – Geral, p. 4.

⁴⁶ Jornal O Globo – 17 de Janeiro de 2000 – Rio, p. 15.

⁴⁷ Jornal O Dia – 17 de Janeiro de 2000 – Geral, p. 3.

“Sou dono de uma loja de artigos para festas e alugo duas, onde funcionam lanchonetes. Vim há 40 anos de Portugal e estou no Mercado há 15 anos. Criei três filhos que trabalham comigo no comércio. É o sustento de toda a família. Só tinha seguro da loja de festas. Perdi todos os equipamentos das lanchonetes. Vim sem dinheiro do Minho, em Portugal, para trabalhar duro e esse patrimônio eu construí numa vida inteira de trabalho. Ainda não tenho informações do que aconteceu com as lojas, mas sei que foi muito feio. Em uma das lojas tinha R\$ 10 mil no cofre, que era para pagar o pessoal e fazer estoque. Não sei o que vou fazer agora. Minha sorte é que meu filho tem uma loja em Nova Iguaçu. Vou conversar com meus filhos para ver. Também vou escutar o pessoal do Mercado para saber o que vai ser feito. Mas não há de ser nada. Vai atrasar um pouco a minha vida, mas não há de ser nada”. (José Correia, 63 anos, comerciante)⁴⁸

“Acho que serei camelô. Minhas lojas acabaram. O teto desabou sobre elas. Além de tudo perdi R\$ 10 mil que estavam guardados na loja. Pelo grande número de roubos no cofre, a maioria dos lojistas escondia as férias do dia dentro das lojas.” (Fátima Estephano, dona de duas lojas recém reformadas no Mercado)⁴⁹

Os jornais da época procuraram retratar passo a passo o triste episódio. Muito se especulava, inclusive a possibilidade de um incêndio criminoso provocado por adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus, instituição imputada como arquiinimiga das religiões afro-brasileiras. Para aqueles que acreditavam nessa possibilidade, a destruição do mercado significava um golpe ímpar para o candomblé e para a umbanda.

⁴⁸ Jornal O Dia – 17 de Janeiro de 2000 – Geral, p. 3.

⁴⁹ Jornal do Brasil – 17 de Janeiro de 2000 – Cidade, p. 16.

Contudo, ainda que houvesse tal possibilidade, foi unânime o reconhecimento de vários lojistas em suas entrevistas de que o Mercadão já funcionava em situação muito precária. Sem manutenção de qualquer espécie, sua rede elétrica já estava muito comprometida e um pequeno curto circuito seria suficiente para provocar um desastre sem precedentes, ainda mais porque a maioria das lojas trabalhava com produtos de fácil combustão. Além do mais, segundo noticiado no jornal O Globo em 17 de janeiro de 2000, havia depósitos de pólvora armazenada clandestinamente em lojas que vendiam artigos de umbanda, o que provavelmente só poderia agravar a situação do incêndio.

“O Mercadão não tinha esquema de combate a incêndio. Foi como jogar um fósforo num barril de pólvora”. (Antônio Bento, 45 anos, comerciante, dono de loja de laticínios no Mercadão)⁵⁰

“O síndico do Mercadão de Madureira, na zona norte da cidade, Renildo da Silva Miranda, declarou que o mercado estava em boas condições e, em 40 anos de existência, registrou-se apenas dois incêndios. “A última vistoria do Corpo de Bombeiros foi há dois anos e todas as exigências foram cumpridas”, afirmou Renildo. O síndico disse ainda que o Mercadão não tinha seguro contra incêndio. O maior mercado popular do Rio foi totalmente incendiado na noite de sábado.”⁵¹

“Minha mãe tem 45 anos de loja no Mercadão e é síndica do anexo. Fomos atingidas nos 3 incêndios. Foi tudo acidental a estrutura do mercado estava muito debilitada e o primeiro incêndio abalou o resto. Todos esses comentários de incêndio criminoso foi

⁵⁰ Jornal O Globo – 17 de Janeiro de 2000. Rio, p. 15.

⁵¹ Jornal do Brasil – 17 de Janeiro de 2000. Cidade, p. 16.

pra vender jornal. A parte elétrica estava muito ruim e tinha muita coisa inflamável aqui no Mercado, muito papel, muita vela.”⁵²

Se na realidade em 40 anos o Mercado de Madureira só havia passado pelo dissabor de dois incêndios, ambos insignificantes perto do ocorrido em 16 de janeiro de 2000, em apenas um ano passou por mais três: este primeiro que quase o destruiu por completo, outro, três meses depois, em 9 de abril de 2000, que viria a destruir completamente 5 lojas, atingindo menos drasticamente outras 10, e um terceiro, em 12 de janeiro de 2001 que viria a destruir mais oito lojas. Tais situações, ainda que constantemente atribuídas a novos atos criminosos que impediam que os comerciantes do mercado se recuperassem, na opinião de muitos deles, não passaram de conseqüências desastrosas da péssima e precária situação das instalações elétricas do Mercado que havia se agravado ainda muito mais com o primeiro incêndio.

“As causas do incêndio que no domingo (09/04/2000) atingiu a galeria M, no anexo do Mercado de Madureira, serão apuradas hoje, pelos técnicos do Instituto Carlos Éboli. O fogo, que começou às 16h30 e levou três horas para ser debelado, atingiu 15 das 28 lojas - cinco ficaram totalmente destruídas. "Vamos fazer o escoramento da laje e das vigas para que o anexo volte a funcionar logo", disse ontem o presidente da RioUrb, Ícaro Moreno Júnior. Segundo o 8º Batalhão do Corpo de Bombeiros (Madureira), responsável pela operação de rescaldo na manhã de ontem, havia irregularidades na galeria M, como fiação exposta, a caixa de armazenamento do sistema de energia era de madeira, - inflamável e facilmente violada - e a localização do material estocado pelos comerciantes representava risco de incêndio. "Eles guardam papel embaixo da janela. Se alguém joga um

⁵² Trecho de entrevista com lojista do Mercado – outubro de 2001.

fósforo da rua, pega fogo", exemplificou o sargento-bombeiro Jorge Luiz Mattos, lembrando que os comerciantes continuam cometendo os mesmos erros observados em janeiro quando o Mercado pegou fogo.⁵³

Entretanto, as divergências de opiniões sobre as origens do incêndio assumem diversas facetas. Há os que consideram, independente da origem religiosa a ação ou, melhor dizendo, a intervenção divina. Alguns a consideram como fruto de castigo e desobediência aos orixás, outros justificando que as práticas religiosas afro-brasileiras "são maléficas e demoníacas", portanto, contrárias à vontade de um Deus cristão.

"Acho que os Orixás devem ter castigado o comércio religioso por que tem muito pai de santo ganhando dinheiro às custas dos sofrimentos dos outros. Isso não é mais religião virou puro comércio e os orixás não podem aceitar, por isso castigam."⁵⁴

"Não acredito que qualquer cristão ou evangélico tenha colocado fogo no Mercado. Foi a mão de Deus que jogou sua ira sobre um antro de comércio de coisas utilizadas para cultuar o diabo".⁵⁵

Acreditar que tamanho infortúnio tenha sido obra da intervenção divina, como num ato mágico, alheio a vontade humana, é como entre os Azande acreditar na onipresença do poder da feitiçaria, capaz de punir, de desestruturar, de definir e redefinir o rumo da vida dos homens e de todas as coisas, ainda que elas não dependam exclusivamente da ação mística da bruxaria.

⁵³ Jornal do Brasil, 11 de Abril de 2000 – WEB.

⁵⁴ Entrevista com cliente do Mercado em outubro de 2001.

⁵⁵ Entrevista com outra cliente na mesma época.

“Ao conversar com os Azande sobre bruxaria, e observando suas reações em situações de infortúnio, tornou-se óbvio que eles não pretendiam explicar a existência de fenômenos, ou mesmo a ação de fenômenos, apenas por uma causação mística. O que eles explicavam através da noção de bruxaria eram as condições particulares, em uma cadeia causal, que ligavam um indivíduo a acontecimentos naturais de tal forma que ele sofresse dano. O rapaz que deu uma topada em um toco de árvore não justificou o toco por referência à bruxaria, e tampouco sugeriu que sempre que alguém dá uma topada em um toco isso se deva necessariamente à bruxaria; também não explicou o corte como se fosse causado por bruxaria, pois sabia perfeitamente que fora causado pelo toco de árvore. O que ele atribuiu à feitiçaria foi que, nessa ocasião em particular, exercendo sua costumeira cautela, ele bateu com o pé em um toco de árvore, enquanto que em centenas de outras ocasiões isso não aconteceu; e que nessa ocasião em particular, o corte, que ele esperava resultar da topada, infeccionou, enquanto ele tivera dúzias de cortes que não infeccionaram.”⁵⁶

Assim como é para os Azande é para o candomblé. Nesse culto se encontram presentes os mesmos elementos de crença que buscam explicar a ação da magia sobre os infortúnios para os quais não existam explicações plausíveis. É exatamente por esse motivo que um grande número de babalorixás e adeptos dos cultos afro-brasileiros, conforme informações colhidas, acredita que o incêndio do Mercado não tenha sido acidental, ainda que a maioria não acredite numa intervenção divina direta. Para eles as péssimas condições do mercado sempre existiram, ali sempre foram vendidas velas e sempre se estocou material inflamável, e isso por mais de meio século. Por quê, justamente agora, quando o calor da rivalidade entre os adeptos dos cultos afros e dos membros da

⁵⁶ EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores, 1978, p. 59-60.

Igreja Universal tem sido mais intenso, é que o mercadão pegou fogo? Para essas pessoas não há explicação plausível, ainda mais quando o incidente se repetiu por mais duas vezes, mesmo com todos os cuidados impostos para a recuperação.

“Se na época do primeiro incêndio já rolava o boato de que membros da Igreja Universal tinham colocado fogo no Mercadão, acho que isso ficou bastante claro com o segundo e com o terceiro incêndio, era opinião generalizada nos terreiros que eu freqüentava que tinha sido um ato criminoso dos crentes, pois, material inflamável, pólvora, bujões de gás, fios desencapados no teto e péssimas condições das instalações sempre existiram, mas três incêndios em um ano era demais para ser acidente. Eles não ficaram satisfeitos, não bastava destruir era preciso não deixar reconstruir”.⁵⁷

Entretanto, os que consideram a possibilidade de um incêndio criminoso, não julgam só a probabilidade das rivalidades religiosas, imputam também a possibilidade de atos de grupos de lojistas insatisfeitos. De qualquer forma outras situações, como um presumido atentado à bomba, após o incêndio, vêm fortificar essas opiniões.

“As causas do incêndio são desconhecidas, contudo há indícios que os incêndios tenham sido provocados por proprietários insatisfeitos com os alugueis pagos pelos lojistas antigos que pretendiam as mudanças seja no aluguel, seja na estrutura.” Surgiram vários focos de incêndio ao mesmo tempo e em locais diferentes? Muita gente que antes perdeu tudo com o incêndio retornou com muito mais força, com mais lojas mesmo tendo

⁵⁷ Entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã em outubro de 2001.

prejuízo total, como conseguiram, só com o dinheiro do seguro? Sei também que muita gente morreu por saber demais”.⁵⁸

“Bomba explode no Mercadão de Madureira:

RIO - Dois homens, em uma moto, jogaram uma bomba caseira, na madrugada de hoje (03/02/2000), em uma das barracas improvisadas pelos comerciantes do Mercadão de Madureira, no mês passado. A bomba explodiu na altura do número 156, da Rua Conselheiro Galvão, provocando princípio de incêndio. Bombeiros foram acionados para controlar o fogo.”⁵⁹

Apesar desse fato, nada foi constatado, não houve qualquer outra notícia sobre este episódio e, nenhuma apuração oficial foi conclusiva. Os laudos do Corpo de Bombeiro e da Defesa Civil, segundo os noticiários, reafirmaram a tese, também defendida pela maioria dos lojistas, ainda que alguns se recusassem claramente a discutir o fato, de que os incêndios ocorridos no Mercadão de Madureira foram acidentais, provocados realmente pelas suas péssimas condições de manutenção, ainda que tenha realmente ficado muito pouco claro como o grande incêndio de 16 de janeiro de 2000 havia sido desencadeado.

Na realidade as versões são tantas, quantas são as diversas formas de ver este episódio. De qualquer forma cada um o verá dentro dos parâmetros que marcam sua relação com o próprio espaço. A maneira como sentem, como foram marcados pelo incêndio, como entendem a função do mercado para suas vidas e para sociedade em geral será determinante na vivência subjetiva que cada um produzirá do evento e, conseqüentemente, a maneira singular para explicá-lo.

Por isso mesmo o evento sem si pode ter muitas explicações, algumas podem fazer sentido, diante da lógica dos fatos, outras não. De qualquer forma é muito mais relevante do que o próprio evento o sentido que ele assume. O que é

⁵⁸ Depoimento de lojista que não quis ser identificado em Julho de 2002.

⁵⁹ Jornal do Brasil, 03 de Fevereiro de 2000 – WEB.

construído sobre ele é o que passa a ter um sentido próprio nesse trabalho, sobretudo para evidenciar o próprio significado que o mercado tem na vida das pessoas. Se antes dos incêndios o Mercadão de Madureira já figurava como um ícone de grande evidência, com todos os elencos de importâncias que lhes são atribuídos; depois deles, passou a adquirir uma força simbólica ainda maior, verdadeiramente sacralizada. Quem não o conhecia, quem não sabia de sua importância, passou a conhecer. A mídia se encarregou disso. A tragédia que se abateu sobre ele mobilizou estruturas de todas as ordens, sejam os poderes públicos federais, estaduais ou municipais; sejam políticos; associações de comerciantes e lojistas; clientes de todas as ordens, sobretudo os adeptos dos cultos religiosos afro-brasileiros; trabalhadores; moradores da região de Madureira; toda a cidade do Rio de Janeiro e de vários cantos do país. O Mercadão em evidência tornou evidente a vida cotidiana de milhares de pessoas.

“A realidade social é “flutuante e indeterminada”, embora, para ela, os “processos regularizadores” e de “ajuste situacional” representam a constante aspiração humana de transformar a realidade social em formas organizadas ou sistemáticas. Até mesmo onde as normas e os costumes ordenadores são fortemente sancionados, “indeterminação e ambigüidades pode ser produzidas dentro de um universo de elementos relativamente determinados”. Tal manipulação é característica das rupturas e crises. Pode, também, ajudar a resolver as crises.(...) O drama social continua sendo um problema para os seres humanos, sua praga imortal, seu calcanhar de Aquiles – não podemos senão usar clichês para essas formas e seqüências tão óbvias e familiares. São elas, ao mesmo tempo, nosso jeito natural de manifestar-nos para nós mesmos, de declarar em que ponto se encontram o poder e o significado, e como são distribuídos”.⁶⁰

⁶⁰ Turner, Victor – Dramas Sociais e Histórias sobre eles.1987, p.145.

É exatamente por isso que o significado que o incêndio do Mercado de Madureira assumiu é bem maior que o próprio evento em si. O palco de transações sociais de milhares de pessoas desabou, e isso foi elemento desarticulador de todo um processo.

Algo atordoante desviou milhares de pessoas do curso normal de suas vidas, desarticulando todo um estilo do comércio urbano carioca. A Crise que circunstancialmente provocou rupturas, atos de perplexidade, desagregações, também foi responsável por atos de solidariedade, por busca de irmandades no trabalho conjunto de se restabelecer a ordem perdida.

Outros caminhos teriam que ser encontrados para que tamanho impacto pudesse ser superado.

Realocação de interesses e de objetivos seriam fundamentais para a readaptação a novas situações e nada disso seria muito fácil para todos os envolvidos.

A crise tem quase sempre esse poder de juntar, de conciliar.

Era necessário, realmente imprescindível, que todos os olhos se voltassem para um só lugar: o Mercado e sua praça. Esforços aglutinados e associações de interesses comuns irmanaram diversas pessoas, antes tão distantes e, em tempo recorde, talvez não para as necessidades de muitos, mas, com certeza para os efeitos produzidos, ele estava lá de novo, de pé, a espera de seus clientes e de todos os que marcaram a sua história, agora reedificada sobre as cinzas, os escombros e o sofrimento de tanta gente.

No dia 6 de outubro de 2001, o Mercado de Madureira, majestoso e imponente como o “templo” comercial que sempre fora, reiniciou suas atividades.

2) O Comércio de Artigos Religiosos Antes e Depois do Incêndio

As compras para uma obrigação de candomblé quase sempre envolvem uma lista bastante grande e complexa. Dependendo do Orixá para o qual se destina a obrigação essa lista vai assumir um maior ou menor volume de ingredientes em graus de sofisticação também bastante variável. Não há no candomblé uma maneira básica, pré-estabelecida, para se fazer cada santo. Às vezes, independente ou não da orientação do terreiro, numa mesma casa, um mesmo santo pode levar ingredientes bastante diversos. Até porque o processo de feitura é individualizado é marca do próprio iniciado, e como cada indivíduo é impar, assim será também o seu orixá.

“Fazer santo não é como fazer bolo. Não há uma receita a ser seguida. Cada caso é um caso, cada santo é um santo”.⁶¹

É exatamente por esta grande complexidade da lista que só um grande mercado seria capaz de reunir num mesmo espaço tanta diversidade de coisas e o Mercado de Madureira era exatamente assim. Com toda sua tradição e o conhecimento de seus vendedores, reunido ao longo de muitos anos de experiência que se tornou capaz de dar conta seja das exigências específicas de cada orixá, seja das próprias diversidades impostas pelos inúmeros terreiros, que compõem um universo bastante amplo.

“Assim, o mercado contribui para a articulação sociológica da nebulosa constituída por essa infinidade de centros e terreiros, que se espalham pelos mais remotos recantos da grande cidade. Os pontos dessa nebulosa distinguem-se uns dos outros. Não só como se cada qual tivesse a sua própria luz, mas, ainda, como se

⁶¹ Parte da entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã – outubro de 2001.

a luz tivesse também a sua qualidade própria. Constelações de variada magnitude e configuração, os traços que as distinguem são numerosos, como são numerosas as tensões nesse campo de forças. O seu conjunto, entretanto, a despeito das diferenças e distâncias relativas, alimenta um comércio de especiarias. (...) O Mercado reúne os diferentes ramos desse negócio.”⁶²

A grande variedade de produtos de todas as ordens no Mercadão de Madureira foi a marca principal que desde cedo o transformou em centro aglutinador do comércio de artigos religiosos, transformando-o no grande templo comercial e sócio-cultural de todo o povo-do-santo, o que foi fortemente abalado pelo grande incêndio de 16 de janeiro de 2000.

“O antigo Mercadão de Madureira sempre foi um local muito importante para nós pais-de-santo. Lá fazíamos nossas compras com muita tranqüilidade. É verdade que era uma verdadeira maratona. Sempre uma correria às lojas em busca de melhor qualidade e menor preço e isso tudo era bastante facilitado dada a grande quantidade de lojas de artigos religiosos, pois, barganhar nos preços era bastante fácil. Não era incomum a abordagem de lojistas ou vendedores nos corredores, procurando nos convencer com ofertas tentadoras. Muitos garantindo vender os mesmos produtos por valores muito inferiores, já pesquisados em outras lojas. Uma vez fui comprar um jogo de três atabaques, na primeira loja que entrei estava custando R\$ 380,00, depois de rodar bastante e de muita barganha, acabei levando o mesmo jogo por R\$ 135,00. Tem que saber procurar e negociar, sabendo, você podia até conseguir numa única loja descontos suficientes para minimizar seu esforço no corre-corre. O incêndio do Mercadão foi um episódio lamentável para todos nós. O desespero sentido pelos lojistas também nos atingiu. Eu mesmo tinha feito muitas encomendas para uma saída-de-santo, marcada para 29 de

⁶² MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno & BARROS, José Flávio Pessoa de – Galinha D'Angola. 1998. p. 9.

janeiro. Tive que correr muito. Ficou tudo para cima da hora. Como aconteceu comigo aconteceu com muitos, não podemos nos esquecer que janeiro é um mês de férias para muitos trabalhadores e para os estudantes, e por isso, é escolhido como uma das épocas mais propícia ao recolhimento de iniciantes nas casas de candomblé. Logo, todos nós perdemos da noite pro dia um ponto de referência para as nossas compras. E o pior, como não tínhamos a mesma quantidade de lojas para percorrer, tivemos que nos sujeitar as que existiam e aí os preços subiram muito.”⁶³

Para exemplificar o impacto gerado pelo incêndio do Mercado de Madureira nessa “economia dos orixás” foi feito um levantamento de preços considerando um iaô, prestes a cumprir uma de suas obrigações de tempo, considerando apenas que seu “olori” (orixá de cabeça) seja Oxalá e seu “junto” (2º santo), seja Oxum. A tomada de preços se resumiu às mercadorias encontradas no Mercado, não sendo aí incluídas aquelas que poderiam ser adquiridas em outros lugares, tais como supermercados, armarinhos ou lojas de tecidos, já que tais tipos de comércio por serem bastante abrangentes e externos ao Mercado, não tiveram seus preços alterados pelo impacto do incêndio, ainda que muitos desses produtos pudessem ser também adquiridos lá.

Nas tabela a seguir poderemos ver preços da lista do iaô orçados em outubro de 1999, três meses antes do incêndio; janeiro de 2000, uma semana após o incêndio em lojas fora do Mercado; outubro de 2001, época da reinauguração do Mercado de Madureira, depois de totalmente reconstruído e reformulado e julho de 2002, quase um ano depois da reinauguração.

⁶³ Parte da entrevista com o babalorixá Jason de Oxalufã, realizada após a reinauguração do Mercado de Madureira em outubro de 2001.

Esses quatro momentos foram deliberadamente escolhidos para que se pudesse constatar qualquer influência marcante que o incêndio tivesse causado na variação de preços das mercadorias vendidas no mercado.

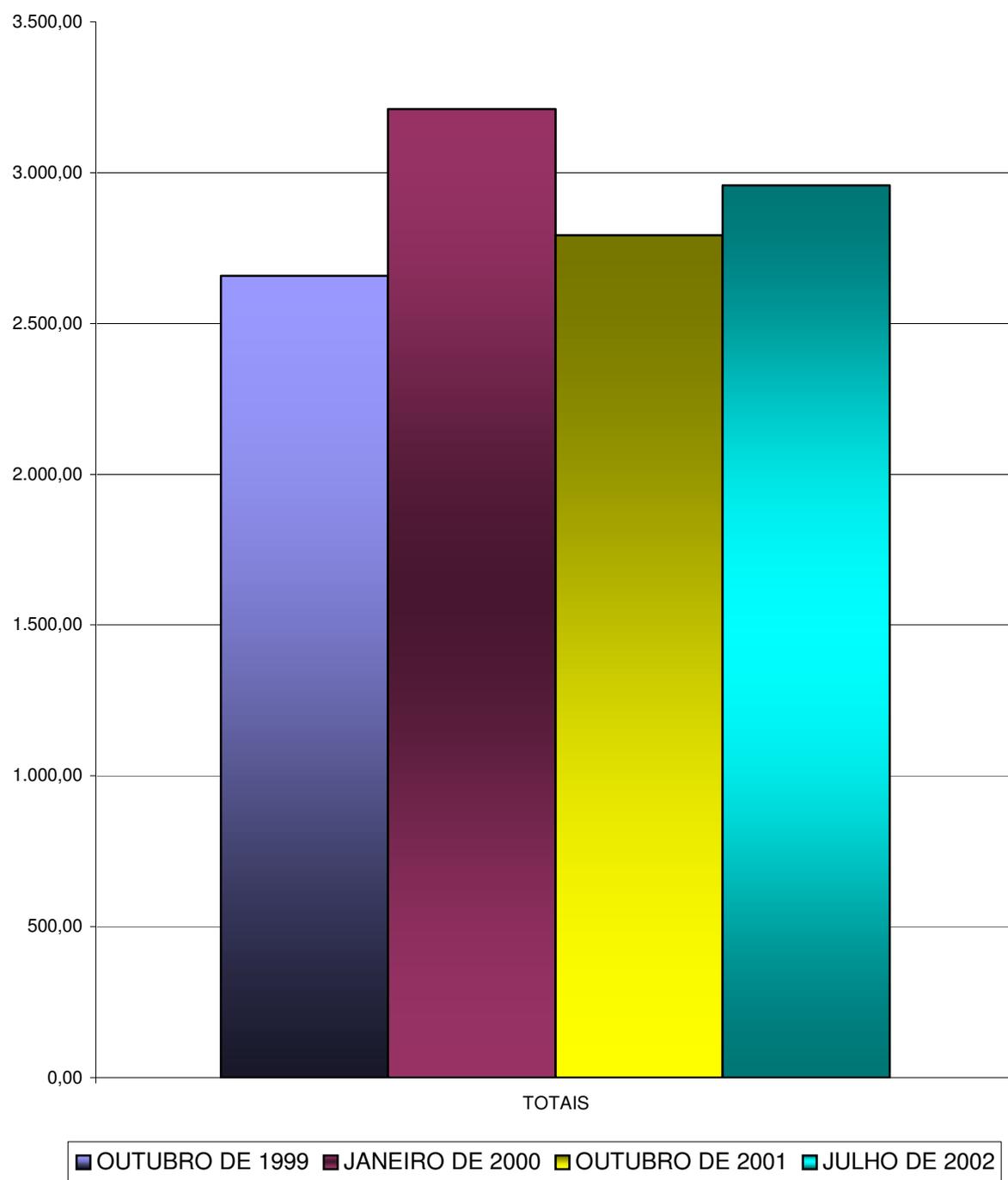
Os preços foram coletados em quatro lojas distintas e depois, e sua média lançada em cada uma das colunas deste quadro.

Animais rituais, objetos, roupas e adereços de culto.

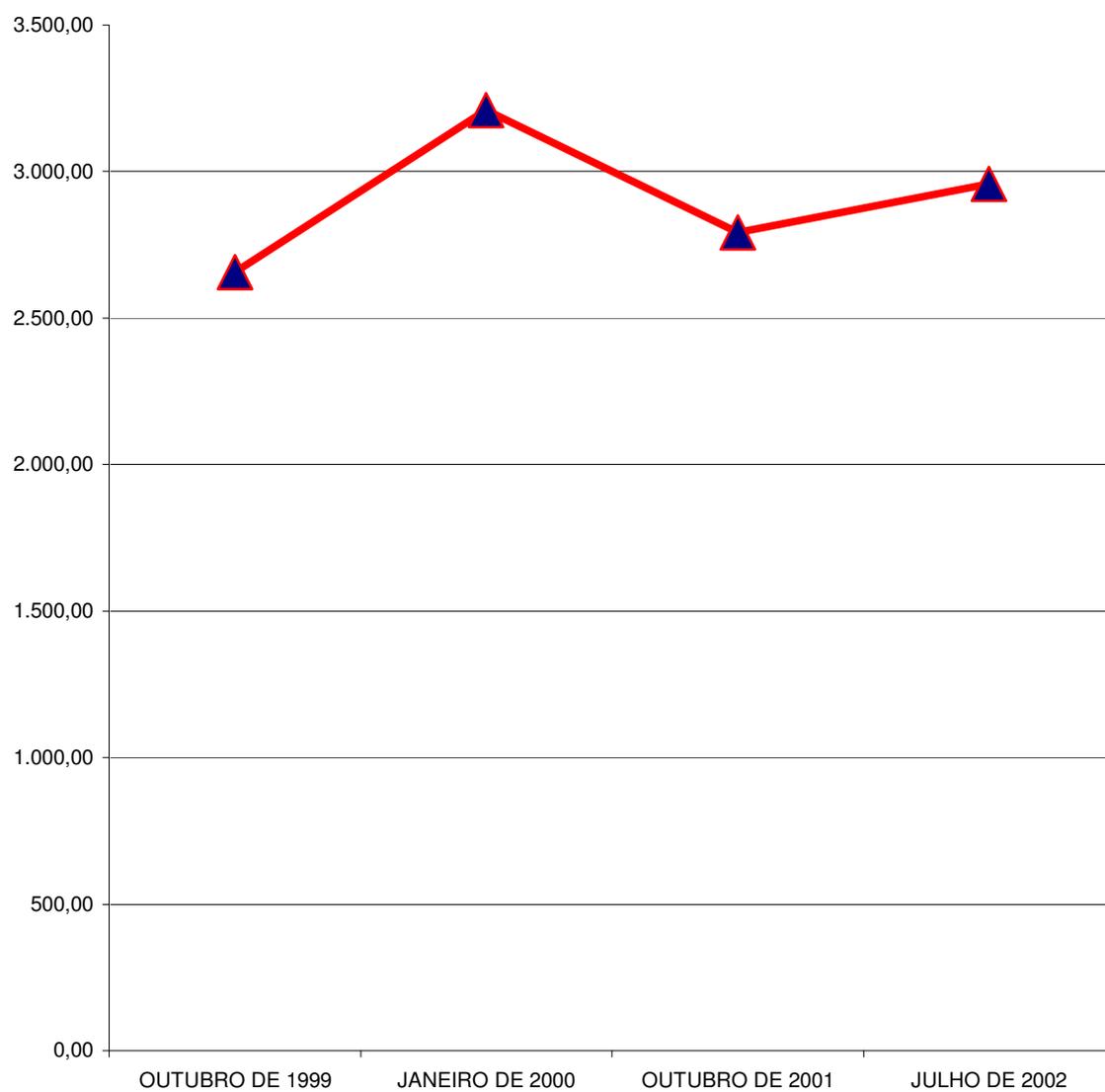
MERCADORIAS	Preços Médios Mercado Outubro de 1999 (antes do incêndio)	Preços Médios Fora do Mercado Janeiro de 2000 (logo após ao incêndio)	Preços Médios Mercado Outubro de 2001 (reinauguração)	Preços Médios Mercado Julho de 2002 (atualmente)
1 cabra branca	80,00	100,00	75,00	85,00
1 cabrito branco	75,00	90,00	70,00	80,00
1 cabrito malhado	60,00	80,00	70,00	75,00
3 cabras malhadas	180,00	255,00	210,00	225,00
2 d'Angolas brancas	60,00	80,00	30,00	90,00
5 galinhas d'Angola cor	100,00	125,00	75,00	65,00
15 frangos brancos	52,50	52,50	60,00	67,50
10 frangas brancas	33,75	38,00	35,00	32,00
1 pata	12,00	15,00	15,00	15,00
1 marreca	20,00	25,00	20,00	20,00
3 ibis grandes	24,00	30,00	24,00	30,00
2 codornas	8,00	9,00	8,00	8,00
2 galos garnizés	20,00	30,00	24,00	30,00
8 galinhas de cor	64,00	80,00	80,00	80,00
1 galinha amarela	8,00	10,00	10,00	10,00
1 galo preto	15,00	22,00	20,00	20,00
12 galos de cor	180,00	270,00	240,00	240,00
5 pombos brancos	65,00	75,00	75,00	75,00
3 pombos malhados	18,00	18,00	18,00	18,00
1 ibá completo de Oxalá M	60,00	85,00	60,00	80,00
1 ibá completo de Oxum M	60,00	80,00	60,00	80,00
1 bacia de louça verde M	30,00	45,00	45,00	45,00
1 ferro de ogum 30 cm	25,00	35,00	20,00	25,00
1 compoteira de Cristal	15,00	25,00	22,00	20,00
1 Ofá médio	4,00	5,00	6,00	6,00
1 pilão 60 cm branco	30,00	76,00	30,00	30,00
3 cabaças grandes	18,00	39,00	24,00	30,50
1 sino prateado	30,00	52,00	45,00	45,00
2 gamelas redondas	12,00	16,00	12,00	14,00

Continuação. MERCADORIAS	Preços Médios Mercadão Outubro de 1999 (antes do incêndio)	Preços Médios Fora do Mercadão Janeiro de 2000 (logo após ao incêndio)	Preços Médios Mercadão Outubro de 2001 (reinauguração)	Preços Médios Mercadão Julho de 2002 (atualmente)
2 cestos de bambu / cipó	30,00	58,00	40,00	40,00
200 gr. palha da costa	2,00	2,40	1,80	2,00
100 búzios pequenos	15,00	40,00	20,00	20,00
8 idés de chumbo peq.	4,00	8,00	4,00	5,40
3 idés dourados	2,40	3,00	3,00	3,00
9 idés de prata	7,20	9,00	9,00	9,00
7 idés de ferro	4,20	7,00	4,20	4,80
1 idé de cobre	0,80	1,00	0,80	1,00
1 ekodidé	3,50	5,00	3,50	3,50
2 barras de tabatinga	2,00	4,00	3,00	3,00
5 peixes dourados	4,00	7,50	5,00	5,00
1 pilão de prata peq.	0,60	1,00	1,00	1,00
80 moedas antigas	32,00	80,00	40,00	40,00
1 pão de chumbo	0,50	0,70	0,50	0,50
1 cachimbo barro	0,35	0,50	0,40	0,50
100 velas comuns	12,00	18,00	12,00	15,00
16 velas 7 dias	24,00	40,00	24,00	32,00
6 velas cera 30 cm	1,80	2,40	2,40	2,10
3 alguidar nº 7	12,00	18,00	13,50	13,50
2 alguidar nº 5	5,00	8,00	5,00	5,00
1 tigela de louça branca p	2,50	4,00	2,50	3,00
2 pratos brancos	2,40	3,60	3,00	3,00
2 Agês grandes	9,00	16,00	8,00	8,00
2 guizos de prata	1,60	2,40	2,00	2,00
3 esteiras nagôs	18,00	24,00	21,00	21,00
1 navalha solinger	60,00	90,00	90,00	90,00
9 quartinhas de barro	23,50	27,00	18,00	23,50
10 obis	10,00	20,00	15,00	15,00
8 orobôs	8,00	12,00	8,00	9,60
3 pedras de efum	4,50	7,50	6,00	4,80
2 ossum	3,00	4,00	3,00	3,00
1 oage	3,00	3,50	2,50	2,50
3 vds de alfazema	3,00	4,50	4,80	4,50
21 charutos	7,35	7,35	7,35	7,35
5 pentes amarelos	1,50	2,50	1,50	1,80
13 espelhos	5,20	6,50	5,20	5,20
6 abanos de palha pq.	2,70	3,00	2,40	3,00
6 colheres de pau	6,00	12,00	9,00	10,80
11 moringas barro pq	3,30	5,50	3,30	4,40
1 moringa barro gd	4,00	7,00	4,80	4,80
7 panelinhas barro	2,10	5,60	2,10	2,40
1 porrão s/ alça	10,00	18,00	12,00	12,00
1 quartinhão s/ alça	4,50	6,50	5,00	4,50
Favas diversas	46,50	66,50	46,70	51,90
3 setas prateadas (35cm)	12,00	15,00	12,00	15,00
Adereços de santo	140,00	205,00	180,00	180,00
Ropas de santo (simples)	240,00	420,00	340,00	400,00
TOTAIS	2.657,00	3.210,45	2.792,25	2.957,35

Gráfico Comparativo



TOTAIS



Após o incêndio muitos lojistas foram obrigados a procurar outros locais para se manterem. Alguns, cujo comércio não exigia tanta sofisticação de instalações passaram a ocupar o próprio estacionamento do Mercado, vendendo seus produtos em barracas improvisadas, outros conseguiram se estabelecer nas proximidades, como o caso de quatro lojas que conseguiram espaço numa galeria da própria Edgar Romero. Entretanto, a maioria teve que se deslocar para locais mais distantes e muitos paralisaram de vez suas atividades.

“Tenho mais de 30 anos de mercadão. Meu prejuízo foi menor, só o do espaço de trabalho, pois sou vendedora de ervas e quem trabalha com erva não mantinha muito estoque. Passei a trabalhar no estacionamento do mercadão, cedido pela administração, o movimento caiu muito, pois depois do incêndio os fregueses se dispersaram”⁶⁴.

Analisando o impacto do incêndio no comércio de artigos religiosos, verificamos um aumento de quase 20% (19,83% pelo levantamento realizado nessa pesquisa) nos preços das mercadorias no período imediatamente após o incêndio, índice bastante relevante em se tratando do tipo de comércio popular em questão. Esse aumento, segundo informações dos próprios lojistas, é justificado por pelo menos três fatores fundamentais: 1) uma tentativa de compensação do prejuízo dos lojistas, que buscavam recompor seus estoques; 2) aumento dos preços das mercadorias pelos fornecedores, que também buscavam compensar seus prejuízos já que os lojistas, sem dinheiro, não tinham como pagar suas dívidas; 3) comportamento natural do próprio mercado comercial que reajustou seus preços diante da queda de oferta, dada pela diminuição da livre concorrência, pois, muitas lojas deixaram de operar.

Na época da reinauguração um medo comum entre os clientes estava muito estampado. O Mercado estava de cara nova, muito mais luxuoso, imponente. Muito foi gasto para a sua reforma e, com certeza, muito mais seria gastado ainda para que a nova estrutura fosse mantida daquele momento em diante. Como isso causaria impacto nos preços? Afinal, toda a estrutura tinha ficado muito mais cara. E, a despeito do que todo mundo esperava, os preços caíram. De acordo com essa pesquisa a queda média nos preços de artigos religiosos foi de 13,26%, em relação aos preços praticados após o incêndio. Segundo os lojistas era necessário atrair a clientela de volta, afinal ficaram fechado por mais de um ano e meio, funcionando em algumas áreas precariamente. Era também necessário demonstrar que, apesar da nova cara, bem mais sofisticada, os produtos eram os mesmos e o Mercado continuava sendo um espaço de comércio popular.

Na nova pesquisa realizada em julho de 2002, quase um ano após a reinauguração, já pudemos observar um aumento nos mesmos produtos de cerca de 5,91%, em relação aos preços praticados em outubro de 2001. Nada significativo se considerarmos o aumento geral de preços ocorridos em outros lugares, dada a inflação natural nesse período. Mesmo assim, os preços ainda não tinham atingido ao patamar daqueles estabelecidos logo após o incêndio, o que reafirmava a pretensão de manter o Mercado no estilo de mercado popular que o sempre caracterizou, além de demonstrar que a nova estrutura não vinha abalar esse estilo de comércio.

Como a pesquisa foi realizada em 4 estabelecimentos diferentes, dentro e fora do Mercado de Madureira (dentro do Mercado: O Mundo dos Orixás, Ilê

⁶⁴ Entrevista com dona de Box de ervas – outubro de 2001.

dos Orixás, Orixás em Festa e Casa do Boiadeiro; fora do Mercadão: Casa Ritual – Campo Grande, loja de santo em Caxias e duas outras que se deslocaram do Mercadão para galeria da Av. Edgar Romero), é necessário esclarecer que os preços médios não dão conta de determinadas situações específicas, já que as diferenças entre uma loja e outra, em alguns preços de produtos superava a 60%. Dessa forma em alguns locais o impacto das alterações de preços foi muito maior do que em outros.

“O Mercadão continua sendo o mesmo, mais muito mais bonito. As coisas estão até mais baratas do que antes. Acho que eles estão querendo conquistara freguesia de novo. Achei que ia encontrar tudo mais caro, afinal agora tem até escada rolante e isso tudo custa caro. Espero que não seja só agora pra chamar a atenção do povo, espero que continue com os preços que sempre tiveram.”⁶⁵

⁶⁵ Entrevista com cliente que transitava no Mercadão no dia da reinauguração, 06 de outubro de 2001.

IV – CONCLUSÃO: O NOVO MERCADO DE MADUREIRA

“A águia é a ave que possui a maior longevidade da espécie. Chega a viver 70 anos, mas para chegar a essa idade aos 40 anos ela tem que tomar uma séria e difícil decisão. Aos 40 anos ela está com as unhas compridas e flexíveis, não consegue mais agarrar as suas presas das quais se alimenta. O bico alongado e pontiagudo se curva. As asas apontadas para o peito estão envelhecidas e pesadas em função da grossura das penas e voar torna-se difícil. Então a águia só tem duas alternativas: morrer, ou enfrentar um doloroso processo de renovação que irá durar 150 dias. Esse processo consiste em voar para o alto de uma montanha e se recolher em um ninho próximo a um paredão onde ela não necessite voar. Após encontrar esse lugar a águia começa a bater com o bico em uma parede até conseguir arrancá-lo. Após arrancá-lo, espera nascer um novo bico, com o qual irá depois arrancar suas unhas. Quando as novas unhas começam a nascer, ela passa a arrancar as velhas penas. E só após cinco meses sai para o famoso vôo de renovação e então para viver mais 30 anos.”

(Autor desconhecido)

1) A Reconstrução do Mercado e a Participação do Poder Público

Com o incêndio do Mercado o Governo do Estado e a Prefeitura foram também duramente atingidos. O centro comercial era fonte de enorme arrecadação de Imposto Sobre Serviços (ISS), fonte de receita municipal e de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), fonte de receita para a esfera estadual. Tal situação fez com que elementos das diversas esferas do governo se pronunciassem e buscassem soluções para minimizar os danos causados, além de buscarem recursos para a reconstrução do mercado. Já de início, conforme informações da Coordenadoria de Comunicação Social do Estado do Rio de Janeiro, o governador Anthony Garotinho procurou entrar em contato com o prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde, para tratar de uma parceria entre os dois governos que permitisse a recuperação do espaço.

Os primeiros passos para que as obras de reconstrução pudessem ser iniciadas foram o da demolição das lojas atingidas pelo incêndio, iniciada dois dias depois, em 18 de janeiro e o da retirada de cerca de 30 mil toneladas de entulho do Mercado de Madureira, escoadas para um vazadouro da Comlurb em Bangu, sob a coordenação da Riourbe, processo que durou quase dois meses, atrasando qualquer previsão inicial do cronograma pretendido.

Enquanto esse trabalho não terminava a prioridade do governo foi a de recuperar com maior velocidade as moradias em torno do Mercado que foram afetadas pelo incêndio. Os cinco prédios situados na Avenida Edgard Romero e na Rua Conselheiro Galvão e as casas da Vila Mário Pimpa, já estavam praticamente liberados em fins de janeiro de 2000.⁶⁶

⁶⁶ Passim, *Jornal do Brasil* – 29 de Janeiro de 2000.

Segundo informações da imprensa, no encontro com Luís Paulo Conde, Prefeito do Rio de Janeiro, os lojistas, alegando que cerca de 80% dos comerciantes não possuíam qualquer tipo de seguro, pediram, além das linhas de crédito a serem estabelecidas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDS) e pela Caixa Econômica Federal para a recuperação de seus estoques, a isenção de impostos e uma autorização para montar barracas no estacionamento do mercadão, para que pudessem, ainda que precariamente, continuar com suas atividades.

O estacionamento do Mercadão foi de fato ocupado por diversos lojistas, sobretudo aqueles que trabalhavam com produtos de hortifrutigranjeiros, cujo tipo de produto é mais fácil de ser vendido em pequenas barracas ao ar livre.

“O governo do Estado quer ajudar na reconstrução do Mercadão de Madureira, destruído por um incêndio no fim de semana. O governador Anthony Garotinho anunciou hoje que já entrou em contato com o prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde, para tratar de uma parceria entre os dois governos que permita a recuperação do espaço. O Mercadão é um dos maiores centros comerciais do município do Rio. As informações são da Coordenadoria de Comunicação Social do Estado do Rio de Janeiro.”⁶⁷

O Governador do Estado, Antony Garotinho, decretou de imediato a suspensão do pagamento de ICMS de cerca de 330 lojistas do Mercadão de Madureira, como poderemos observar pelas Portarias no anexo 1. Essa garantia, dada através de sucessivas portarias, foi fundamental para que os lojistas pudessem ganhar fôlego na busca da reconstrução de suas lojas, sendo aliviados do ônus dos tributos a serem recolhidos aos cofres do Estado.

⁶⁷ Jornal do Brasil – 17 de Janeiro de 2000 – WEB.

Além de isentar os comerciantes do pagamento do ICMS o governador Antony Garotinho se comprometeu também em destinar R\$ 3,5 milhões dos cofres públicos para a reconstrução do mercado, prometendo ao prefeito a cobertura de 50% dos recursos necessários às obras, além de se comprometer a ajudar os trabalhadores do Mercado de Madureira, fornecendo auxílio de dois salários mínimos e uma cesta básica até o término da reconstrução do local.

Aliás, era essa uma outra grande e fundamental questão a ser resolvida. A situação de milhares de trabalhadores que ficaram praticamente desempregados. Conforme também noticiaram os jornais da época, O Ministro do Trabalho, Francisco Dornelles determinou a desvinculação temporária do contrato de trabalho para os funcionários do Mercado de Madureira, que tinham carteira assinada e que recebiam até, no máximo, dois salários mínimos e meio. Segundo Dornelles, esta rescisão possibilitaria aos empregados receberem o auxílio-desemprego durante a reforma do mercado.

Entretanto, o problema social acarretado com o incêndio do Mercado estava distante de ser resolvido. Mais da metade dos trabalhadores tinham vínculos informais de trabalho e se encontravam completamente desamparados por qualquer instrumento legal que lhes pudessem garantir qualquer tipo de sustento. Tal situação tanto quanto a reconstrução do Mercado mobilizou, além dos órgãos públicos, políticos de várias esferas. As questões relativas à reconstrução foram sendo devidamente solucionadas, entretanto a questão social relativa aos trabalhadores sem vínculo empregatício acabou por não encontrar solução plausível.

“Dornelles defende desvinculação temporária para empregados do Mercado.

O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, apresentou, há pouco, a proposta de desvinculação temporária do contrato de

trabalho para os funcionários do Mercado de Madureira, destruído por um incêndio, na madrugada de domingo. Segundo Dornelles, esta rescisão possibilitaria aos empregados receberem o auxílio-desemprego durante a reforma do mercado. O presidente do Sindicato dos Empregados em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado do Rio de Janeiro, Cléber de Souza, reivindica que o benefício se estenda aos trabalhadores informais, que, segundo ele, formam mais da metade dos empregados do Mercado. A proposta do ministro, no entanto, é de que a desvinculação seja concedida apenas aos funcionários que tenham carteira assinada e que recebam até, no máximo, 2,5 salários mínimos. Uma nova reunião deverá acontecer na área do Mercado de Madureira, às 17h. Desta vez, porém, participarão apenas os lojistas, que pretendem discutir os procedimentos a serem usados na reforma do Mercado.”⁶⁸

“Ministro do Trabalho visita Mercado de Madureira.

O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, está no Mercado de Madureira, no Subúrbio do Rio. O lugar foi destruído por um incêndio no sábado. Ele está reunido com lojistas, comerciantes e presidentes dos Sindicatos locais dos trabalhadores. Ao entrar para a reunião, o ministro disse que a principal proposta que ele vai apresentar aos lojistas, e quase 20 mil desempregados é a desvinculação temporária do contrato de trabalho que autorizaria a liberação do seguro desemprego pelo tempo em que o Mercado estiver sendo reconstruído. Quanto às pessoas que não tinham carteira assinada, o ministro Francisco Dornelles acrescentou que: "eu preciso ouvir a parte técnica do Ministério, porque isso eu não conheço".⁶⁹

“O candidato à Prefeitura do Rio pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) Leonel Brizola fez nesta terça-feira, dia 22, pela manhã, a segunda visita ao Mercado de Madureira, no centro do bairro, localizado na Zona Suburbana da cidade. Brizola disse que

⁶⁸ Jornal do Brasil – 18 de Janeiro de 2000 – Site do Ministério do Trabalho.

⁶⁹ id.

tem um grande respeito por Madureira por ser um grande centro comercial de pequenas e médias empresas. Ele acredita que locais como esse merecem uma maior atenção do governo, pois o Rio de Janeiro é considerado a segunda economia do país e não se encontra em uma boa situação financeira.”⁷⁰

Uma obra orçada entre 15 e 20 milhões de reais seria impraticável se não tivesse a participação direta dos órgãos públicos. Na visão dos lojistas foi exatamente este nível de compromisso, vindo de todas as esferas públicas, que garantiu a reinauguração do Mercado de Madureira depois dos 21 meses de obras, o que para alguns superou todas as expectativas de tempo previstas.

Entretanto, segundo informação dos próprios lojistas, esse longo período não foi marcado por um namoro inabalável. O clima de insegurança e de incredibilidade era muito grande. Os lojistas sabiam que o Mercado era um espaço público extremamente importante para os órgãos governamentais, mas, desconfiavam seja da sincera disponibilidade desses órgãos em colaborar, seja da real disponibilidade de recursos ou do empenho em operar uma reconstrução em tempo recorde, pois para eles isso era fundamental.

“Fiquei surpreso com a ajuda do Governo. Não acreditava nisso. Quando aconteceu o incêndio e veio todo mundo, achei que era para aparecer. Sabe como é político, não pede a oportunidade de prometer para ganhar a confiança da gente, ainda mais que 2000 era ano de eleição, depois que eles são eleitos nem lembram da nossa existência. Se ainda fosse um Barra Shopping eu não diria nada, mas, o mercado é pro povo pobre e ninguém liga pra isso. Mas não é que eles ajudaram mesmo. Também tinham muito interesse, mesmo sendo para o povão, o Mercado fatura muito

⁷⁰ Dados noticiados pela Agência Cnol - Rio de Janeiro – RJ - em 22 de agosto de 2000.

para todos eles. Eu sei quanto pago de impostos. Eles não podiam perder isso, não é mesmo?”⁷¹

“Tivemos muita ajuda do Governo. Não sei como seria para reconstruir isso tudo sem eles. Gastaram muito aqui. Devemos muito a eles, dessa vez eles não nos desampararam. O Prefeito sempre foi muito atencioso com a gente.”⁷²

“O governo ajudou muito agente, aqui é um lugar que arrecada muito ICM e eles não podiam virar as costas pra gente, isso aqui é uma cultura, esse prédio nunca podia deixar de ser levantado de novo.”⁷³

De qualquer forma esse clima de insegurança foi se desfazendo ao longo das obras, na medida em que o prometido era cumprido. Como foi relatado ao longo das entrevistas, alguns demonstravam, durante a obra, insatisfação com a demora, (conceito de tempo difícil de precisar, quando está relacionado com as necessidades especiais de cada um), outros sempre se mostraram bastante crédulos, apostando que tudo terminaria bem.

“Nunca perdi a fé. Muitos diziam que isso ia ser obra pra mais de dois anos, eram muito pessimistas com a ajuda do governo. Mas eu sabia que tudo ia dar certo, nem Deus, nem os Orixás iam nos abandonar, afinal é para eles que fazemos nosso comércio.”⁷⁴

Esses sentimentos de desconfiança, medo, insegurança, fé e credulidade, se misturavam, norteadando e desnorteadando a vida dessas pessoas que viviam do Mercado de Madureira. Analisar tais situações é caminhar no terreno da intersubjetividade, da representação que cada um tem da interação social e do

⁷¹ Trecho de entrevista com lojista do Mercado – outubro de 2001.

⁷² id.

⁷³ id.

⁷⁴ Parte de entrevista com proprietária de loja de artigos religiosos – julho de 2002.

papel que as instituições públicas exercem na sociedade. Na realidade a imagem que muitos tinham do governo e de suas atuações foram marcadas por anos de descaso do poder público sobre os interesses do povo, sobretudo daqueles segmentos menos abastados da sociedade. Essa apreensão ficou bastante evidente no discurso de alguns lojistas. Por isso mesmo que os sentimentos de solidariedade e de desconfiança caminharam juntos, lado a lado, por todo o tempo.

“Escrever sobre cooperação e solidariedade significa escrever, ao mesmo tempo, sobre rejeição e desconfiança. A solidariedade envolve indivíduos prontos para sofrer em benefício de um grupo mais amplo e sua expectativa de que cada membro desse grupo faça o mesmo por eles. É difícil falar sobre essas questões com distanciamento. Elas tocam em sentimentos íntimos de lealdade e sacralidade. Qualquer pessoa que tenha aceito a confiança, solicitado sacrifícios ou os tenha praticado voluntariamente conhece o poder do laço social. No caso de um compromisso com a autoridade. Ódio a tirania ou algo que se situe entre esses dois extremos, o laço social é encarado como algo que se coloca acima da questão. Há resistências às tentativas de o expôr à luz do dia e de o investigar. Ele, no entanto, precisa ser examinado. Toda pessoa é afetada pela qualidade de confiança que a cerca. Algumas vezes uma firmeza simplória leva os líderes a ignorarem as necessidades públicas. Algumas vezes a confiança tem breve duração e é frágil, dissolvendo-se facilmente e resultando em pânico. Algumas vezes a suspeita é tão profunda que a cooperação torna-se impossível.”⁷⁵

A posição de Mary Douglas em seu trabalho sobre *“Como as Instituições Pensam”*, é bastante evidenciada nos acontecimentos relativos a reconstrução do Mercado de Madureira. Pode-se perceber uma grande satisfação por parte dos

⁷⁵ DOUGLAS, Mary. *Como as Instituições Pensam*. Edusp. São Paulo, SP. 1986, p.15.

lojistas em relação aos resultados obtidos e da participação do poder público nesse processo. Entretanto essa satisfação não veio desacompanhada de desconfiança ou de decepções. Além da questão trabalhista, pois não houve realmente solução encontrada para os trabalhadores informais, as ajudas dos órgãos públicos não corresponderam ao prometido em todos os níveis, ainda que não tenha se tornado menos relevante por conta disso.

“A ajuda do Governo Estadual foi de fato muito pequena, entraram com uma verba de um milhão e oitocentos mil reais, muito inferior ao que haviam prometido, na realidade quase metade do que o Governador Antony Garotinho havia se comprometido. Somente com a entrada da prefeitura com uma verba de auxílio de quatro milhões e meio de reais, e também com a execução do projeto feito pelo próprio Prefeito Luis Paulo Conde, um dos nossos maiores colaboradores, é que a reconstrução se tornou possível”.⁷⁶

⁷⁶ Entrevista com o sr. Artur Leite, Presidente da ACOGRAMM, em julho de 2002.



2001 - Fotos da obra na parte anexa.
Futuros banheiros, escada, elevador e local da administração.

2) Situação Atual e as Perspectivas para o Futuro

“Agora com essa cara de Shopping Center, não sei como vai ser não. Acho que tudo vai ficar muito caro, gostava mais de como era, gostava daquela muvuca com cara de feira, agora não tem a mesma graça, tudo ficou meio frio.”⁷⁷



2001 - O Novo Mercado: Escada Rolante

Em 6 de outubro de 2001, finalmente, o Mercado de Madureira voltou a funcionar. Ainda com a maioria das lojas fechadas, conseguiu reunir um número imenso de clientes circulando por suas galerias. A reinauguração oficial, só com a presença de autoridades políticas, lojistas, membros da ACOGRAMM e convidados especiais, tinha acontecido na véspera, no dia 05 de outubro.

⁷⁷ Parte da entrevista com o babalorixá Jason de Oxalufã, realizada após a reinauguração do Mercado de Madureira em outubro de 2001.

Muitos lojistas não tiveram tempo hábil para colocar suas lojas em funcionamento. Outros enfrentam questões judiciais para recuperar o espaço perdido no incêndio, seja por débitos condominiais, ou por problemas com os proprietários que não queriam lhes devolver as lojas.

Entretanto, de uma forma geral, as expectativas de recuperação por parte dos lojistas são muito boas. Todos, muitos esperançosos com o futuro e satisfeitos com a nova estrutura física, acreditam que o “novo” Mercado vai ser muito melhor do que o antigo. A maioria dos lojistas afirma que a sua nova cara jamais comprometerá o seu caráter popular, pois, esse se caracteriza pelo estilo das lojas, pelos preços baixos e pelos tipos de mercadorias oferecidas, e nada disso mudou.

Circulando pelo mercado durante o dia da reinauguração pude observar um grande movimento de pessoas que entravam e saíam, algumas para fazer suas compras, matando a saudade do velho centro comercial, mas, a grande maioria curiosa em ver as novas instalações.



Reinauguração – Foto da Bênção Católica – 05/10/2001



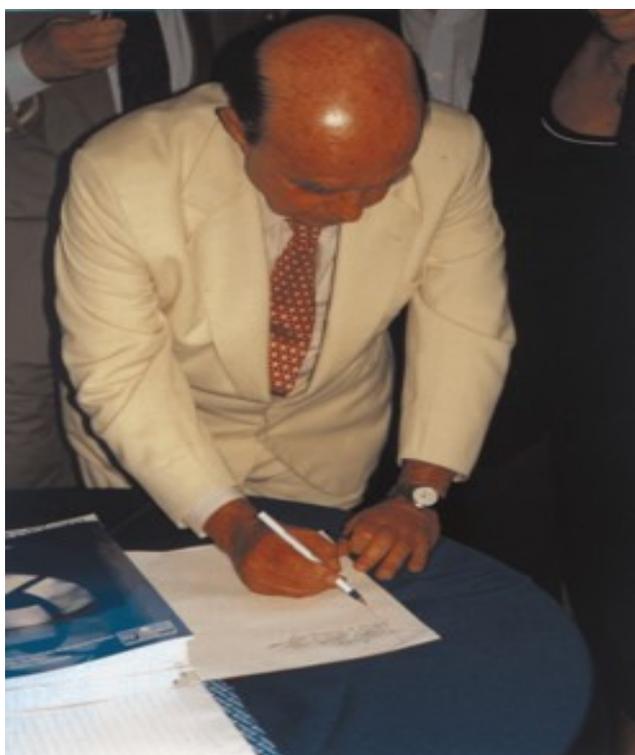
Discurso de Reinauguração realizado pelo Presidente da ACOGRAMM, Sr. Artur Leite em 05/10/2001



Cerimônia de Reinauguração em 05/10/2001.
Prefeito Luiz Paulo Conde e Deputado Francisco Dornelles.



Personalidades Políticas na Reinauguração em 05/10/2001
Governador Antony Garotinho e Prefeito Luiz Paulo Conde



Cerimônia de Reinauguração – 05/10/2001.
Deputado Francisco Dornelles assina a lista de presença.

E realmente era um novo mercado e muito mais sofisticado. O piso de granito com demarcação em duas tonalidades, a mais clara destinada a demarcar o limite em que as mercadorias poderiam ficar expostas nas partes externas das lojas, reluzia como espelho d'água. No teto tubulações de várias cores, dentro dos mais modernos padrões de engenharia, identificavam a passagem de fios elétricos, de gás e de água. Escadas rolantes para acesso ao segundo piso, área de telefones públicos, banheiros dignos de qualquer Shopping Center. Aliás, para categoria de Shopping faltavam apenas, segundo alguns lojistas, a área de lazer (cinemas, parques, teatro) e a praça de alimentação, ainda que várias lanchonetes, permitam que os clientes possam se alimentar entre uma ou outra compra.

Entretanto, outros ainda ousam em contestar algumas possíveis carências e, num tom jocoso, dizem: *“aqui não precisamos de cinemas, o Mercado já é uma grande área de lazer pra quem gosta dele.”*

De qualquer forma, o brilho nos olhos dos lojistas refletiam um certo ar misto de ansiedade e da felicidade que todo recomeço traz. Trabalharam muito para que esse dia chegasse. O cansaço da montagem das lojas foi grande, muitos viraram a madrugada para poderem abrir naquela manhã, e tudo isso estava expresso em suas fisionomias, tensas, porém felizes.

Muitas lojas ainda estavam concluindo suas montagens. Clientes, carpinteiros e arrumadores de vitrines se esbarravam nos seus interiores e nos corredores do Mercado.

Lojistas, ainda atônitos, respondiam a nossa entrevista, entrecortados pelas últimas orientações a funcionários que cuidavam de receber os primeiros clientes.

As expectativas com o novo Mercado se expressavam das formas mais distintas possíveis, entretanto todas com um mesmo tom: *“Estamos de volta e tudo vai dar certo”*.

As diversas impressões de clientes e lojistas puderam ser particularmente registradas aqui, e embora houvesse muito trabalho, todos se mostravam satisfeitos em falar, em contar um pouco de sua história e da relação com o Mercado. E nesse processo o mercado deixava de ser um conjunto de lojas para se tornar numa entidade, e quase que como uma grande pessoa essa entidade era o resumo, a concentração dos sentimentos de muitas outras e suas novas paredes ainda respiravam e exalavam a história de um passado das muitas vidas que por ali já transitaram.

“Já trabalhei como entregador de biscoitos no Mercado de Madureira. Como pai-de-santo sempre foi meu local preferido para as compra relativas ao meu culto. Variedade e preço sempre foram as marcas do Mercado, além de todo um clima de feira livre, que nos remetia aos mercados populares. Hoje está tudo mais bonito. Me sinto como num grande Shopping-Center. Mas, o mais impressionante, é que em meio a essa sofisticação a feira continua. As mercadorias expostas no corredor, marca característica do velho Mercado, nos faz sentir em casa. O luxo e o popular, em fim, se harmonizaram de uma certa forma. Para mim é o mesmo Mercado, claro que muito bem maquiado.”⁷⁸

“A nova estrutura ficou muito boa e vai ficar melhor ainda, o povo gosta de coisa bonita e essa beleza vai atrair ainda mais gente, o aspecto era feio e afastava muito.”⁷⁹

⁷⁸ Parte da entrevista com o babalorixá Robson de Oxaguiã – julho de 2002.

⁷⁹ Entrevista com lojista do Mercado em outubro de 2001.

“Tenho 20 anos de mercadão eu tinha 3 lojas agora só fiquei com uma. Perdi as outras duas, que eram alugadas, em função do incêndio. Não tenho bases para dizer se o incêndio foi criminoso ou não, só que tudo aqui estava muito ruim. Perdi muitos clientes, fora do mercadão não é a mesma coisa – o mercadão é o mercadão. Agora tá tudo muito bom, a macumba não merece isso tudo que tá aqui, tá muito sofisticado, mas, não acho que a sofisticação vai espantar a clientela. Tá tudo muito bom”.⁸⁰

“Depois do incêndio os fregueses se dispersaram. Acredito que agora os fregueses vão retornar, a nova estrutura tá muito boa, temos uma grande segurança, um espaço mais limpo, ventilação, coisas que não tinha antes, hoje eu trabalho num espaço que nunca ia imaginar que ia trabalhar, olha que estou no mercadão a mais de 30 anos, desde que eu tinha 7 anos que acompanhava meu pai aqui no Box de ervas. O mercadão popular que nós tínhamos não é mais o mesmo. Isso tá mais amplo tá mais shopping, mas o carisma das pessoas não se perdeu, as mercadorias são as mesmas, nosso espaço é o mesmo, só está mais moderno”⁸¹

Este clima de renovação e crença de que tudo ia dar certo só era quebrado, vez ou outra, por determinadas colocações que buscavam denunciar uma série de outras coisas que afligiam muitos dos lojistas no momento. A preocupação com as lojas que permaneciam fechadas era grande. Algumas não conseguiram se reabilitar em tempo hábil, outras enfrentavam uma série de questões administrativas ou judiciais que impossibilitaram seu pronto funcionamento. Por aqueles que já estavam funcionando a situação era vista de forma muito tensa e prejudicial, já que o mercadão precisava funcionar, em benefício de todos, a todo vapor.

⁸⁰ Entrevista com lojista do Mercadão em outubro de 2001.

⁸¹ id.

Um dos grandes problemas surgidos foi marcado pela disputa entre alguns lojistas inquilinos com os proprietários de suas lojas. Segundo esses lojistas alguns proprietários se aproveitaram da situação para romperem com os contratos de locação, algo que a lei permite diante de situações graves como fora a do incêndio. Entretanto, ainda que houvesse essa garantia legal, houve um compromisso moral e político, garantido pelo Governador do Estado, Antony Garotinho, que tal fato não ocorreria. Apesar disso, vários processos encontravam-se em andamento na justiça, o que justificava muitas lojas fechadas naquele momento.

“O governador acertou em uma reunião em que eu estava presente que os proprietários teriam que devolver as lojas aos inquilinos. Mas não falou se deveriam pagar o aluguel durante o período em que estavam fechadas, eu paguei o dessa aqui, mas, muita gente não pagou e não está conseguindo retornar. Tem loja lacrada que as pessoas estão brigando na justiça. A atuação do governo municipal e estadual foi muito boa eu nunca vi um governo dando tanto apoio ao pessoal do mercado, fez um obra de primeira qualidade, você pode ver o piso todo de granito, e o condomínio vai ser o mesmo, agente só vai pagar a partir de 1º de dezembro, o aluguel também não aumentou além do índice normal do governo.”⁸²

A preocupação com o encarecimento que a nova estrutura poderia trazer para a sobrevivência dos lojistas era também grande. Entretanto, todos afirmavam que tinham tido garantias por parte da administração que os preços dos condomínios não seriam alterados. Na realidade essa promessa foi cumprida e os lojistas não precisaram repassar qualquer custo adicional para seus preços. Contudo, temiam que os clientes se afastassem acreditando que diante da nova

⁸² Entrevista com lojista do Mercado em outubro de 2001.

estrutura mais sofisticada o Mercado perdesse sua característica popular. Com o novo espaço surgiram novas regras e uma delas se referiu a exposição de mercadorias fora da loja, uma característica marcante do antigo mercadão, que marcava essa cara de feira popular, o que atraía bastante a clientela, segundo alguns lojistas. A nova regra criava limites precisos, demarcados no chão pela diferença de piso (uma faixa de granito mais claro diante das lojas de cerca de 60 cm, contrastada com o granito mais escuro na área central das galerias), para ocupação de mercadorias externas, tornando as galerias mais amplas para o trânsito das pessoas. Se por um lado isso facilitava a circulação, por outro, alguns lojistas reclamavam que descaracterizava aquela forma popular com a qual o Mercadão sempre fora identificado.



2001 -Foto de uma loja da área principal detalhando a obediência ao limite imposto para exposição de mercadorias no corredor. O limite de 60 cm está demarcado pela faixa mais clara do piso de granito.



2001 – Foto do corredor da área anexa, tirada na mesma data da foto anterior, onde os produtos são expostos fora do limite permitido, demarcando a diferença em relação á área principal.

De qualquer forma, em visita posterior ao Mercado, em julho de 2002, pude observar que a faixa destinada às mercadorias externas não estava sendo precisamente respeitada e que o aspecto do Mercado, ainda que num espaço mais bonito e organizado, estava restaurado. Esse fato fez, inclusive que algumas pessoas mudassem sua visão diante do impacto causado pela reinauguração.

“No início achei que Mercado não era mais o mesmo. Agora estou convencido que não mudou muita coisa. Estou mais a vontade no novo espaço. Na época da reinauguração fiquei um pouco chocado, achando que não ia ser a mesma coisa, agora já me acostumei com a nova cara.”⁸³

“Eu tinha 3 lojas no mercado, meu prejuízo foi muito grande, eu tinha um seguro que ajudou, mas tivemos que sair daqui e as vendas caíram em 60%. Acredito que todo mundo vai conseguir

⁸³ Entrevista com o babalorixá Jason de Oxalufã em julho de 2002.

se recuperar, já estou com duas lojas montadas e vou recuperar a terceira, o governo ajudou muito, o prefeito deu o pontapé inicial para a reconstrução, agora o espaço é mais organizado, mais arejado, mais seguro. As lojas estão mais bonitas, mais agente vai poder, mesmo com algumas restrições, continuar botando nossas bancadas nos corredores das galerias, assim a cara de mercado popular continua, mais bonita, mas ainda popular, agente tem que manter os preços de sempre, algumas coisas tão até mais baratas e agora como o conforto é maior isso vai atrair ainda mais gente, além disso não existe no Brasil, talvez no mundo, um lugar que concentre tantas lojas de produtos religiosos afro-brasileiros. Isso faz que o mercadão seja mais do que um mercado, mais um ponto de encontro de gente do candomblé e da umbanda.”⁸⁴

Com a reestruturação do Mercadão uma outra situação ficou em evidência. A questão das lojas de animais há muito combatida por órgãos como a saúde pública e associações de proteção aos animais, como a SUIPA, veio para o primeiro plano das discussões. Esses lojistas sempre foram acusados de maus tratos aos animais e de que suas lojas, com baixas condições de higiene, prejudicava o comércio do Mercadão. Além do mais o tipo de comércio que praticavam sempre fora tratado com preconceito e desconfiança, já que na maioria das vezes os animais eram destinados aos ritos de candomblé e umbanda, tidos para muitos como macabros e desumanos, como podemos perceber na nota a seguir:

“O incêndio do Mercadão de Madureira de 15 de janeiro deixou centenas de animais mortos. Muitos deles eram comercializados para a utilização em ritos de umbanda e candomblé. Desde 1996 a SUIPA vinha lutando pela proibição de venda destes animais. O Centro de Controle de Zoonozes, da Secretaria Municipal de

⁸⁴ Entrevista com lojista do Mercadão de Madureira em outubro de 2001.

Saúde, já havia emitido um relatório favorável à proibição, mas a comercialização continuava. Os animais que escaparam com vida foram abrigados pela SUIPA e estão sendo cuidados pela nossa equipe de veterinários. São eles: 10 periquitos, 2 juritis, 1 sapo, 52 galinhas, 18 patos, 52 galinhas d'angola, 30 bodes, 1 carneiro e 1 pombo. Apesar da falta de espaço conseguimos alojar estes animais que conseguiram sobreviver duplamente: do incêndio e dos atos macabros dos humanos”.⁸⁵

Com a nova estrutura mais sofisticada, alguns tinham a esperança de que esse tipo de comércio fosse banido. Contudo, tais lojistas insistiram em que as melhores condições oferecidas ao Mercado como um todo, também lhes possibilitariam melhores organização e condições de higiene, afinal, segundo eles mesmos, estavam no mercado antes e tinham os mesmos direitos que os outros.

“Tenho mais de 20 anos de mercado. Não tivemos muitas perdas, pois minha loja é de bichos e a maior parte dos animais não estavam na loja, estavam no sítio. As lojas de bichos vão continuar, havia muita campanha contra as lojas de animais por causa da macumba, pois são usados para sacrifícios, mas o Mercado é do povo e nós temos os mesmos direitos. As lojas vão continuar e vão até aumentar, agora o espaço é muito mais limpo, mais organizado. Tá com cara de shopping mais não é shopping, shopping é lugar pra comprar roupa, aqui tem de tudo. Agente ta maravilhado com tudo isso e o comércio vai ser o mesmo, o movimento caiu muito, mais de 50%, quando estávamos fora do Mercado, agora vamos recuperar, os preços são os mesmos, as mercadorias também, só tá tudo com uma cara melhor.”⁸⁶

⁸⁵ Jornal do Brasil – WEB – Sessão CANIL | GATIL | OUTROS ANIMAIS.

⁸⁶ Proprietária de Lojas de animais do Mercado

A reconstrução do Mercado de Madureira não se deu de uma forma uniforme. Na época da reinauguração a parte do anexo ainda não tinha sido reestruturada. Muitos dos lojistas dessa área reclamavam da discriminação que sempre sofreram em relação à área principal. Como parte das lojas da área anexa era destinada a depósito das lojas da área principal, nunca teve grande destaque e nunca foi tratada com a mesma importância. Sendo assim, a prioridade de reconstrução não foi dada a ela.

“Tenho 20 anos de Mercado. Essa parte do Mercado não foi atingida pelo primeiro incêndio, continuamos aqui mesmo, em situação muito precária, com muitos sofrimentos e muitas lágrimas, mas com muita fé e muita garra. Tudo foi muito desesperador, me senti no meio de um barco que estava afundando, mas muita gente tava pior e a solidariedade ajudou agente a seguir em frente. Essa reformulação do Mercado é nota dez, nós temos uma síndica que essa mulher não existe, ela é poderosa, uma mulher de muita fé e muita garra, nos ajudou muito, tenho meus boxes aqui, hoje ainda estão sendo reformados, pois a prioridade era para a área principal, aliás, não podia deixar de ser, nunca fomos respeitados e aceitos pelos lojistas do lado de lá, sempre fomos considerados como comerciantes de segunda. Hoje eu estou no meio da galeria, mas a Tenda Guaiporé ainda vai ficar de pé”.⁸⁷

“Todo mundo sabe que há um enorme preconceito em relação ao Anexo. A área principal é vista como a entrada e o anexo como os fundos do Mercado”⁸⁸

⁸⁷ Dona da Tenda Guaporé – Loja de artigos religiosos, situada na parte anexa do Mercado, entrevistada em outubro de 2001.

⁸⁸ D. Eliane, secretária da Síndica do Anexo – entrevista em Julho de 2002.



2001 – Dona Júlia à frente da Loja Guaporé (Cestas e artesanato)



2001 – Boneco demonstrativo da loja Guaporé, agora quebrado e jogado ao canto, ato atribuído aos lojistas da área principal, segundo a lojista D. Júlia, o que viria confirmar o preconceito e a indiferença existentes em relação aos lojistas do anexo.



2001- Lojas do anexo usadas como galpão de estoque da área principal.



2001 - Foto de uma Galeria do Anexo



2001 – Entrada da obra ainda sendo realizada na parte anexa, depois da reinauguração do Mercado.

Uma outra questão demonstra a separação das duas áreas. Embora ambas pertençam ao conglomerado do Mercado e se situem num espaço físico contíguo, possuem administração e estatutos diferentes. Isso marca bastante uma separação que para os clientes sempre foi difícil de perceber, mas que, velada ou não sempre esteve presente nos discursos e atitudes dos lojistas.

O grande objetivo da ACOGRAMM (Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira) é o de justamente acabar com esse divisionismo promovendo a unificação do mercado. *“Nosso objetivo é de nos tornar um só o Mercado sem nenhuma distinção”*, afirma o presidente da Associação, Sr. Artur Leite.

Artur Leite vai mais longe quando diz que as dificuldades para essa unificação são provocadas pelos próprios lojistas. Muitos queriam inclusive separar as duas áreas com um paredão. A questão, segundo ele, não é

propriamente de preconceito e sim de concepções diferentes de encarar o comércio, afirmando também que os próprios lojistas da área anexa se colocam numa situação de inferioridade.

“Não existe nenhuma forma de preconceito, o preconceito está na cabeça de cada um, acho que os lojistas da área Anexa são muito acomodados e sem força de vontade para se adaptarem às mudanças”⁸⁹

Entretanto, o desejo de unificação do grande mercado enfrenta outros problemas operacionais. Muitos lojistas da área anexa não desejam essa unificação, pois, como foi relatado por vários deles, não querem sofrer as mesmas limitações quanto à exposição de mercadorias e o estoque em armazéns, sofridas pelos comerciantes da área principal. Além do mais uma única administração traria outros tipos de problemas como aumento do condomínio dos lojistas do anexo. A equiparação das lojas também poderia provocar aumento nos aluguéis e nas luvas, o que traria enorme prejuízo aos comerciantes dessa área.

De qualquer forma, apesar desses entraves o Mercado segue o seu curso. Abalado, desestruturado, mas, reconstruído pela vontade de seus integrantes, pelo espírito popular que representa, por toda a história cultural que traduz e simboliza.

O Mercado, mais imponente, segue o seu rumo e continua sendo o grande centro aglutinador de pessoas que sempre foi, o grande ponto de encontro do povo-do-santo. E assim, o Mercado dos Orixás, ímpar no Rio de Janeiro e pelo menos singular, em todo o Mundo, continua de pé, majestoso como um templo moderno.

⁸⁹ Artur Leite, presidente da ACOGRAMM, entrevista em julho de 2002.

BIBLIOGRAFIA

- CASCUDO, Luís da Camara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1993 (Reconquista do Brasil, 151). 811 p.
- BASTIDE, Roger & VERGER, Pierre. *Contribuição ao Estudo Sociológico dos Mercados Nagôs do Baixo Daomé*. In Verger e Bastide, *Dimensões de uma Amizade* - Organização: Ângela Lüihning. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 2002, p. 161-191.
- BERKENBROCK, Volney J. *A Experiência dos Orixás: Um Estudo Sobre a Experiência Religiosa no candomblé*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998, 470 p.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5ª ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2001, 361 p.
- DOUGLAS, Mary. *Como as Instituições Pensam*. São Paulo, SP: EDUSP, 1986, 141 p.
- ELIADE, Mircea & Couliano, Ioan P. *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Martins fontes, 1995 [1990]. 320 p.
- EVANS-PRITCHARD, Sir Edward E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1978, 316 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.
- FERRETI, Mundicarmo. *De Segunda a Domingo, Etnografia de um Mercado Coberto; Mina uma Religião de Origem Africana (Mercado Central de São Luís do Maranhão ou Mercado Grande)*. São Luís – MA: Sioge, 1985, 62 p.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1978, – 323 p.

LODY, Raul. *O Povo do Santo. Religião, História e Cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos*. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Pallas, 1995, 260 p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo, SP: Edusp, 2000, 194 p.

TURNER, Victor. *Dramas Sociais e Histórias sobre eles*. Xerox, tradução de Arno Vogel do original: *Social dramas and stories about them*. Publicado em *Critical Inquiry*. vol. 7, nº 1. Chicago: University of Chicago. *Autumn* 1980, 140-168 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos - PROAC/ Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPP. *Apresentação de Trabalhos Monográficos de Conclusão de Curso*. 4ª. ed. Niterói, 2000. 59 p.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. 5ª ed. Salvador, BA: Currupio, 1997, 295 p.

_____. *Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. São Paulo, SP: 1999, 615 p.

VOGEL, A.; MELLO, M.A.S. & BARROS, J.F.P. A Moeda dos Orixás. In: *Religião e Sociedade*, n.14/ 2. Rio de Janeiro: ISER, 1987, p. 5-17.

_____. *Galinha d'Angola: Iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1998 [1993]. 204 p.

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS CONSULTADOS:

- Acervo bibliográfico do NUFEP, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- Biblioteca Central do Gragoatá, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- Biblioteca do IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Biblioteca Euclides da Cunha, Ministério da Educação, Rio de Janeiro, RJ.
- Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.
- Biblioteca pessoal Prof. Dr. Marco Antonio da Silva Mello, Rio de Janeiro, RJ.

REVISTAS E PERIÓDICOS

- Revista “Mercadão de Madureira”. *Edição especial de reinauguração*. Rio de Janeiro, RJ: Acogran (Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira), 2001, 39 p.
- AGÊNCIA CNOL – RIO: 22/ago/2000 – Rio de Janeiro, RJ.
- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: 13/mar/2000, 10/mai/2000, 28/jun/2000, 30/nov/2000, 03/mai/2001, 05/jul/2001.
- JORNAL DO BRASIL: 16/jan/2000, 17/jan/2000, 18/jan/2000, 24/jan/2000, 29/jan/2000, 03/fev/2000, 07/fev/2000, 16/fev/2000, 10/abr/2000, 11/abr/2000, 15/mai/2000, 12/jan/2001, 17/jan/2001 - Rio de Janeiro, RJ.
- JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO: 17/jan/2000, 18/jan/2000 – São Paulo, SP.
- JORNAL O DIA: 16/jan/2000, 17/jan/2000 – Rio de Janeiro, RJ.
- JORNAL O GLOBO: 17/jan/2000, 18/jan/2000, 19/jan/2000 - Rio de Janeiro, RJ.

SITES CONSULTADOS NA INTERNET

- ACOGRAMM (Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira) (www.mercadaodemadureira.com.br);
- Agência Cnol (www.cnol.com.Br);
- Corpo de Bombeiros - Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro (www.bombeiros.rj.gov.br).
- Ministério da Fazenda (www.fazenda.gov.br).
- Secretaria de Estado de Fazenda do Rio de Janeiro (www.sef.rj.gov.br).
- Site dos Jornais - Notícias recolhidas no período de janeiro de 2000 a outubro de 2002:
 - Folha de São Paulo (www.folha.com.br)
 - Jornal do Brasil (www.jb.com.br)
 - O Dia (www.odia.com.br)
 - O Estado de São Paulo (www.estado.com.br)
 - O Globo (www.oglobo.globo.com)

ANEXOS

1) ANEXO 1: DECRETOS E PORTARIAS ESTADUAIS

Publicado no D.O.E. em 13.03.2000

DECRETO N.º 26.039 DE 10 DE MARÇO DE 2000

Dispõe sobre a paralisação de atividades dos contribuintes do ICMS estabelecidos no Mercado de Madureira.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições constitucionais e legais,

CONSIDERANDO o incêndio ocorrido em 15 de janeiro deste ano no centro comercial denominado Mercado de Madureira, que, em consequência ficará fechado, pelo menos, seis meses para as obras de reconstrução;

CONSIDERANDO que, no local, se estabeleciam centenas de empresas contribuintes do ICMS, o que impõe a necessidade de simplificação da obrigação tributária acessória relativa à paralisação de suas atividades;

CONSIDERANDO que o Poder Público tem de estar atento e sensível ao princípio da justiça fiscal,

DECRETA:

Art. 1.º As empresas ativas e inscritas no Cadastro de Contribuintes do ICMS, localizadas nos prédios de n.º 239 da Avenida Ministro Edgar Romero e de n.º 96 da Rua Conselheiro Galvão, no bairro de Madureira, cidade do Rio de Janeiro, componentes do denominado Mercado de Madureira, terão sua situação cadastral alterada, pela própria Secretaria de Estado de Fazenda e Controle Geral – SEFCON, para a condição de Paralisação Temporária, ficando dispensadas de formalizar a comunicação pertinente prevista na legislação tributária específica.

§ 1.º A paralisação será considerada no período de 16 de janeiro a 30 de junho de 2000, podendo a SEFCON prorrogar o prazo, caso o uso dos prédios não tenha sido liberado até aquela data ou antecipá-lo no hipótese de reabertura do Mercado antes da data final considerada.

(Nota 1: A Resolução SEFCON n.º 4.248/2000, estendeu o prazo até 30 de novembro de 2000).

(Nota 2: A Resolução SEFCON n.º 5.423/2000, estendeu o prazo até 30 de abril de 2001).

(Nota 3: A Resolução SEFCON n.º 6.301/2001, estendeu o prazo até 30 de junho de 2001).

(Nota 4: A Resolução SEFCON n.º 6.321/2001, estendeu o prazo até 31 de agosto de 2001).

§ 2.º Findo o prazo previsto no parágrafo anterior, a SEFCON retornará a situação cadastral dos contribuintes à condição de Ativo, sendo-lhes dispensada a formalização da comunicação de Reinício de Atividades.

Art. 2.º O Secretário de Estado de Fazenda e Controle Geral editará os atos que se fizerem necessários ao cumprimento deste Decreto.

Art. 3.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 10 de março de 2000

ANTHONY GAROTINHO.

Publicada no D.O.E. em 10.05.2000

PORTARIA SUCIEF N.º 071 DE 08 DE MAIO DE 2000

Divulga relação dos contribuintes localizados no Mercado de Madureira, que foram paralisados automaticamente

O SUPERINTENDENTE ESTADUAL DE CADASTRO E INFORMAÇÕES ECONÔMICO-FISCAIS, no uso da atribuição conferida pelo artigo 204, da Resolução SEF n.º 2.861, de 24 de outubro de 1997, e CONSIDERANDO o disposto no Decreto n.º 26.039, de 10 de março de 2000,

R E S O L V E:

Art. 1.º Os contribuintes do ICMS localizados no denominado Mercado de Madureira que, em decorrência do incêndio ocorrido no local em 15 de janeiro do corrente ano e do disposto no Decreto n.º 26.039/2000, tiveram sua situação cadastral alterada automaticamente para PARALISAÇÃO TEMPORÁRIA, no período de 15 de janeiro a 30 de junho, são aqueles cujas inscrições estaduais estão relacionadas no Anexo à esta Portaria.

§ 1.º Os contribuintes localizados no Mercado de Madureira e indicados no Anexo, que já haviam comunicado formalmente a paralisação de suas atividades em decorrência do incêndio, foram também incluídos na paralisação automática referida no *caput*, de forma que estão dispensados de comunicar o reinício de atividades e/ou de eventual prorrogação, que serão procedidas automaticamente nos termos do Decreto n.º 26.039/2000.

§ 2.º Os contribuintes referidos no parágrafo anterior, que porventura tenham comunicado datas de início e fim da paralisação diferentes das previstas no Decreto n.º 26.039/2000, tiveram o período da paralisação ajustado automaticamente para 16 de janeiro a 30 de junho de 2000.

§ 3.º Eventuais divergências (omissões ou inclusões indevidas) quanto aos contribuintes paralisados automaticamente relacionados no Anexo, deverão ser comunicadas pelo interessado à IFE 64.05 - Madureira que, por sua vez, após confirmar o fato, solicitará à Coordenação de Cadastro Fiscal - COCAF, por ofício acompanhado da documentação comprobatória, o acerto necessário.

Art. 2.º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 08 de maio de 2000.

LUIZ TAVARES PEREIRA
Superintendente de Cadastro e
Informações Econômico-Fiscais

ANEXO À PORTARIA SUCIEF Nº 071/2000					
Contribuintes Paralisados no Mercado de Madureira					
(Inscrição Estadual) – Total 330 inscrições					
75798466	82129448	82179445	83710292	84744174	86043955
75798539	82129553	82180052	83710519	84744360	86044005
75798628	82129642	82185240	83710918	84744654	86044110
75798830	82129944	82185852	83740647	84745200	86044854
75799330	82131248	82195572	83793376	84745545	86044919
75799357	82133410	82196145	83793414	84745561	86045079
75799446	82133577	82198520	83793570	84745804	86045214
75799470	82133976	82201394	83833580	84746452	86045230
75799535	82134409	82202560	83834129	84746479	86045338
75913656	82134948	82203583	83834293	84747173	86045524
75913710	82135758	82206027	83834463	84868027	86045532
75914202	82136878	82206051	83834609	84914258	86045664
75914598	82143122	82211519	83834684	84914622	86045702
75914717	82144250	82212094	83834692	84915319	86099942
75914776	82144358	82212574	83834714	84915440	86100010
75915187	82145540	82214062	83835109	84916021	86100134
76007632	82146180	82214747	83835540	84916595	86100347
76008051	82147640	82216103	83835559	84916862	86100533
76008086	82147721	82216863	83836504	84916935	86100568
76008221	82147837	82217053	83836830	84917087	86100576
76008434	82147888	82217622	83939826	84917133	86100940
76008442	82148892	82218718	84107905	84917567	86100991
76009430	82149694	82218890	84108308	84917958	86101432
76009481	82150161	82219455	84108715	84917966	86101955
76009503	82150811	82219870	84108774	85077732	86102099
76009597	82151257	82220208	84109754	85078488	86102420
76074186	82152032	82223215	84109797	85088386	86102498
76074224	82152423	82223320	84265055	85427237	86102552
76074232	82152466	82223568	84265462	85428071	86102560

ANEXO À PORTARIA SUCIEF Nº 071/2000					
Contribuintes Paralisados no Mercado de Madureira					
(Inscrição Estadual) – continuação – Total 330 inscrições					
76074380	82152490	82224238	84266353	85428160	86102587
76074658	82152970	82224556	84266736	85475010	86102595
76075018	82154078	82224599	84381411	85475029	86103109
76075026	82155368	82225188	84381888	85475118	86103354
76075077	82156038	82225439	84382094	85475290	86129159
77006656	82157948	82226338	84382507	85475959	86129582
77006672	82159525	82226788	84382795	85476076	86130556
77014560	82160094	82227555	84382973	85525611	86238489
81251991	82160329	82228098	84459798	85556037	86238578
81257132	82161996	82228675	84460095	85556436	86238632
81350744	82164960	82229140	84460494	85557157	86238667
81361983	82165886	82231307	84460826	85557440	86238764
81373655	82168028	82641262	84461229	85721720	86238802
81878439	82168796	83274557	84461458	85722239	86238845
82099476	82170960	83274891	84461482	85722255	86238934
82122133	82171878	83275480	84461520	85722271	86238977
82123652	82173544	83276630	84461563	85722441	86238993
82123857	82173714	83276711	84461571	85722972	86239043
82124225	82173781	83498692	84461830	85723332	86239353
82124594	82173846	83498919	84462454	85756788	86240025
82128174	82173986	83499400	84462683	85804871	86240092
82128255	82174028	83499710	84462713	85921916	86240181
82128379	82174087	83499877	84462756	85922505	86240408
82128778	82174095	83500417	84462799	85922742	86240440
82128964	82174168	83709480	84463051	85922831	86240823
82129073	82174567	83709537	84744077	85957430	86240939

Publicada no D.O.E. em 28.06.2000

RESOLUÇÃO SEFCON N.º 4.248 DE 26 DE JUNHO DE 2000

Dispõe sobre a paralisação de atividades
de contribuintes localizados no Mercado de Madureira.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE FAZENDA E CONTROLE GERAL, no uso da atribuição conferida pelo artigo 2.º do Decreto n.º 26.039, de 10 de março de 2000, e considerando que as obras de reforma do Mercado de Madureira continuam em andamento,

R E S O L V E :

Art. 1.º A paralisação temporária dos contribuintes do ICMS localizados no Mercado de Madureira, efetuada nos termos do Decreto n.º 26.039/2000, fica estendida até 30 de novembro do corrente exercício.

(Nota: A Portaria SUCIEF n.º 071/2000, divulga relação dos contribuintes localizados no Mercado de Madureira, que foram paralisados automaticamente).

Art. 2.º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2000.

FERNANDO LOPES

Secretário de Estado de Fazenda e Controle Geral

Publicada no D.O.E. de 30.11.2000

RESOLUÇÃO SEFCON N.º 5.423 DE 28 DE NOVEMBRO DE 2000

Dispõe sobre a prorrogação da paralisação temporária das atividades dos contribuintes do ICMS localizados no Mercado de Madureira

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE FAZENDA E CONTROLE GERAL, no uso da atribuição conferida pelo artigo 2.º do Decreto n.º 26.039, de 10 de março de 2000, e considerando que as obras de reforma do Mercado de Madureira continuam em andamento,

R E S O L V E :

Art. 1.º A paralisação temporária dos contribuintes do ICMS localizados no Mercado de Madureira, efetuada nos termos do Decreto n.º 26.039/2000, fica prorrogada até 30 de abril de 2001.

§ 1.º Os contribuintes que já tiverem reiniciado suas atividades, ou que as reiniciarem antes da data referida no *caput*, deverão comunicar o fato à IFE 64.05 – Madureira, que, mediante emissão e processamento do competente Documento de Alteração de Situação Cadastral – DASC, alterará a condição cadastral do estabelecimento para ativo (Habilitado).

§ 2.º O titular da IFE 64.05 – Madureira deverá acompanhar, junto à administração do Mercado de Madureira, o andamento das obras de reforma, informando à Superintendência Estadual de Cadastro e Informações Econômico-Fiscais – SUCIEF, a data de sua conclusão ou, sendo o caso, a previsão de sua continuação após a data estabelecida no *caput*, para adoção das providências pertinentes no Sistema de Cadastro (registro automático do reinício das atividades ou de nova prorrogação da paralisação).

Art. 2.º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2000.

FERNANDO LOPES

Secretário de Estado de Fazenda e Controle Geral

Publicada no D.O.E. em 03.05..2001

RESOLUÇÃO SEFCON N.º 6.301 DE 27 DE ABRIL DE 2001

Dispõe sobre a prorrogação da paralisação temporária das atividades dos contribuintes do ICMS localizados no Mercado de Madureira.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE FAZENDA E CONTROLE GERAL, no uso da atribuição conferida pelo artigo 2.º do Decreto n.º 26.039, de 10 de março de 2000, e considerando que as obras de reforma do Mercado de Madureira continuam em andamento,

R E S O L V E :

Art. 1.º A paralisação temporária dos contribuintes do ICMS localizados no Mercado de Madureira, efetuada nos termos do Decreto n.º 26.039/2000, fica prorrogada até 30 de junho de 2001.

§ 1.º Os contribuintes que já tiverem reiniciado suas atividades, ou que as reiniciarem antes da data referida no *caput*, deverão comunicar o fato à IFE 64.05 - Madureira, que, mediante emissão e processamento do competente Documento de Alteração de Situação Cadastral - DASC, altera a condição cadastral do estabelecimento para ativo (Habilitado).

§ 2.º O titular da IFE 64.05 - Madureira deverá acompanhar, junto à administração do Mercado de Madureira, o andamento das obras de reforma, informando à Superintendência Estadual de Cadastro e Informação Econômico-Fiscais - SUCIEF, a data de sua conclusão ou, sendo o caso, a previsão de sua continuação após a data estabelecida no *caput*, para adoção das providências pertinentes no Sistema de Cadastro (registro automático de reinício das atividades ou de uma nova prorrogação da paralisação).

Art. 2.º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2001.

FERNANDO LOPES

Secretário de Estado de Fazenda e Controle Geral.

Publicada no D.O.E. em 05.07.2001

RESOLUÇÃO SEF N.º 6.321 DE 03 DE JULHO DE 2001

Dispõe sobre a prorrogação da paralisação temporária das atividades dos contribuintes do ICMS localizados no Mercado de Madureira.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE FAZENDA, no uso da atribuição conferida pelo artigo 2.º do Decreto n.º 26.039, de 10 de março de 2000, e considerando que as obras de reforma do Mercado de Madureira continuam em andamento,

R E S O L V E :

Art. 1.º A paralisação temporária dos contribuintes do ICMS localizados no Mercado de Madureira, efetuada nos termos do Decreto n.º 26.039, de 10 de março de 2000, fica prorrogada até 31 de agosto de 2001.

§ 1.º Os contribuintes que já tiverem reiniciado suas atividades, ou que as reiniciarem antes da data referida no *caput*, deverão comunicar o fato à IFE 64.05 - Madureira, que, mediante emissão e processamento do competente Documento de Alteração de Situação Cadastral - DASC, fará a alteração da condição cadastral do estabelecimento para ativo (Habilitado).

§ 2.º O titular da IFE 64.05 - Madureira deverá acompanhar, junto à administração do Mercado de Madureira, o andamento das obras de reforma, informando à Superintendência Estadual de Cadastro e Informação Econômico-Fiscais - SUCIEF, a data de sua conclusão ou, sendo o caso, a previsão de sua continuação após a data estabelecida no *caput*, para adoção das providências pertinentes no Sistema de Cadastro (registro automático de reinício das atividades ou de uma nova prorrogação da paralisação).

Art. 2.º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 03 de julho de 2001.

FERNANDO LOPES

Secretário de Estado de Fazenda.

2) ANEXO 2: NOTÍCIAS DE JORNAIS

NOTICIÁRIO JORNALÍSTICO: 1º INCÊNDIO – 16 DE JANEIRO DE 2000

16/01/2000 JB - Rio de Janeiro

Fogo destrói mercadão e deixa 20 mil desempregados no Rio.

RIO - Durante 14 horas, um incêndio de causa ainda ignorada destruiu completamente um dos mais importantes centros de comércio do Rio, o Mercadão de Madureira, zona suburbana. O fogo acabou com 95% das 650 lojas e biombos do mercado, distribuídos em 40 mil metros quadrados, causando um prejuízo de R\$ 30 milhões para os 350 comerciantes do local. No Mercadão, eram arrecadados 40% dos impostos do comércio do bairro, um dos mais ativos da cidade. O prefeito Luiz Paulo Conde pretende reinaugurar o local até junho, mas ainda não tem idéia de onde virão os recursos. Não houve mortos ou feridos, mas um número incalculável de pequenos animais, presos em gaiolas no interior de várias lojas, morreu. Há suspeitas de que o fogo tenha começado bem no centro do mercado. As chamas alastraram-se rapidamente devido ao material inflamável estocado e à precariedade das instalações. O Corpo de Bombeiros usou 200 homens para combater o incêndio.

16/01/2000 JB - Rio de Janeiro

Garotinho promete recuperar Mercadão até maio.

RIO - O prefeito do Rio, Anthony Garotinho, garantiu hoje que o Mercadão de Madureira, um dos maiores centros de comércio popular carioca, situado na Zona Norte da cidade, será recuperado até meados de maio. O mercado pegou fogo e teve destruída parte da estrutura do local. As causas do incêndio ainda não foram divulgadas.

16/01/2000 – JB - Rio de Janeiro

Perícia vai tentar apurar a causa do incêndio no Mercadão de Madureira

RIO - O Corpo de Bombeiros faz, neste momento, operação de rescaldo para apagar as últimas chamas no Mercadão de Madureira. De acordo com o coordenador da Defesa Civil Estadual, coronel Jorge Lopes, há apenas focos isolados que não apresentam perigo de se alastrarem a ponto de causar um novo incêndio. Assim que os bombeiros encerrarem o rescaldo, será iniciado o trabalho da perícia, que vai tentar descobrir a causa do incêndio. O coordenador da Defesa Civil afirmou que a demora no combate ao incêndio foi causada, principalmente, pelos obstáculos formados pelos escombros do

mercado que dificultaram a chegada dos bombeiros ao foco central das chamas. Durante a operação de combate, quinze bombeiros tiveram problemas de asfixia e precisaram se retirar.

16/01/2000 – O Dia - Rio de Janeiro

Incêndio no Mercado de Madureira já dura 12 horas

RIO - Já dura 12 horas o incêndio que destruiu até agora 378 das 620 lojas do Mercado de Madureira, na zona norte do Rio. As chamas se espalham facilmente por que há materiais de fácil combustão. Os bombeiros precisaram pedir reforço a quartéis de toda a região metropolitana do Rio e tiveram que pedir água do Madureira Shopping e do Madureira Futebol Clube, por que a quantidade que havia no local não era suficiente. A Light cortou o abastecimento de luz para evitar algum curto-circuito. Não há informação sobre vítimas. Nos prédios próximos, a situação também é grave. Em um prédio na entrada do mercado, 72 famílias precisaram se retirar às pressas, muitos perdendo todos os pertences. O prédio 245 da Avenida Ministro Edgard Romero, em frente, teve quatro pilares destruídos e parte do chão cedeu. Ele foi interditado pela defesa Civil, assim como a Vila Mário Pimpa, ao lado do mercado, onde quatro casas desabaram.

16/01/2000 – JB - Rio de Janeiro

Incêndio já atinge praticamente todo o Mercado de Madureira

Neste momento, o Mercado de Madureira já está quase completamente destruído pelo incêndio que começou há mais de 12 horas. Bombeiros de quartéis do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense, de Niterói e de São Gonçalo estão no local mas ainda não conseguiram controlar as chamas, que se alastram facilmente por que há materiais de fácil combustão dentro do mercado. Calcula-se que apenas 12 das quase 640 lojas do Mercado de Madureira tenham sido atingidas. Nos prédios próximos, a situação também é grave. Em um prédio na entrada do mercado, 72 famílias precisaram se retirar às pressas, muitos perdendo todos os pertences. O prédio 245 da Avenida Ministro Edgard Romero, em frente, teve quatro pilares destruídos e parte do chão cedeu. Ele foi interditado pela defesa Civil, assim como a Vila Mário Pimpa, ao lado do mercado, onde quatro casas desabaram.

17/01/2000 – O Dia

Fogo destrói Mercado de Madureira

Um grande incêndio está destruindo o Mercado de Madureira. Há várias horas, soldados de diversos quartéis do Corpo de Bombeiros estão lutando contra as chamas no maior mercado da zona norte do Rio de Janeiro. Até o momento não há registro de vítimas, mas parte da estrutura do mercado já desabou. As lojas concentram grande quantidade de materiais inflamáveis e várias explosões já ocorreram. As causas do incêndio ainda são desconhecidas e os bombeiros temem que prédios vizinhos possam ser atingidos. Muitas pessoas tiveram que abandonar suas residências. No início da noite de ontem, um outro incêndio ocorreu no depósito da fábrica Morganite, na zona industrial de Itaguaí. Bombeiros de Itaguaí, Santa Cruz, Mangaratiba e Campo Grande lutaram contra as chamas que se propagavam rapidamente devido à grande quantidade de plástico e papelão no depósito.

17/01/2000 JB - Rio de Janeiro

Estado vai ajudar na reconstrução do Mercado de Madureira

RIO - O governo do Estado quer ajudar na reconstrução do Mercado de Madureira, destruído por um incêndio no fim de semana. O governador Anthony Garotinho anunciou hoje que já entrou em contato com o prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde, para tratar de uma parceria entre os dois governos que permita a recuperação do espaço. O Mercado é um dos maiores centros comerciais do município do Rio. As informações são da Coordenadoria de Comunicação Social do Estado do Rio de Janeiro.

Segunda-feira, 17 de janeiro de 2000 - O Estado de S. Paulo

Incêndio de 14 horas destrói 378 lojas no Rio

RIO - Um incêndio de 14 horas destruiu ontem as 378 lojas do Mercado de Madureira, maior centro de comércio popular do município. O fogo atingiu também duas galerias do prédio anexo e obrigou 200 famílias vizinhas a deixar suas casas. O incêndio, o terceiro nesse lugar nos últimos dois anos, começou em uma loja de brinquedos e rapidamente se alastrou.

O Mercado funciona há 40 anos e responde por 40% do comércio do bairro. O subprefeito de Madureira, Paulo Tarso, informou que o centro arrecada aproximadamente R\$ 1,5 milhão por mês em Imposto sobre Serviços (ISS). A maioria das lojas trabalha com artigos religiosos, de papelaria e tintas e estoca produtos de fácil combustão.

O prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde, visitou o local e prometeu liberar recursos para reinaugurar o centro comercial até junho. Ele vai solicitar ao Banco Nacional de

Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e à Caixa Econômica Federal (CEF) a abertura de linhas de financiamento para os comerciantes recomprem estoques. A prefeitura quer ainda que o Ministério do Trabalho crie um seguro-desemprego especial para os 12 mil funcionários do mercado. A estimativa é de que sejam necessários de R\$ 15 milhões a R\$ 20 milhões para serem concluídas as obras de recuperação.

Interdição - O fogo começou, às 21 horas de sábado, quando o mercado estava fechado e apenas os funcionários da limpeza ocupavam o local. As chamas atingiram dois prédios e uma vila vizinha ao centro comercial. A Defesa Civil interditou 132 apartamentos e condenou 3 das 32 casas da Vila Mário Pimpa. Um dos pilares do número 245 da Avenida Edgar Romero, em Madureira, foi esmagado. O piso do apartamento do comerciante Nilton Mônica cedeu e danificou a estrutura da sala e dos quartos. Ele estima em R\$ 3 mil somente os prejuízos com móveis e eletrodomésticos quebrados. Os moradores não poderão retornar a suas casas até que a Defesa Civil faça um levantamento minucioso das condições dos alicerces dos prédios e das residências na vila. O posto médico montado no local atendeu cerca de 30 pessoas, sendo 20 delas bombeiros com irritação nos olhos e intoxicação. Mais de 200 policiais e bombeiros participaram da operação de combate ao fogo. A principal reclamação dos moradores foi em relação à falta de água, que, segundo eles, contribuiu para que o incêndio se alastrasse. Além de 47 carros-pipa, as equipes de trabalho buscaram água nas piscinas do Madureira Esporte Clube.

O Globo - 17/01/2000 - Rio de Janeiro

Síndico diz que Mercado de Madureira cumpriu medidas de segurança

RIO - O síndico do Mercado de Madureira, na zona norte da cidade, Renildo da Silva Miranda, declarou que o mercado estava em boas condições e, em 40 anos de existência, registrou-se apenas dois incêndios. "A última vistoria do Corpo de Bombeiros foi há dois anos e todas as exigências foram cumpridas", afirmou Renildo. O síndico disse ainda que o Mercado não tinha seguro contra incêndio. O maior mercado popular do Rio foi totalmente incendiado na noite de sábado.

17/01/2001 – JB - Rio de Janeiro

Reconstrução do Mercado pode custar R\$ 15 milhões

RIO - Os comerciantes do Mercado de Madureira, que pegou fogo ontem, calculam que será preciso de R\$ 10 milhões a R\$ 15 milhões para a reconstrução do mercado. Os bombeiros só conseguiram controlar o fogo após 14 horas de operação e ainda estão fazendo o trabalho de rescaldo. O prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde, visitou o local e disse que vai pedir convocação extraordinária na Câmara dos Vereadores para solicitar a liberação de recursos para as obras do Mercado. A previsão é de que o Mercado esteja reconstruído em maio deste ano.

Quanto ao destino dos trabalhadores nesses meses de reconstrução do prédio, o prefeito acrescentou que vai requerer ao Ministério do Trabalho a liberação de verba para o pagamento do Seguro Desemprego. Conde vai tentar ainda junto à Caixa Econômica Federal uma linha de crédito especial para que os comerciantes possam repor suas mercadorias. Por medida de segurança, os moradores de dois prédios próximos e de duas casas de uma vila ao lado do Mercado foram retirados. No total, 200 famílias tiveram de deixar suas residências.

17/01/2000 – JB - Rio de Janeiro

Bombeiros continuam trabalhando no Mercado de Madureira

RIO - Os bombeiros continuam fazendo o trabalho de rescaldo no Mercado de Madureira, destruído por um incêndio, neste domingo. Ainda existem focos de incêndio dentro do mercado e o trabalho dos bombeiros deve continuar por muito tempo. Os donos das lojas estão reunidos no Madureira Futebol Club e, até as 18h, se reúnem com o prefeito Luiz Paulo Conde. A Avenida Edgard Romero, onde fica o mercado, está interditada e o trânsito está sendo desviado para a Estrada do Portela, causando um grande congestionamento. O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, vai fechar um acordo com a Associação Comercial de Madureira. Assim, os patrões devem suspender os contratos de trabalho e os empregados do Mercado de Madureira vão receber uma ajuda em dinheiro. O ministro visita as instalações do mercado amanhã.

17 de Janeiro de 2000 – O Globo.

Fogo destrói Mercadão no Rio

Rio - Um incêndio que começou anteontem, por volta das 21 h, e foi controlado ontem, às 11 horas, destruiu as 378 lojas do Mercadão de Madureira, o maior centro comercial popular do Rio de Janeiro. O fogo atingiu também duas galerias do prédio anexo e obrigou 200 famílias a deixarem suas casas. O incêndio, o terceiro dos últimos dois anos, começou em uma loja de brinquedos e se alastrou rapidamente. O Mercadão funciona há 40 anos e responde por 40% do comércio no bairro. O subprefeito de Madureira, Paulo Tarso, informou que o centro arrecada cerca de R\$ 1,5 milhão por mês em Imposto sobre Serviços (ISS). A maioria das lojas trabalha com artigos religiosos, de papelaria e tintas - produtos de fácil combustão.

O fogo começou às 21 horas de sábado, quando o mercado já estava fechado, e apenas os funcionários da limpeza permaneciam no local. As chamas atingiram dois prédios e uma vila vizinha ao centro comercial. A Defesa Civil interditou 132 apartamentos e condenou três das 32 casas da Vila Mário Pimpa. Os moradores não poderão retornar às suas casas até que a Defesa Civil faça um levantamento minucioso das condições dos alicerces dos prédios e, também, das casas. O posto médico montado no local atendeu cerca de 30 pessoas, sendo 20 delas bombeiros com irritação nos olhos e intoxicação.

18/01/2001 JB - Rio de Janeiro – Site do Corpo de Bombeiros

Calor dificulta erradicação de focos de incêndio no Mercadão

RIO - Com a ajuda de 150 homens e 17 viaturas, o Corpo de Bombeiros da Região Metropolitana constatou que ainda há focos de incêndio no Mercadão de Madureira, segundo informou o comandante Sidney Dias. A torcida, agora, é para que chova, porque o calor aumenta os focos a todo momento. O comandante antecipou que hoje à tarde o local deve passar por uma perícia, feita pelo Instituto Carlos Éboli, mas prevê que os trabalhos no Mercadão continuem até quinta-feira. Alguns lojistas estão recebendo permissão para entrar nas lojas, consideradas acessíveis pelo Corpo de Bombeiros. Alípio Ramos Júnior foi até a loja de seu pai, a Adega Ramos, e disse que a perda foi total, mas ainda não conseguiu contabilizar o prejuízo.

18/01/2000 JB - Rio de Janeiro - Site Ministério do Trabalho

Dornelles defende desvinculação temporária para empregados do Mercado - Bruno Cardoso RIO - O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, apresentou, há pouco, a proposta de desvinculação temporária do contrato de trabalho para os funcionários do Mercado de Madureira, destruído por um incêndio, na madrugada de domingo. Segundo Dornelles, esta rescisão possibilitaria aos empregados receberem o auxílio-desemprego durante a reforma do mercado. O presidente do Sindicato dos Empregados em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado do Rio de Janeiro, Cléber de Souza, reivindica que o benefício se estenda aos trabalhadores informais, que, segundo ele, formam mais da metade dos empregados do Mercado. A proposta do ministro, no entanto, é de que a desvinculação seja concedida apenas aos funcionários que tenham carteira assinada e que recebam até, no máximo, 2,5 salários mínimos. Uma nova reunião deverá acontecer na área do Mercado de Madureira, às 17h. Desta vez, porém, participarão apenas os lojistas, que pretendem discutir os procedimentos a serem usados na reforma do Mercado.

Terça-feira, 18 de janeiro de 2000 - O Estado de São Paulo

Mercadão começa a ser demolido no Rio, após incêndio - CLARISSA THOMÉ

RIO - O Mercado de Madureira, na zona norte, começou a ser demolido ontem, depois de destruído pelo incêndio que durou 14 horas e deixou pelo menos 8 mil desempregados. O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, reúne-se hoje com os lojistas para propor o cancelamento dos contratos de trabalho dos funcionários, que receberiam salário-desemprego por quatro meses e seriam readmitidos ao fim desse prazo. "Só temos o dinheiro que dormiu na carteira e não teríamos como pagar indenizações", afirmou o síndico do mercadão, Renildo Miranda. Ontem, o governador Anthony Garotinho informou que vai destinar R\$ 3,5 milhões para a recuperação do mercadão, mas defende a desapropriação do terreno. O prefeito Luiz Paulo Conde havia prometido, no domingo, reconstruir a galeria em quatro ou cinco meses, mas nada falou de desapropriação. Ontem à noite, haveria uma reunião entre lojistas e prefeito. Os comerciantes ainda não calcularam os prejuízos. No encontro com Conde, os lojistas pediriam isenção de impostos, linha de crédito - 80% dos comerciantes não têm seguro contra incêndio - e autorização para montar barracas no estacionamento do mercadão. A promessa de Conde de reconstruir o mercadão revoltou moradores dos prédios vizinhos, atingidos pelo fogo. "Pago meus impostos e não vou ser indenizada", queixou-se Flávia da Cruz Leite. Grávida de três meses, ela e o marido gastaram R\$ 15 mil para reformar o apartamento, agora danificado.

18/01/2000 - JB

Ministro do Trabalho visita Mercado de Madureira

RIO - O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, está no Mercado de Madureira, no Subúrbio do Rio. O lugar foi destruído por um incêndio no sábado. Ele está reunido com lojistas, comerciantes e presidentes dos Sindicatos locais dos trabalhadores. Ao entrar para a reunião, o ministro disse que a principal proposta que ele vai apresentar aos lojistas, e quase 20 mil desempregados é a desvinculação temporária do contrato de trabalho que autorizaria a liberação do seguro desemprego pelo tempo em que o Mercado estiver sendo reconstruído. Quanto às pessoas que não tinham carteira assinada, o ministro Francisco Dornelles acrescentou que: "eu preciso ouvir a parte técnica do Ministério, porque isso eu não conheço".

24/01/2000 – JB – Rio de Janeiro

Salário e cesta básica para trabalhadores do Mercado de Madureira

RIO (AJB) - O governador Anthony Garotinho se comprometeu a ajudar os trabalhadores do Mercado de Madureira, fornecendo auxílio de dois salários mínimos e uma cesta básica até o término da reconstrução do local, destruído num incêndio no último dia 16. De acordo com o secretário estadual de Trabalho, Gilberto Palmares, presente à reunião, o governador também analisa a isenção do recolhimento do ICMS para os pequenos empresários. "Não é justo que seja feito esse pagamento agora. A isenção do pagamento da taxa de água também será avaliada", informou. Segundo o presidente da RioUrbe, Ícaro Moreno Júnior, a remoção do entulho deverá começar quarta ou quinta-feira. Ele prevê a retirada de 35 mil toneladas de material, que irão para o depósito da Comlurb, em Bangu. O trabalho ainda não tinha sido realizado porque havia a necessidade de liberar o prédio nº 245 da Avenida Edgar Romero, que sofreu abalo estrutural. "Já recuperamos três pilares e os moradores puderam retornar. Mas ainda tem muitos escombros nas galerias", disse. A perícia só será iniciada depois da remoção. "Há risco de acidente em toda a área", explicou o perito do ICCE, que se identificou apenas como Peixoto.

29/01/2000 JB – Rio de Janeiro

Obras do novo Mercado de Madureira devem começar em 30 dias

RIO - O presidente da Riourbe, Ícaro Moreno, afirmou que até o próximo dia 27 de fevereiro as cerca de 30 mil toneladas de entulho do Mercado de Madureira, destruído em um incêndio há 15 dias, estarão retiradas do local. Ele acrescentou que nesta data já deve estar pronto o processo de licitação para a construção do novo mercado, para que as obras estejam concluídas até o final de junho. Quanto às moradias em torno do Mercado, Ícaro disse que já recuperou as estruturas de todos os cinco prédios da Avenida Edgard Romero e Conselheiro Galvão, que foram afetados pelo incêndio. E que apenas o prédio de escritórios na Rua Conselheiro Galvão, que servia de apoio ao mercado, será liberado amanhã. Das casas da vila vizinha ao mercado apenas algumas casas do lado esquerdo ainda estão com a parte dos fundos interditadas pela Defesa Civil. O presidente da Riourbe disse ainda que o entulho está sendo levado para um vazadouro da Comlurb em Bangu, Zona Oeste.

03/02/2000 JB – Rio de Janeiro

Bomba explode no Mercado de Madureira

RIO - Dois homens, em uma moto, jogaram uma bomba caseira, na madrugada de hoje, em uma das barracas improvisadas pelo comerciantes do Mercado de Madureira, no mês passado. A bomba explodiu na altura do número 156, da Rua Conselheiro Galvão, provocando princípio de incêndio. Bombeiros foram acionados para controlar o fogo.

03/02/2000 JB – Rio de Janeiro

40 cofres de lojas são arrombados no mercado de Madureira

RIO - Quarenta cofres de lojas e de um posto bancário do mercado de Madureira foram arrombados depois do incêndio ocorrido ali no mês passado. O promotor de justiça Romero Lyra oficiou à Auditoria da Justiça Militar pedindo a abertura de inquérito para apurar a responsabilidade do Corpo de Bombeiros nos arrombamentos.

07/02/2000 - JB

Arrombamento de cofres no Mercado já tem suspeitos

RIO - A violação de mais de 60 cofres do Mercado de Madureira, incendiado no último dia 16 de janeiro, já tem suspeitos. De acordo com depoimentos à polícia de vigilantes, de peritos do Instituto Carlos Éboli (ICE) e de comerciantes, bombeiros estão envolvidos. "Estas pessoas garantem que só o Corpo de Bombeiros teve acesso às lojas", afirma o

promotor Romero Lyra. Amanhã será instaurado inquérito em auditoria militar para apurar as acusações.

16/02/2000 - JB

Defesa Civil ainda não sabe o que causou o incêndio em Madureira

O foco central do incêndio no Mercado de Madureira é a maior dificuldade para o trabalho dos bombeiros que tentam combater o fogo. A afirmação é do coordenador da Defesa Civil Estadual do Rio de Janeiro, coronel Jorge Lopes. Ele acrescentou que o fogo já era grande quando os bombeiros do quartel de Campinho chegaram ao local, e que eles não dispunham de material suficiente para combater as chamas, tendo que pedir ajuda a outros quartéis. Segundo o coronel, neste momento há cerca de 80 carros de diversos quartéis do Corpo de Bombeiros. Ele não soube avaliar, entretanto, qual teria sido a causa do incêndio. De acordo com Lopes, esta informação só poderá ser levantada após a perícia. Os bombeiros ainda não conseguiram controlar as chamas.

16/02/2000 JB – Rio de Janeiro

Obras do Mercado de Madureira recomeçam na segunda

RIO - O governador Anthony Garotinho anunciou, para a próxima segunda-feira, a retomada das obras de reforma do Mercado de Madureira, atendendo a um pedido dos comerciantes feito pelo presidente da Associação, Arthur Leite.

A decisão foi tomada após reunião, pela manhã, com a secretária Extraordinária de Desenvolvimento Comunitário, Rosa Fernandes, que durante o mês de janeiro se encontrou com representantes da associação.

Segundo Garotinho, os comerciantes chegaram à conclusão de que a demora das obras por parte da prefeitura estaria trazendo grande prejuízo.

"O compromisso do governo estadual é reconstruir o Mercado e seu prédio anexo com instalações mais modernas e seguras. Após as obras, o centro comercial ficará maior, passando de 584 para 589 lojas", disse.

Está previsto nas novas instalações um dispositivo automático de prevenção de incêndio e uma nova cisterna. O projeto conta ainda com a criação de espaços entre as lojas para melhorar a iluminação e ventilação nas galerias, além de uma nova escada rolante e escada convencional.

A obra custará R\$ 2 milhões e será concluída em três meses.

Agência cnol RJ: Terça, 22 de Agosto de 2000.

Brizola visita Madureira pela segunda vez

O candidato à Prefeitura do Rio pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) Leonel Brizola fez nesta terça-feira, dia 22, pela manhã, a segunda visita ao Mercado de Madureira, no centro do bairro, localizado na Zona Suburbana da cidade. Brizola disse que tem um grande respeito por Madureira por ser um grande centro comercial de pequenas e médias empresas. Ele acredita que locais como esse merecem uma maior atenção do governo, pois o Rio de Janeiro é considerado a segunda economia do país e não se encontra em uma boa situação financeira. (Último Segundo).

CANIL | GATIL | OUTROS ANIMAIS

O incêndio do Mercado de Madureira de 15 de janeiro deixou centenas de animais mortos. Muitos deles eram comercializados para a utilização em ritos de umbanda e candomblé. Desde 1996 a SUIPA vinha lutando pela proibição de venda destes animais. O Centro de Controle de Zoonozes, da Secretaria Municipal de Saúde, já havia emitido um relatório favorável à proibição, mas a comercialização continuava. Os animais que escaparam com vida foram abrigados pela SUIPA e estão sendo cuidados pela nossa equipe de veterinários. São eles: 10 periquitos, 2 juritis, 1 sapo, 52 galinhas, 18 patos, 52 galinhas d'angola, 30 bodes, 1 carneiro e 1 pombo. Apesar da falta de espaço conseguimos alojar estes animais que conseguiram sobreviver duplamente: do incêndio e dos atos macabros dos humanos. Para que esses "hóspedes" continuem tendo boas condições de vida precisamos de algumas doações: milho, folhas de amendoeira que os bodes adoram (tem que ser com o galho, pois eles não comem se não estiver pendurado), frutas e verduras (manga, repolho, espinafre).

SINOPSE - RESUMO DOS JORNAIS

JORNAL DO BRASIL - 17/01/2000

Fogo acaba com 20 mil empregos. Durante 14 horas, do início da noite de sábado até o fim da manhã de domingo, um incêndio de causa ainda ignorada destruiu completamente um dos mais importantes centros de comércio do Rio, o Mercado de Madureira, zona suburbana. O fogo acabou com 95% das 650 lojas e biombos do mercado, distribuídos em 40 mil metros quadrados, causando um prejuízo de R\$ 30 milhões para os 350 comerciantes do local. No Mercado, eram arrecadados 40% dos impostos do comércio do bairro, um dos mais ativos da cidade. O prefeito Luiz Paulo Conde pretende reinaugurar o local até junho, mas ainda não tem idéia de onde virão os recursos. Não houve mortos ou feridos, mas um número incalculável de pequenos animais, presos em gaiolas no interior de várias lojas, morreu. (...) (pág. 1 e 14)

O GLOBO, 17/01/2000

Um incêndio que começou às 21h de anteontem e só foi controlado às 11h de ontem destruiu o Mercado de Madureira, que tinha 378 lojas. O prefeito Luiz Paulo Conde anunciou que a prefeitura gastará R\$ 3,2 milhões para reconstruir o mercado, que funcionava há 40 anos no subúrbio do Rio.

Os comerciantes disseram que o prejuízo ficará entre R\$ 10 milhões e R\$ 15 milhões. Cerca de 200 famílias tiveram de ser retiradas de prédios vizinhos e passaram a madrugada de ontem na rua. Os bombeiros informaram que só poderão esclarecer a causa do incêndio após o resultado da perícia. (pág. 1 e 15)

JORNAL DO BRASIL, 18/01/2000

O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles vai negociar com os comerciantes do Mercado de Madureira, destruído no fim de semana por um incêndio, a suspensão temporária dos contratos de trabalho dos empregados, que assim poderão receber o seguro-desemprego. Cerca de 6 mil pessoas trabalhavam nas 650 lojas incendiadas, mas só os que têm carteira assinada (80% do total) poderão ter os contratos suspensos. O Mercado só voltará a funcionar em junho, segundo o prefeito Luiz Paulo Conde. (...) (pág. 1 e 18)

O GLOBO, 18/01/2000

O prefeito Luiz Paulo Conde disse ter recebido ontem um telefonema do governador Anthony Garotinho, oferecendo 50% dos recursos de que a prefeitura precisar para reconstruir o Mercado de Madureira. (...) A ameaça de um novo incêndio ainda não está descartada. A continuarem o vento e o forte calor, o trabalho de rescaldo nos escombros deve se estender por mais dois ou três dias, segundo os bombeiros. (...) (pág. 21)

O GLOBO: Quarta-feira, 19 de janeiro de 2000

Proposta de ministro frustra empregados de mercado.

RIO - A visita do ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, aos escombros do Mercado de Madureira, destruído por incêndio no fim de semana, frustrou a expectativa de grande parte dos empregados do mercado. Dornelles propôs a suspensão do contrato de trabalho dos 6 mil funcionários por cinco meses, período em que receberiam seguro-desemprego, mas 45% deles não têm carteira assinada e, portanto, não teriam direito ao benefício. "Fora essa proposta, não tenho como enfrentar a situação", disse o ministro. Dornelles anunciou uma linha de crédito da Caixa Econômica Federal, a juros baixos, para comerciantes com empresas registradas.

18/01/00 - Rio: mercado começa a ser demolido - Jet Web - O Estadão

O Mercado de Madureira, na Zona Norte do Rio, começou a ser demolido ontem por retroescavadeiras, depois de ter sido destruído no fim de semana por um incêndio que deixou pelo menos oito mil desempregados. O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, reúne-se hoje com os lojistas para propor o cancelamento dos contratos dos funcionários, que receberiam salário-desemprego por quatro meses e depois seriam readmitidos. "Não teríamos como pagar indenizações", disse o síndico do Mercado, Renildo Miranda. O governador Anthony Garotinho prometeu destinar R\$ 3,5 milhões para a recuperação do Mercado, mas defendeu a desapropriação do terreno. No domingo, o prefeito Luiz Paulo Conde prometeu reconstruir a galeria em quatro ou cinco meses, mas sem cogitar a desapropriação. Para resolver a questão, uma reunião entre lojistas e o prefeito estava marcada para a noite de ontem. Os comerciantes ainda não calcularam os prejuízos e, numa reunião tensa e confusa, fizeram estimativas vagas sobre o número de desempregados – entre oito mil e 28 mil, incluindo empregos indiretos. A promessa do prefeito de reconstruir o mercado revoltou moradores dos prédios vizinhos, atingidos pelo fogo. "É uma injustiça: eu pago meus impostos e não vou ser indenizada, mas esses lojistas, muitos deles inadimplentes, serão ressarcidos", queixou-se a comerciante Flávia da Cruz Leite, de 23 anos.

NOTICIÁRIO JORNALÍSTICO: 2º INCÊNDIO – 10 DE ABRIL DE 2000

10/04/2000 JB – Rio de Janeiro

Mercadão de Madureira sofre novo incêndio

RIO - Um novo incêndio está atingindo nesse momento o que restou do Mercadão de Madureira. Quinze bombeiros do Batalhão de Campinho já estão no local. Eles ainda não sabem como o fogo começou.

10/04/2000 JB – Rio de Janeiro

Perícia investiga causas de novo incêndio no Mercadão de Madureira

RIO - Peritos do Instituto Carlos Éboli estão no Mercadão de Madureira para avaliar as principais causas do do segundo incêndio, em três meses, que atingiu o estabelecimento. Cerca de 15 lojas foram destruídas na tarde deste domingo. Acredita-se que o fogo tenha começado com um curto-circuito em uma das lojas. Em janeiro, um outro incêndio destruiu 300 lojas que funcionavam no local.

10/04/2000 JB – Rio de Janeiro

Continua trabalho de rescaldo no Mercadão de Madureira

RIO - Os bombeiros continuam fazendo o trabalho de rescaldo no Mercadão de Madureira (Zona Norte), onde na tarde deste domingo sofreu novo incêndio. Segundo os bombeiros, cerca de 20 lojas da galeria M, que não tinha sido atingida pelo incêndio que destruiu o Mercadão em janeiro último, foram queimadas.

O incêndio só foi controlado por volta das 19h e causou transtornos e pânico aos comerciantes e moradores do local. Todo o quarteirão da Rua Conselheiro Galvão, em frente do Mercadão teve que ser interditado. Não houve registro de vítimas.

Terça-feira, 11 de abril de 2000

Incêndio no Mercadão é investigado

As causas do incêndio que no domingo atingiu a galeria M, no anexo do Mercadão de Madureira, serão apuradas hoje, pelos técnicos do Instituto Carlos Éboli. O fogo, que começou às 16h30 e levou três horas para ser debelado, atingiu 15 das 28 lojas - cinco ficaram totalmente destruídas. "Vamos fazer o escoramento da laje e das vigas para que o anexo volte a funcionar logo", disse ontem o presidente da RioUrb, Ícaro Moreno Júnior. Segundo o 8º Batalhão do Corpo de Bombeiros (Madureira), responsável pela operação de rescaldo na manhã de ontem, havia irregularidades na galeria M, como fiação exposta, a caixa de armazenamento do sistema de energia era de madeira, - inflamável e

facilmente violada - e a localização do material estocado pelos comerciantes representava risco de incêndio. "Eles guardam papel embaixo da janela. Se alguém joga um fósforo da rua, pega fogo", exemplificou o sargento-bombeiro Jorge Luiz Mattos, lembrando que os comerciantes continuam cometendo os mesmos erros observados em janeiro quando o Mercado pegou fogo.

15/05/2000 – JB – Rio de Janeiro

Bombeiros conseguem controlar novo incêndio no Mercado de Madureira

RIO - Os bombeiros conseguiram controlar agora há pouco o incêndio no anexo do Mercado de Madureira, na Zona Norte do Rio. A área que está em chamas, com 120 lojas, não havia sido atingida pelo fogo no dia 15 de janeiro, quando aconteceu o primeiro incêndio do Mercado, deixando 20 mil pessoas sem emprego. Calcula-se que as chamas tenham atingido hoje cerca de 25 lojas das galerias J, K, L e M.

15/05/2000 – JB – Rio de Janeiro

Bombeiros fazem rescaldo de mais um incêndio no Mercado de Madureira

RIO - Trinta bombeiros dos Quartéis de Campinho, Penha e Irajá estão fazendo o trabalho de rescaldo da loja Só Móveis, no Mercado de Madureira, que pegou fogo na madrugada de hoje. O incêndio começou por volta de 2h48 e só foi controlada por volta de 4h30, destruiu o pavilhão superior da loja e quase atingiu os apartamentos do edifício que fica acima da casa comercial.

Os moradores vizinhos ao Mercado tiveram que deixar os seus prédios até que as chamas estivessem sob controle. Dois carros autotanques e um carro-pipa foram necessários para realizar a operação. Há suspeitas de que um curto-circuito teria provocado o incêndio, mas os bombeiros ainda não sabem indicar com precisão nem a hora e nem como o fogo começou a se alastrar. Alguns moradores disseram que começaram a sentir o cheiro de queimado por volta das 23h da noite passada.

Esse é o terceiro incêndio que acontece no local em menos de cinco meses. Além da preocupação com a segurança, os proprietários dos apartamentos que se encontram próximos ao Mercado de Madureira já começam a ficar temerosos com relação à desvalorização de seus imóveis.

NOTICIÁRIO JORNALÍSTICO: 3º INCÊNDIO – 12 DE JANEIRO DE 2001

12/01/2001 JB – Rio de Janeiro - Sâmara Ibanez

Incêndio no Mercado de Madureira foi provocado por curto-circuito

RIO - O comerciante Júlio Alberto Corrêa, dono de uma papelaria no Mercado de Madeira, na Zona Norte, sofreu mais um prejuízo. No primeiro incêndio, em 15 de janeiro, o fogo destruiu sua loja, provocando perdas calculadas em R\$ 400 mil.

Desta vez, o fogo não consumiu totalmente a papelaria, mas a água dos carros-pipa dos bombeiros danificou todo o material. O comerciante estima a perda de R\$ 70 mil.

Segundo o comerciante, o fogo começou por volta de meia-noite, depois de um curto-circuito numa loja de embalagens plásticas no segundo andar do prédio anexo, se espalhando pelas outras cinco lojas - de condimentos, material para festas, artigos de papelaria e laticínios.

"O prédio anexo é muito antigo e toda a instalação elétrica está desgastada", explicou Júlio.

O comerciante disse ainda que não voltará a abrir a papelaria no prédio anexo e vai esperar a conclusão das obras de construção de 452 lojas da parte do Mercado destruída no primeiro incêndio.

A Associação Comercial do Grande Mercado de Madureira realiza na próxima segunda-feira, dia 15, às 9h30, uma missa em ação de graças na Igreja de São Brás, em Madureira, pela construção das lojas do Mercado de Madureira. O evento contará com a presença do prefeito César Maia e de secretários municipais.

Este foi o terceiro incêndio do Mercado em menos de um ano.

12/01/2001- JB – Rio de Janeiro

Incêndio destrói oito lojas do Mercado de Madureira

RIO- Um incêndio destruiu oito lojas do Mercado de Madureira, o maior centro comercial do subúrbio do Rio de Janeiro. O fogo começou às 0h30m, no segundo andar do prédio anexo. Bombeiros de três quartéis e pelo menos dez caminhões-tanque levaram 40 minutos para controlar o incêndio nas lojas, que vendiam material plástico, artigos de papelaria e de umbanda.

As causas do incêndio ainda serão investigadas pela perícia. Ninguém ficou ferido. É a terceira vez que o Mercado de Madureira é atingido pelo fogo. A última foi em janeiro do ano passado.

17/01/2001- JB – Rio de Janeiro - site da Prefeitura do Rio de Janeiro

Prefeitura promete ajuda a moradores vizinhos ao Mercado de Madureira

RIO - O presidente da RioUrbe, Ícaro Moreno, declarou, há pouco, que os moradores de áreas próximas ao Mercado de Madureira, no Rio de Janeiro, terão seus prejuízos avaliados pela Prefeitura. "Nós ajudaremos na reconstrução das casas e apartamentos", afirmou Ícaro. Um incêndio de razões ainda ignoradas destruiu completamente o Mercado de Madureira, na zona suburbana, acabando com 95% das 650 lojas e biombos do mercado.

3) ANEXO 3: MODELOS BÁSICOS DE ENTREVISTAS APLICADAS

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E CIÊNCIA
POLÍTICA

PESQUISA PARA TESE DE MESTRADO
ORIENTADOR: PROF. DR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA MELLO
MESTRANDO: CARLOS EDUARDO MARTINS COSTA MEDAWAR

PESQUISA ETNOGRÁFICA I

ENTREVISTA COM USUÁRIOS: PAIS DE SANTO E MEMBROS DE
TERREIROS

- 1) Você utilizava as lojas do Mercado de Madureira?
- 2) Em que lojas você fazia suas compras mais freqüentemente?
- 3) Você teve algum tipo de transtorno na época do incêndio?
- 4) A ausência do mercado trouxe alguma diferença para os seus trabalhos?
- 5) No processo iniciático quem faz ou quem acompanha as compras do lawô?
- 6) Para as obrigações de tempo, como funciona a relação entre iniciado e o mercado?
- 7) Você sentiu alguma alteração de preços em relação à ausência do mercado?
- 8) Quais as alternativas que você encontrou para fazer suas compras sem o mercado?
- 9) Ao que você atribui o incêndio do mercado de Madureira?
- 10) Com a reconstrução, como ficou o novo mercado para você, quais as suas expectativas em relação ao novo Mercado?

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E CIÊNCIA
POLÍTICA

PESQUISA PARA TESE DE MESTRADO

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA MELLO
MESTRANDO: CARLOS EDUARDO MARTINS COSTA MEDAWAR

PESQUISA ETNOGRÁFICA II

ENTREVISTA COM LOJISTAS

- 1) Há quanto tempo você possuía loja no Mercado?
- 2) Você estava satisfeito com o movimento do mercado?
- 3) Que tipos de transtornos você teve na época do incêndio?
- 4) Você continuou com sua loja em outro espaço após o incêndio?
- 5) O novo espaço substituiu satisfatoriamente o anterior ou trouxe maiores dificuldades?
- 6) Você sentiu alguma alteração de preços em relação à ausência do mercado?
- 7) Com a reconstrução, como ficou o novo mercado para você, quais as suas expectativas em relação ao novo Mercado?
- 8) Você pretende retornar para o mercado? Por quê?
- 9) Ao que você atribui o incêndio do mercado de Madureira?
- 10) Para você como foi a atuação do poder público diante do incêndio e de suas consequências para os comerciantes?

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E CIÊNCIA
POLÍTICA

PESQUISA PARA TESE DE MESTRADO

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA MELLO
MESTRANDO: CARLOS EDUARDO MARTINS COSTA MEDAWAR

PESQUISA ETNOGRÁFICA III

ENTREVISTA COM USUÁRIOS DIVERSOS

- 1) Você utilizava as lojas do mercadão de Madureira?
- 2) Em que lojas você fazia suas compras mais freqüentemente?
- 3) Quais as alternativas que você encontrou para fazer suas compras sem o mercadão?
- 4) Você sentiu alguma diferença nos preços nesses novos locais que passaram a substituir o mercadão?
- 5) Ao que você atribui o incêndio do mercadão de Madureira?
- 6) Com a reconstrução, como ficou o novo mercadão para você, quais as suas expectativas em relação ao novo Mercado?